

cartas	4
vortex	6
mosaico	16
olho do arco-íris	48
grrrls	50
arquivo mott	51
música	52
cinema & vídeo	56
etcetera	58
ponto final	66

SuiGeneris

1998 • ano IV • nº 30

diretor de redação

Nelson Feitosa

editora

Roni Filgueiras

editor de moda e beleza

Rogério S.

editores contribuintes

André Hidalgo (Vortex)

Paulo Reis (Mosaico)

repórteres

Marcos Mazzaro

Ronald Villardo

colunistas

Gilberto Scofield Júnior

João Silvério Trevisan

Luiz Mott

Paulo H. Longo

Vange Leonel

fotógrafo

Adelson Brasil

projeto gráfico

Felipe Taborda

Renata Monteiro

designers assistentes

Andrea Bezerra

Alex Northfleet

Priscila Andrade

colaboradores

Cabbé Araújo, Christian Gaul, Duda Carvalho,

Marcelo de Moraes, Sérgio Cabral, Sheila

Bierrenbach, Silvio Pozatto, Vicente de Paulo

SuiGeneris (ISSN 0104-8244) é uma publicação mensal

da SG-Press Editora Ltda. Rua Santa Clara 307,

Copacabana, Rio de Janeiro, CEP 22041-010. diretor

administrativo José Viterbo F. secretária da redação

Eliane Marques (021) 235-4537. fax 235-0743. publi-

cidade RJ Christina Verone (021) 235-4537. publici-

dade SP Porto Brasil (011) 251-5837/284-7741. pub-

licidade PR e SC Wellington Bueno (041) 263-4164.

promoção Cabbé Araújo. fotolitos Mergulhar.

impressão Gráfica Edilouro. distribuição Fernando

Chinaglia (021) 575-7766

Central de assinantes (021) 256-5967

As opiniões emitidas são de responsabilidade de

seus autores. Não nos responsabilizamos por mate-

rial de qualquer natureza enviado sem solicitação. As

pessoas que escrevem e trabalham para SuiGeneris

são gays, lésbicas, bissexuais, heterossexuais ou

abstêmias. Na falta de declaração explícita sobre a

orientação sexual de qualquer indivíduo mencionado

ou envolvido em algum material publicado, não deve

ser tirada qualquer conclusão precipitada a esse

respeito. Todos os direitos reservados.

Clóvis Bornay

Casos e lendas da memória viva do carnaval

22

Você Decide

Duas atrizes héteros ganham o público em papéis gays

26

Moda

Visual rural com estilo e atualização urbana

28

Capa

Astro, das oito para tudo num strip em Copacabana

34

Maurício Branco

Ator alega inocência e se prepara para ser Pareja

44



O MAIOR PAÍS DO MUNDO

Um gringo austríaco recém-instalado na areia esticou o corpo — que era bem, mas quase verde — e disse que adorava o Rio porque todos os homens eram gays. O povo em volta pulou nas cadeiras. A amizade com ele vinha de outros verões, pois tratava-se de biba migratória muito fiel ao sol brasileiro. O que não impediu ninguém de ficar passado. Um por um, todos reagiram como se houvesse ali um inseto esverdeado, pousado na toalha de praia, que pudesse ser esmagado com palavras.

A biba mais próxima, americanizada (daqueles com boné, músculos e bermudão), foi logo o primeiro a discordar, caprichando na retórica. "Ah que interessante! O Brasil então é um país de sádicos ou 'homocidas', porque gays sacaneiam ou matam seus semelhantes. Did you know that, 'Mr. everybody is gay'?"

O cara ao lado, do tipo europeizado logo atlético — armado com os óculos escuros de 300 dólares e a inseparável água-mineral (dizem que aprendeu a se hidratar com o namorado francês, mais gostoso que o marido da Débora Bloch) —, apelou para diferenças culturais. "Pura impressão, aqui tem gays como em qualquer lugar, o povo só é mais à vontade."

Foi o suficiente para irritar o estrangeiro.

Ele que generalizou só para destacar a alegria em reencontrar a vida gay da cidade; diante da veemência contra sua frase desprezível, passou a defendê-la como se verdadeira.

"Não! Não! Não!", bradou em português, grunhindo nos "ãos". Fez uma pausa de efeito... E, viajado, derramou exemplos, segundo ele, que só ocorrem de forma expressiva neste pedaço do planeta: os homens se seduzem o tempo todo; só aqui eles usam tanta sunga na praia; cuidam e exibem o corpo; gostam de ostentar a virilidade para qualquer sexo; mesmo cercado de mulher bonita fumando, os caras sempre lhe pedem fogo; no hotel lhe deram uma cantada já no segundo dia; os garotos nas boates sempre se dizem heteros, mas depois transam e, por fim, os homens olham de forma sexual para ele nas ruas, sejam gays, bofes, homens de farda, com mulheres ou filhos no colo...

"É porque você é esquisito", ofendeu a biba tropical, até então calado, com seu abdome em ondas, sunga ajustada com a perfeição de segunda pele, o corpão bronzeado no tom que teria um sem-teto de Ipanema, e, obviamente, descalço. "Quero dizer, estrangeiros despertam olhares curiosos."

"Ou porque você é branco demais, quase verde", disse outro. "Ou louro de dar pena", completou mais um. "Ou porque querem se aproveitar, gringos são ingênuos", argumentou alguém. "Pode ser esse seu jeito afeminado, vocês europeus dão pinta em

qualquer lugar, o pessoal estranha", acusaram. "Acho que eles olham porque você encara todo mundo primeiro."

A biba argentina, outra migratória fiel (peito magro, cabelos longos, ondulados e mal tratados, usando acessórios e shorts), mudou o rumo do violento complô contra o solitário europeu. Contou que em seu país brasileiros têm fama de megalômanos. E explicou: "A brasileira é a mulher mais bonita do mundo; o Amazonas, o maior rio do mundo; o carnaval, o maior espetáculo da Terra; as praias, as mais belas do mundo; o Rio, a cidade maravilhosa; a Amazônia, a maior floresta do mundo..."

Ninguém gostou do tom da biba, exceto o austríaco, indiferente às nossas picuinhas continentais. "Se tudo aqui se torna superlativo, por que não ser também o país mais gay no mundo?", provocou o argentino. "Outros devem pensar tal qual o gringo. Com um pouco de marketing pode virar até verdade. Qual era mesmo a afirmação dele?"

"Todos os homens aqui são gays", respondeu, irritado, a biba europeizada. "E não o chame de gringo, aqui não é sua casa." E, de repente, baixou um silêncio, que a biba tropical, de sangue quente, interrompeu logo: "Que os heteros não nos ouçam, mas será que isso cola?"

"Por que não? O contrário não foi sempre a regra?", filosofou o americanizado. "E nunca foi verdade, né meu bem!" ■

Colaboradores



O carioca **Duda Carvalho** tem 30 anos e formação em Comunicação Visual. Hoje, fotografa principalmente para campanhas publicitárias, moda e arquitetura de interiores, uma de suas especialidades. A edição de 97 da respeitada *Graphis Photo* selecionou um de seus ensaios. É dele nosso editorial de moda.

Capa. A perfeição de Eduardo Moscovis no ensaio fotográfico assinado por Múrcio Meirelles, na Avenida Atlântica, no Rio. Coordenação de moda de Rogério S.

José Viterbo F.

cartas

Dragmaníaco

Comprei a SG agora há pouco, após sair da Fundação Progresso com meu namorado e pude ver publicada minha carta pedindo uma matéria com a Silvetty Montilla (Cartas - SG29). Já havia comprado a *Homens* para ler justamente a matéria com ela, mas fiquei decepcionado. Só meia página!!! Por que não fazer uma entrevista por Erika Palomino, mais abrangente, falando sobre o segundo ano do Alerta Caridais, religião, bofes, infância e futilidades. Sobre o bate-papo com Bruce LaBruce, vocês leram meus pensamentos, pois há tempos que eu gostaria de vê-lo na revista. Digam para o Marcelo de

Moraes que adoro a *Homens* e sua coluna de música na SG, e para ele não esquecer do Prodigy, Toddy Terry, Orbital, Ministry etc.

Finalmente, gostaria de dar as boas-vindas ao Luiz Mott, que reaparece na revista em boa hora, e desejar um 1998 com muita paz, saúde e respeito, dignidade, luz, amor e sobretudo mais sucesso para toda a equipe da SG.

Pontes Maciel
Rio de Janeiro - RJ

Momento divã 2

Li na seção de cartas da SG 24 sobre o nosso amigo Francimar. Sinto na pele o que ele está passando, pois tenho um forte bloqueio em expressar meu afeto, e, por causa desse medo, hoje sou totalmente inexperiente. A única diferença é que sou mulher. Quando identifico uma parceira

em potencial, sinto meu estado de tensão e bloqueio somatizando e não consigo nada. Como posso mudar isso? Podem indicar algum profissional da área terapêutica que seja gente nossa ou pelo menos simpaticante

Wili
São Paulo - SP
Wili, os profissionais presentes no Etcetera talvez possam ajudá-la. Ligue pra eles.

Grampo

Meus pais não sabem que sou gay, mas desconfiam. Estou praticamente com 20 anos e nunca namorei sério. Tive um casinho com um corista do meu coral, mas durou coisa de três meses porque ele me largou por uma garota. É mole? Sempre soube que meu negócio era homem, mas vocês sabem como é difícil ser gay no Brasil. Durante todo este tempo venho afogando

meus sentimentos sem poder reparti-los com alguém. Foi aí que encontrei o SuiGeneris Club na revista, mas não posso usar o telefone da casa onde moro, pois é de favor (sou adotivo). Quando vier a conta, minha mãe vai desconfiar; ela é daquelas que liga de novo para saber do que se trata. Estou louco pra ligar, quem sabe eu não arrumaria um namorado... Tem alguma outra maneira de usar o serviço? Vou prestar vestibular, sou regente de um coral por aqui e ainda trabalho. Por favor me ajudem a arrumar um namorado.

J.M.M.

Ribeirão Preto - SP
J., não há outra forma de usar o SuiGeneris Club. Mas já que você pede uma sugestão, aí vai: diga à sua mãe que fará uma despesa de correio por meio do telefone, mas para ela não se preocupar, pois quando vier a conta você pagará (nela vai aparecer "troca de correspondência"). Tudo bem, porque você trabalha e pode, né não? Se depois ela ligar e descobrir que se trata de um clube de amizades gays e lésbicas, melhor. Quem procura, acha. Caso julgue isso tudo arriscado, não vemos alternativa para que você use o serviço. Esquece e fica aí quietinho no armário mesmo, adiando sua vida e poupando pessoas que não lhe poupam; aliás, que nem deixam você usar o telefone.

Processo de exclusão

Há alguns meses fui convidado a participar de um processo seletivo, para a área de telemarketing de uma das maiores seguradoras do país. Fui bem em todas as etapas e uma das selecionadoras até elogiou meu desempenho. Para minha surpresa, a empresa não me contratou. Desculpando-se a selecionadora disse ao telefone: "Apesar de você ser discreto, os testes grafológicos evidenciaram tendências ao homossexualismo. Você se enquadra às necessidades da empresa, mas não aceitamos homossexuais. Sinto muito."

Américo

São Paulo - SP

Américo, por que sua carta omitiu o nome da seguradora? Escreva ou telefone para a Redação para que possamos publicar qual delas não deveria ver a cor do di-nheiro de gays e lésbicas.

Altos e baixos

Que tal uma matéria com os eternos excluídos? Como quais? Ora, os gordinhos, os mais velhos... que por serem postos de lado, e ainda por cima gays, são muitíssimo mais discriminados neste mundo maravilhoso onde todos tem 50cm de bíceps. Gostaria de ver a mim mesmo retratado numa matéria, visto que quase todos os tipos de gays já o foram. Ah! Vale também uma matéria sobre bissexuais.

nemorino@starmedia.com

Todo dia

Ficaria muito grato em saber se são duas ou apenas uma *SuiGeneris* por mês? Eu, sinceramente, devoro a revista em duas horas, por mim poderiam ser duas. Quero aproveitar e elogiar as matérias publicadas, com um porém. A revista deve sempre abrir o horizonte das pessoas. Ao meu ver, vocês estão chegando lá. Mas, talvez, não deversem publicar entrevistas sem nexos como a com o Guilherme Leme (SG 26). Nada contra o ator, porém os assuntos debatidos por ele e com ele eram coisa de lava-deira. (P.S. Sou analfabeto, mas meu filho lê as revistas para mim.)

José Suém

Guabiruba - SC

José, sai uma revista nova por mês. Neste verão, tem também uma edição especial de moda nas bancas. Sobre suas críticas, vamos sempre tentar melhorar a qualidade da Sui. (Hei, você! Filho do seu José que está lendo a carta pra ele, que dupla bacana vocês fazem, heim!)

Viva Vera

Fiquei surpreso com a sinceridade do humorista e ator Jorge Laffond (SG 25). Ele é um vencedor nesse nosso país hipócrita e cheio de preconceitos. Para ser franco, sentia certa antipatia por ele, talvez por causa da exibida personagem Vera Verão. Bem, eu virei seu fã.

Elias Luz

São Paulo - SP

Saindo do forno

Quero deixar explícita a minha indignação por ser assinante da SG por quase um ano e a revista sempre chegar primeiro nas bancas de jornais, e só depois na minha

casa. Caso eu continue a receber com atraso, não renovarei minha assinatura.

Marcelo V.

Rio de Janeiro - RJ

Marcelo, a vantagem de assinar a SuiGeneris é o conforto, você recebe a revista em casa, sem perder nenhuma edição, mesmo quando ela acaba nas bancas. A assinatura também atende leitores que moram em cidades isoladas onde não há distribuição. Existem casos de gente que assina porque não tem coragem de comprar na banca (é ridículo, mas real).

O assinante também recebe ocasionalmente encartes de descontos em teatros, boates... e 12 revistas, mas só paga dez. Estas são as vantagens oferecidas, mas não garantimos a entrega antes da chegada da edição nas bancas de Rio e São Paulo. Os exemplares dos assinantes são distribuídos pelo Correio, postados no mesmo dia em que a Distribuidora Fernando Chinaglia recebe as revistas que vão para as bancas. A distribuidora tem sido mais rápida, mas isso não é exclusividade nossa. Todas as revistas que assinamos aqui na Redação chegam primeiro nas bancas e depois por aqui, com exceção de poderosas como Veja e IstoÉ.

Dois 'ves'

Tenho 18 anos, sou estudante e gostaria que vocês falassem mais sobre pessoas que descobriram sua opção sexual há pouco tempo. Nunca tive relacionamento com ninguém, sou bem feminina e gostaria de saber como reconhecer uma pessoa como eu. Peço o endereço dos locais que gays e lésbicas costumam frequentar por aqui. Se não publicarem essa carta devolvam para o mesmo endereço.

Drica

Piracicaba - SP

Adriana, o único jeito de descobriremos os endereços dos lugares de frequência gay em cidades como a sua é com a ajuda de leitores que nos escrevem dando dicas. Vamos aguardar uma força de um leitor de

Piracicaba. Com relação a devolver a carta, fora de cogitação. Já pensou se fôssemos devolver todas as cartas que recebemos? Não faríamos mais nada. Mas fique tranquila, seus dados estão seguros.

Não gostei

Escrevo para consertar um trecho da minha fala na reportagem *Confissões de Adolescentes* (SG 28). Ao contrário, tenho amizades com todas as pessoas independente de

suas orientações sexuais. Também quero criticar a forma negativa e pessimista como fizeram

a entrevista em si. Homossexuais estão passando pelos mesmos problemas, sejam eles adolescentes e até "velhos". Mas elogio as reportagens *Picadeiro Levado a Sério*, *Direito à Indiferença*, *A Verdade Está Lá Fora* e *Chicotinho e Salto Alto*, esta última principalmente por falar de Guinevere Turner (linda!).

Juliana Chavarry

Rio de Janeiro - RJ

Juliana, suas palavras foram reproduzidas com fidelidade. Mas se não representam seu pensamento, está feito o reparo. Discordamos da leitura pessimista da reportagem, que celebrava o número crescente de adolescente vivendo fora do armário. Assumir-se é o caminho para uma vida digna e feliz, mas isso não se dá sem dificuldades, e elas não foram ignoradas no texto. Quanto a velhos e adolescentes viverem os mesmos problemas, é assunto para outra matéria. — Marcos Mazzaro

Erramos!

A entrevista Um Provocador na Rota do Mainstream, na SG 29, está errada ao afirmar na abertura que o cineasta Bruce LaBruce transformou Tony Ward numa celebridade do showbiz norte-americano. Também não foi mérito do seu filme *Hustler White* catapultá-lo para campanhas publicitárias e para a cama de Madonna. Tony namorou a cantora em 90, época do clip de *Justify my Love*, no qual aparece, e antes disso já era conhecido como modelo.



← **GAY NEWS** Matthew McConaughey é uma das caras novas mais sedutoras de Hollywood. Ele tem um belo par de olhos azuis e tentou seduzir Jodie Foster (logo quem) no filme *Contato*, em que ele interpretava um religioso conservador. Ele vem aí num filme novo, chamado *Amistad*, ainda sem título em português. Prepare-se para desfrutar do carão de Matthew, cuja fama de gay já atravessa fronteiras. Talvez ele seja mais um daqueles closet cases tipo "ator-famoso-e-bonito-que-não sai-do-armário", tão comuns no Brasil.

vortex

↓ **MIX GARAGE** Pegue uma batida house, junte uma linha de baixo drum'n'bass e você terá a mais nova febre londrina, a speed garage. Dizem que o balaco surgiu a partir do remix que Armand Van Helden (foto) fez para *Sugar is Sweeter* de C. J. Bolland. Mas quem encabeça o novo movimento é a dupla Tuff Jam, leia-se Matt 'Jam' Lamont e Karl 'Tuff Enuff' Brown. Todavia, nem tudo são rosas no mundo dance. Tony Humphries, do lendário clube Paradise Garage, em New Jersey, de onde a garage surgiu, reclama: "Speed garage é um termo usado por pessoas que não entendem ou respeitam o que é a garage music". Então, tá.



← **AMBIGUIDADE FASHION** A famosa griffe italiana de roupas e acessórios Diesel, conhecida por vincular seus produtos a imagens ousadas e provocantes, acaba de lançar sua fragrância. Em embalagem branca, o perfume explora a ambigüidade sexual. Embaixo d'água, um homem e uma mulher, meio anfíbios, meio anjos, fazem uma campanha promocional do produto.



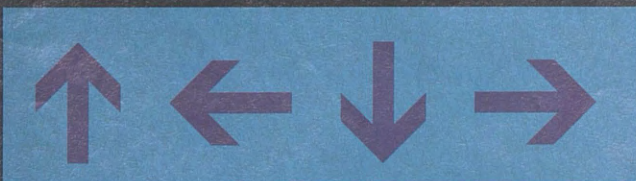
← **JOGADOR FRIENDLY** Danny Blind foi um dos apresentadores do Gay Pride Weekend, em Amsterdam. Ele é um dos jogadores de futebol mais famosos da Holanda e joga no conhecido time Ajax. Não aceita convites para eventos de qualquer natureza a não ser que seja pago. Não foi o caso. Apesar de não ser gay, adorou saber que o Ajax tem fãs gays, e defende que os jogadores homossexuais deveriam sair do armário: "entendo que deve ser difícil, imagine só as pessoas do time adversário no estádio te chamando de nomes feios, só porque você declarou que era gay. Seria muito ruim". De toda forma, Danny Blind parece ter bastante poder dentro do time. Afirma que vai ceder o estádio do Ajax, em meados deste ano, para os Gay Games. Além disso vai apresentar alguns jogos, tipo mestre de cerimônia. "Acho que os gays não deveriam se isolar e fazer uma Olimpíada só deles, mas tudo bem. Devem ter um bom motivo", declarou ao jornal *Gay News de Amsterdam*.



↑ **BODY PUMPING** "Uma musculação em grupo, com música, e talvez a maneira mais rápida de entrar em forma de todo o universo". É assim que o professor Paulo Leal da academia Equipe 1, no Rio de Janeiro, define o body pumping. Surgido há sete anos na Nova Zelândia, o esporte alia a ginástica à musculação em um trabalho de resistência que, além de massa faz com que seus adeptos ganhem ritmo, força e coordenação. Com turmas lotadas a brincadeira tem tudo para ser a sensação deste verão.



← **ARTE ERÓTICA** O artista plástico Hélio Braga, irmão de Sônia Braga, está pintando telas de pequenas dimensões com temas homoeróticos. São trabalhos figurativos de inspiração clássica, em acrílico sobre tela ou papel. Os preços são a partir de R\$ 35. Os interessados podem adquirir as telas e cartões postais na Avenida Augusto Severo, 220/805, Glória; ou no Ateliê Traços, em Parati (024) 999-9656. Ou ainda na Galeria G, no Shopping da Gávea (021) 274-8198 e 239-0848.



→ **MINISTRY OF SOUND NO BRASIL** Ele é um dos DJ's mais conhecidos de Londres. Chama-se Justin Berkman e controla o superclube Ministry of Sound, na cidade da rainha Elizabeth II. O clube tem filas intermináveis e cria constrangimentos na barragem. No entanto, o som é pesado, e agrada às bandas de cá. Justin esteve no Brasil em dezembro para tocar na festa da Guess, no Rio; e no bar Glitter, em São Paulo. Agora, ele está em estúdio gravando o próximo volume do CD *Ministry of Sound*. Vamos aguardar para levar o superclube para casa.

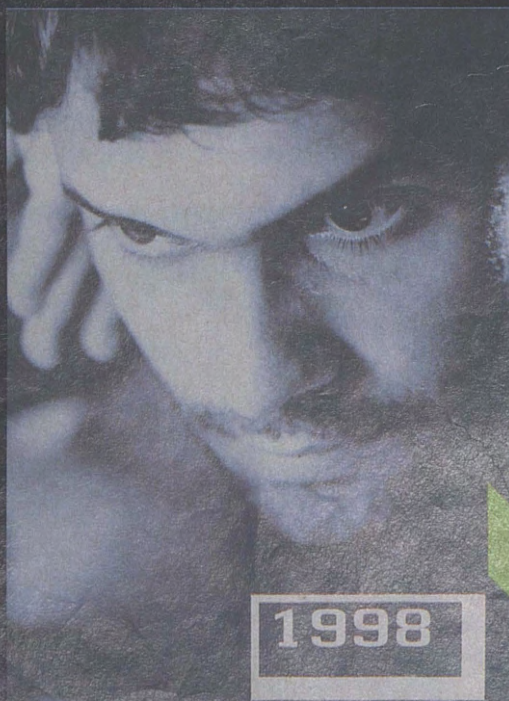


consumo

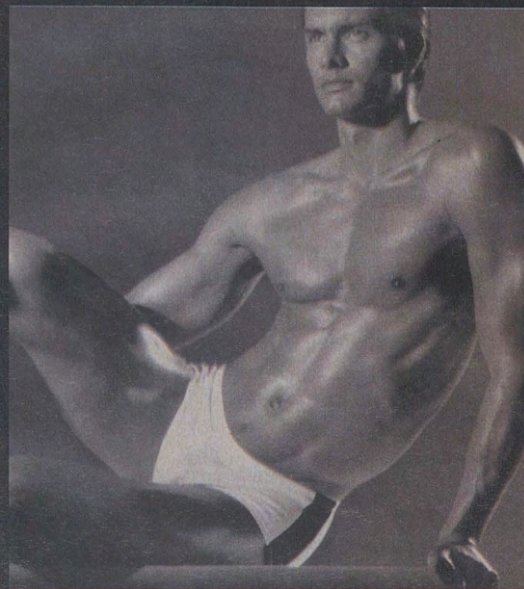


↑ LUXO FRANCÊS A griffe francesa Louis Vuitton acaba de ampliar a linha de acessórios Taiga (também o nome de um tipo de couro de textura granulada). A coleção ganha duas novas cores, o acajou e o verde epicéa, e novos modelos. A mochila Cassiar, com alças em canvas, é uma das novidades feitas sob medida para os modernos e chiques. Preço: R\$ 1.284. A bolsa Dersou é própria para ser carregada a tiracolo e custa R\$ 1.258. Há ainda um acessório próprio para quem precisa transportar câmeras sem perder o foco com a moda: o Sac Reporter sai por R\$ 899. Com 250 lojas espalhadas pelo mundo, sendo duas no Brasil, o fabricante das malas mais famosas do planeta planeja inaugurar em 98 sua maior representação na América Latina. A loja, que vai funcionar em São Paulo, vai dispor de toda a linha da matriz, composta de mil itens. Um luxo.

→ AGENDA VIVA CAZUZA! Para quem deseja começar o ano com o pé direito, uma dica é comprar a agenda editada pela Sociedade Viva Cazuza, ilustrada com fotos de Chico Buarque, Skank, Maria Bethânia, Cássia Eller, entre outros. O inglês Julian Rothenstein assina o belíssimo design gráfico e o polivalente Gringo Cardia, a edição e a seleção de textos. À venda na sociedade, Rua Pinheiro Machado, 39, Laranjeiras (021) 551-5368; e na Livraria Dazibao, Rua Visconde Pirajá, 571, Ipanema (021) 512-8592. A agenda custa R\$ 25 e a renda será revertida para a Casa de Apoio Pediátrico para crianças carentes portadoras do vírus da Aids. Para quem mora fora do estado, entrar em contato com a Sociedade Viva Cazuza.



1998



↑ ↓ FOLHINHA LASCIVA Outro item imperdível para marcar as datas importantes do ano são os calendários editados pela americana Universe. Num deles, por exemplo, traz na capa o deus-modelo Marcus Schenkenberg (foto). Dentro, mais 12 supermodelos da Agência Boss enfeitam a folhinha em poses lascivas. Em outro exemplar, os meses são ilustrados com beijos de belidades do mesmo sexo. A renda é revertida para a Gay & Lesbian Alliance Against Defamation. É homoerotismo com atitude. À venda na Livraria do Espaço Unibanco (021) 537-5243, no Rio; e na Editora Freebook, Rua da Consolação, 1924, Consolação (011) 256-0577, em São Paulo, por R\$ 24.



DESCE

Tecno
Sorvete de chocolate
Tatoo negra
Kevin Aviance
Mau Mau
Funky Green Dogs
Le Boy
Antonio Banderas
Ecstasy
Aerofunk

SOBE

Speed garage
Sorvete Málaga
Tatoo vermelha
Alma Smith
DJ Alfred
Sukia
The Must
Matthew McConaughey
Flash Power
Body pump

Aquecimento para o carnaval

Um guia para dar muita pinta nas quadras

Se você é um bom sujeito e gosta de samba, aproveite. As quadras das escolas de samba União da Ilha, Salgueiro, Beija-Flor, Viradouro, Imperatriz Leopoldinense, Mangueira e Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, já estão recebendo grupos animados nos seus ensaios, com muito samba, suor e cerveja.

A União da Ilha, liderada pelo carnavalesco Milton Cunha, aos sábados, é obrigatória para quem gosta de sambar e paquerar. O espaço é hoje uma referência para gays. O próprio carnavalesco dá a receita do sucesso: "Acho que algumas são mais freqüentadas por gays porque eles sabem onde podem ir sem ser discriminados. O fato de o carnavalesco ser assumido e mostrar que não tem nenhum problema com isso também ajuda", afirma Cunha lembrando

também que a União da Ilha foi a primeira escola a ter banheiro especial para as bibas.

O cabeleireiro Josué Ferreira, 24 anos, por exemplo, fez questão de levar os amigos americanos Peter, Edward e Mark. Com um enredo que valoriza a cultura negra, *Fatumbi, Ilha de Todos os Santos*, a União possui uma quadra com capacidade para 10 mil pessoas. Oferece ainda três bares para refrescar aqueles que suam a camisa ao som da bateria comandada pelo puxador Rixxa. A quadra abre às 21 horas mas o clima esquenta mesmo a partir das 23h e a animação entra pela madrugada.

A Beija-Flor, com o samba enredo *O Mundo*

Místico dos Caruanas nas Águas do Patu Anu, é outro point fervido para as bibas. Edna Soares Ferreira, 50 anos, secretária da quadra, conta que, em janeiro, os ensaios esquentam e a freqüência gay aumenta.

O samba conduzido por Gilson Bacana, Bira e Jorginho acontece às quintas-feiras e começa por volta das 21 horas. O acesso não é complicado. Ao chegar em Nilópolis basta perguntar onde acontecem os ensaios da Beija-Flor. Para

midiores compulsivos, uma boutique vende de tudo, de camisetas a relógios, no estilo verde-rosa. Quem gosta de badalação a quadra do Salgueiro é imperdível. O sambão começa depois da meia-noite e é puxado por Quinho. Ele dá uma canja com os enredos mais antigos e, depois, engrena o tema deste ano que é *Parintins, a Ilha do Boi-Bumbá*. Preferida de artistas e jogadores de futebol como Edmundo e Romário, o Salgueiro é ponto de encontro das bibas mais descoladas da cidade.

A itinerante Estácio de Sá — ela já não faz parte do Grupo Especial e nesta temporada já ensaiou na quadra da Mangueira e agora está indo para o Clube Helênico, no Centro do Rio — é endereço certo para quem gosta de gente bonita e ferveção. "A Estácio, apesar de ter sido rebai-

xada, é ainda uma escola onde se encontra muita gente bonita", atesta Rubinho Barroso, organizador da ala Surpresa.

Rubinho Barroso dá a dica para quem está pensando em vestir a fantasia. "Não é bom deixar para a última hora", comenta entusiasmado com a venda das fantasias. Ele também organiza as alas de escolas como a Beija Flor, União da Ilha e Estácio. Os preços variam de acordo com a escola. Na Estácio, por exemplo, cujo enredo é baseado na Academia Brasileira de Letras, a fantasia de cupido, sai por R\$ 100. Na União da Ilha pode-se desfilar a partir de R\$ 200. Agora é escolher a favorita, se preparar e cair no embalo.



este mês eles estão programados para acontecer também aos sábados.

Outra que merece uma visita é a Viradouro. Este ano, o carnavalesco Joãozinho Trinta comanda o enredo *Orfeu Negro do Carnaval*. Os ensaios de terça-feira já dão sinais de um público GLS crescente. Aos domingos, para quem quer cair no samba e paquerar sem pagar nada, a Viradouro ensaia, a partir das 18h, na Avenida Amaral Peixoto, perto da Estação das Barcas de Niterói. Já a Mangueira, com o tema *Chico Buarque da Mangueira*, se destaca por ter na sua quadra homens bonitos e celebridades. Com capacidade para 6 mil pessoas o local lota. Para os consu-



Josué (de azul e branco ao centro) cercado por Mark (à esquerda), Andreia, Bayer e Peter na quadra da União da Ilha

SERVIÇO

União da Ilha do Governador
Estrada do Galeão 322, Ilha do Governador. Tel.: 396-4951 Ensaios aos sábados, a partir das 21h. Ingresso: R\$ 3

SALGUEIRO

Rua Silva Telles, 104, Tijuca. Tel.: 238 5564. Ensaios aos sábados, a partir das 22h. Ingresso: R\$ 5. Mesa: R\$ 10. Camarote: R\$ 150, para dez pessoas.

MANGUEIRA

Rua Visconde de Niterói, 1072, Mangueira. Tel.: 567 4637. Ensaios aos sábados, a partir das 23h30. Ingresso: R\$ 5. Mesa: R\$ 10

BEIJA-FLOR

Rua Pracinha Wallace Paes Leme, 1025, Nilópolis. Tel.: 791 2866. Ensaios às quintas-feiras, a partir das 21h. Entrada grátis. A partir de janeiro, ensaios aos sábados. Preço: a confirmar.

ESTÁCIO DE SÁ

Clube Helênico, Rua Itapiru, 1305, Rio Comprido. Tel.: 5026448. É aconselhável ligar e confirmar o local, horário e a data. Preço: a confirmar.

VIRADOURO

Avenida do Contorno, 16, Barreto, Niterói. Tel.: 717 7540. Ensaios aos sábados, a partir das 22h. Ensaios aos domingos, na Avenida Amaral Peixoto, a partir das 18h. Ingresso: R\$ 3 (homens). Mulheres, grátis.

ALA SURPRESA

O organizador de ala Rubinho Barroso oferece a opção de desfilar no Sambódromo nas alas da União da Ilha, Beija-Flor, Estácio de Sá, Imperatriz Leopoldinense e Mocidade Independente de Padre Miguel. Os preços das fantasias variam de R\$ 100 a R\$ 380. A ala Surpresa está também com uma home-page para quem quiser mais informações. O endereço é www.aniates.com.br/surpresa.

noite

Para ferver nas noites do verão
SuiGeneris dá as dicas dos
lugares que farão sucesso
na estação

Rio e São Paulo são cidades diferentes em essência. A começar pela praia que é um assunto muito sério no Rio. As mais lindas ficam sempre em frente à Rua Farma de Amoedo, perto do Pizza Inn. Neste trecho, encontram-se atores globais, modelos famosos e barbies anônimas.

Ambas as cidades têm bares onde se pode fazer um *chill in* amigo. *Chill in* é aquele aquecimento pré-club. Acontece muito na casa daquele amigo que mora sozinho também. O nome surgiu em oposição ao *chill out*, que é a mesma coisa, só que depois que a noite acaba. Você acaba indo para casa daquele mesmo amigo, para um último drinque antes de cair na cama.

Em São Paulo, existem os after-hours, que fazem muito sucesso. São clubes que funcionam depois que todos os outros já fecharam as portas. No Rio, não existem muitos, talvez por causa da própria praia. "Ninguém quer ficar trancado num clube, sabendo que a praia está linda lá fora", diz o ex-produtor da festa After, Bruno Shubnell.

As roupas também são um capítulo à parte no verão das duas cidades.

Enquanto no Rio, o negócio é colocar o corpo para fora, muita camiseta e calça jeans, no melhor estilo San Francisco; em São Paulo, a montagem manda. O povo gosta de parecer fashion, haja visto as lojas na Rua Oscar Freire, que estão sempre lotadas.

O dress code volta à moda. Aquela barração do tipo "se você não estiver vestido adequadamente para a noite, não entra." Um exemplo é a noite Sexxia, no clube BASE, em Sampa, às quartas-feira. Nesta noite, ou você entra vestido sob temas fetichistas ou "no way, José!". O doorman top Sérgio Amorim já barrou até o patrocinador da festa, que queria entrar de camisa xadrez!

As drogas do verão prometem ser as mesmas do verão passado. O ecstasy continua fazendo fã, só que agora as pessoas parecem ter aprendido como usá-lo. O Special K continua sendo a preferida das barbies. Mas atenção. Consciência e informação antes de qualquer coisa. Como dizia aquela campanha inglesa: "Just Say Know".



Rio de Janeiro



O Baixo Gay ainda resiste mais uma temporada. O Baixo, como se convencionou chamar, compreende o trecho da Rua Visconde Silva que começa na esquina com Real Grandeza, em Botafogo. Uma rua só de bares gays. O novo clube-bar de lá chama-se The Must e tem lotado assustadoramente. As filas na porta são longas e às vezes demoram muito a andar. Segundo Orlando, o dono do bar, o Must comporta somente 550 pessoas. "Estou fazendo uma obra para ampliar o bar". Não é um lugar hype, não tem um drinque divertido, não é frequentado pelas lindas, mas é um fenômeno. E a house do DJ Jerônimo, que toca lá de quinta-feira a domingo é uma opção no Rio, que anda carente no quesito "DJ's que importam".

OOPS, ONDE O TECNO DEU CERTO A Oops é uma das festas que faz mais sucesso no Rio. Os produtores Patrícia Lobo, Alexandre Aranha e Ana Paula Thorpe recebem as pessoas na porta do clube Guetto e costumam dar de presente as camisetas oficiais do lugar para os fãs mais ardorosos. O DJ residente Maurício Lopes costuma ter convidados de outras cidades na boate. A Oops existe há nove meses e lota o espaço de Botafogo.

A idéia surgiu a partir da carência de clubes na cidade, como explica Patrícia Lobo: "A gente queria um espaço para encontrar os amigos toda semana e dançar a música que a gente gosta". O velho e delicioso espírito de clubinho. Tão clubinho que certa vez nem houve divulgação. Os produtores só chamaram os amigos e frequentadores mais assíduos por telefone. Com esta postura despreziosa, a Oops ganhou força e já é ponto de encontro daqueles que gostam de techno. Acontece semanalmente, alternando-se entre sextas-feiras e sábados.

As festas geralmente comportam duas pistas. A principal é house e a segunda, techno. O espaço da Fundação é feérico e atrai gente do país todo, e de fora também. As festas realizadas na Fundação já são comentadas até em Miami, que se tornou um pólo gay, depois que a White Party começou.

SE ATIRANDO NOS CLUBES Não há muitas opções na cidade. A tradicional Le Boy, em Copacabana, já começou a receber os turistas que invadem a cidade no verão. Não tem jeito, todas se jogam lá mesmo, apesar dos 44°C que ameaçam derreter os cérebros com seu efeito estufa. O show da top drag Rose Bom Bom faz sucesso, especialmente às quintas-feiras, quando ela apresenta a Buzina da Rose. Espécie de programa de calouros drag. Nenhuma concorrente leva o prêmio!

Um novo clube abriu de maneira atabalhoada na cidade. É no Leblon e chama-se Bobage. O espaço tem uma decoração careta, mas confortável. Tem um bar na parte de cima e promete ser uma opção, já que agora está sob nova direção. Entre os DJ's que tocam lá está o techno Ricardinho NS, velho conhecido do público do Rio. O espaço do Bobage, apesar do nome, tem toda a infra para se tornar um clube que importa. Vamos torcer para que os donos saibam administrar bem o conceito da casa.

FESTAS PAGAS Acontecem quase sempre na Fundação Progresso, na Lapa. Estas festas começaram em 93, com a histórica ValDemente. Hoje, a festa se dividiu e existem tanto a Val (de Valéria Braga) quanto a X-Demente (de Fábio Monteiro). Os dois são, de longe, os melhores produtores de festas do Rio.

Pista da Festa House of Palomino/Zapping
que reuniu 5 mil pessoas na primeira
festa ao ar livre em São Paulo.





São Paulo



CHILLING IN Em São Paulo, as opções de bares são várias. Entre os que realmente importam estão o Glitter. A melhor noite é a de quinta-feira, quando acontece a noite Culture Club, de Elza Barroso e Michael Koellreuter.

Eles sempre convidam algum artista para expor seus trabalhos, e o bar sempre convida DJ's importantes de São Paulo. Além disso, tem o Torre do Dr. Zero, em

Pinheiros. As noites de quinta-feira também são disputadas. O promotor Marcão Morcef continua fazendo uma noite *glam* neste dia. É ideal para quem gosta de garotos muito, muito jovens. O bar lota deles.

Já o Orbit (ex-The Cube) entendeu tão bem o conceito do *chill in* que batizou a sua noite de sábado exatamente com este nome: Chill In. Com uma decoração cool, o Orbit ganhou o público gay mais moderno da cidade. As neo-barbies paulistanas invadiram o lugar que se não é muito espaçoso, a modernidade e o hype gritam. Às sextas-feiras, a noite Hot Stuff já viveu momentos históricos, como quando um go go boy ficou tão animado que resolveu fazer um strip-tease de graça.

As meninas também têm vez no Orbit. Às quartas-feiras, acontece a noite Cio. A dona da noite, a barwoman Glaucia ++, inventou um drinque em que até quatro pessoas podem beber juntas. Chama-se Bolacha no Cio, uma mistura de Gatorade, gim e um ingrediente secreto, num copo cheio de canudinhos. A barwoman convida os amigos para dividir o drinque que deve ser tomado de uma vez só. A briga para ser convidado para dividir o Bolacha no Cio com Glaucia é tão grande que o drinque já ganhou status de clássico na noite das meninas.

AFTER-HOURS SE MULTIPLICAM O tecno tomou o mundo de assalto mesmo. Mas falamos do tecno de verdade, e não dos truques passageiros que as rádios tentam impor. O som parece atrair um público que gosta de sair de casa mais tarde. Por isso, o tecno é a trilha sonora oficial dos after-hours.

No Brasil, os after-hours começaram em São Paulo, há três anos, na noite que abriu com o nome de Velvet Underground e se transformou no Hell's Club, um dos principais templos não apenas para o tecno como para o comportamento noturno do país.

Num ambiente trash e sem conforto, com um banheiro desprezível, o Hell's atrai fãs do país inteiro, num horário em que a maior parte dos paulistanos sai para ir à padaria. Atualmente, o clube já não é mais o único after-hours da cidade, nem do país.

As outras boas opções são The Future, o after-hours do clube BASE, e o Wicked, do clube underground A Lôca, este às sextas-feiras. A competição por este público diferenciado, informado, exigente e boêmio dos after-hours promete esquentar em 98. Angelo Leuzzi, um dos donos do clube BASE, anunciou recentemente a mudança do The Future para os sábados, numa competição aberta ao Hell's. Pelo menos o banheiro da BASE é mais limpinho...

COLUNISTA RADIOGRAFA NOITE PAULISTANA A colunista da Folha de S. Paulo, Erika Palomino, lança um livro em meados deste ano, pela Editora Siciliano, no qual conta o que aconteceu na noite do país nos anos 90. A carioca Erika assina a coluna *Noite Ilustrada*, há seis anos. Tempo em que passou a informar o que acontece no mundo dos clubes. A noite paulistana desenvolveu-se a partir do trabalho da jornalista, que influenciou toda a cena na cidade, com reflexos em todo o país.

"Quero que o livro seja uma referência para aquelas pessoas que não entendem a cultura jovem deste ponto de vista. Existe um desespero da indústria de consumo por não entender o comportamento dos jovens. Eles só entendem de mauricinhos e da geração shopping center".

O livro também vai contar histórias que ficaram de fora da coluna. Temas como drogas e as histórias mais picantes que aconteciam, por exemplo, no palquinho do lendário clube Sra. Krawitz. O livro parte do Madame Satã, passeia pelo clube Nation, e chega aos dias atuais, com o estouro do tecno na era dos superclubes.

RUMO AS PISTAS No verão paulistano, as pessoas costumam deixar a cidade. É o que afirma Sérgio Kalil, dono de dois clubes gays. "O verão em São Paulo faz com que os paulistanos saiam da cidade, e o pessoal do interior de São Paulo e do Sul do país venham para cá".

São Paulo tem os maiores clubes gays do país. A Mad Queen é uma das mais conhecidas. Atrai até os mais modernos. Lá, o show das drags Silvetty Montilla, Cynthia Gregory, Nenê e Léia Bastos, aos domingos, é item obrigatório para quem deseja conhecer o mundo gay paulistano. Elas fogem do convencional e criam esquetes debochados inspirados em situações do cotidiano, com muita improvisação e bom humor.

Além destes clubes, existem aqueles mais atraentes às pessoas que têm na música o principal motivo para sair à noite. A Just é um exemplo disso. Um clube oficialmente gay, com três andares, que convida os DJ's mais importantes da cidade para noites especiais. O som é tecno e house. Uma das noites mais divertidas é a semanal Nossa!. Acontece às quartas-feiras e a idéia é juntar mesmo os DJ's de house e tecno. O tecno DJ de olhos verdes Alfred é um dos residentes do clube.

DJ'S: UM DOS MOTIVOS PARA IR A FESTA

O DJ Tony Humphries, um dos pesos pesados da house no mundo, declarou numa entrevista que se um dos três motivos para ir a um clube for a música, você está no caminho certo. Estes são alguns dos DJ's que fazem as noites mais divertidas do eixo RJ-SP. Quando chegar nestas cidades, descubra onde eles estão e boa noite! Os endereços dos clubes estão na seção roteiro, ou no etcetera.

MARCELO TALLANDRÉ

Som: House e handbag

Onde ouvir: Festas X-Demente, na Fundação Progresso (RJ), e clube Massivo (SP)

FELIPE VENANCIO

Som: Hard house com marcado uso de percussão e vocais

Onde ouvir: Bar Glitter (SP) e clube A Lôca (SP)

RICARDO NS

Som: Tecno

Onde ouvir: After, festa itinerante; Trippy, no clube Ghetto, e X-Demente, na Fundação Progresso (RJ)

MAURÍCIO LOPES

Som: Tecno

Onde ouvir: Oops, semanalmente no Ghetto



DJ Ricardo NS



Zeca Camargo não entra nos padrões globais

Editor do 'Fantástico' traz a estética anos 90 para o horário nobre

Ele já um velho conhecido do público. Afinal de contas, quem não acompanhou a ascensão de Zeca Camargo na MTV, quando ainda ostentava um charmoso arquinho prendendo os longos cabelos pretos? Ganhou centenas de fãs e agora, com competência e bom humor, tem implementado no *Fantástico* assuntos que falam diretamente ao público gay mais moderno. Desde a entrevista com as drag kings de Nova York, a exclusiva com a supermodelo Linda Evangelista, até a histórica matéria do U2, que teve até extensão no jornal *O Globo*. Nesta matéria, Zeca ressaltava os "olhos sedutores" de Adam Clayton, um dos componentes da banda. Além disso, há a estética fashion do jornalista. Ele enverga os famosos terninhos de lapela curta e desfila as camisas divertidas do estilista carioca Claudio Gomes, conhecido dos clubbers e descolados cariocas.

Zeca é tão moderno que o seu ar trendy serve de inspiração para o grupo Casseta & Planeta. Eles fazem a caricatura do apresentador, num personagem chamado Jeca Camargo, sempre risonho e meio caipira. De caipira, Zeca não tem nada. A grande mídia não parece assustar o jornalista. "Estou cada vez mais à vontade", confessa. Os telespectadores percebem. E os fãs agradecem.



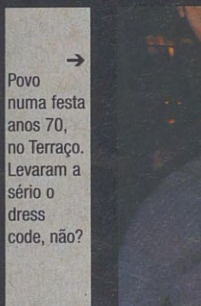
club face



←
O modelo Tôres, ainda de camisa, parando tudo na X-Demente



←
Cristiane (à frente) e Zaida, num momento "e agora, faz-se o quê?", na pista da extinta Atlântica 1910



→
Povo numa festa anos 70, no Terraço. Levaram a sério o dress code, não?



→
Quem faz a cena explícita é Eve, a barwoman mais clubber do Rio, também na 1910



←
José Roberto Mahr destila suas novas tendências no Atlântica 1910



←
Plataforma de chegada do trem que levava o povo da Estação da Luz até a festa House of Palomino/Zapping, no espaço do Arte Cidade, em São Paulo



→
Erika Palomino "em si" e o mais novo membro de seu clã: O produtor Alexandre Fachetti. Sim, ele tem olhos verdes!



→
A frenética Leiloca relembrando velhos tempos na tal festa anos 70



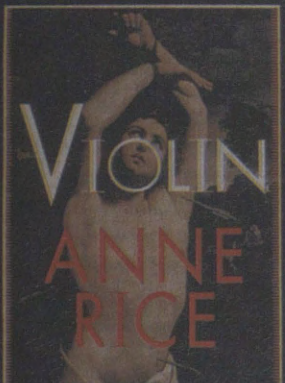
←
O trem era isso aí! Imagine muito drum'n'bass ao fundo, numa altura absurdamente deliciosa.



←
Alexandre Dario, performer mineiro que resolveu não perder a festa do Arte/Cidade por nada

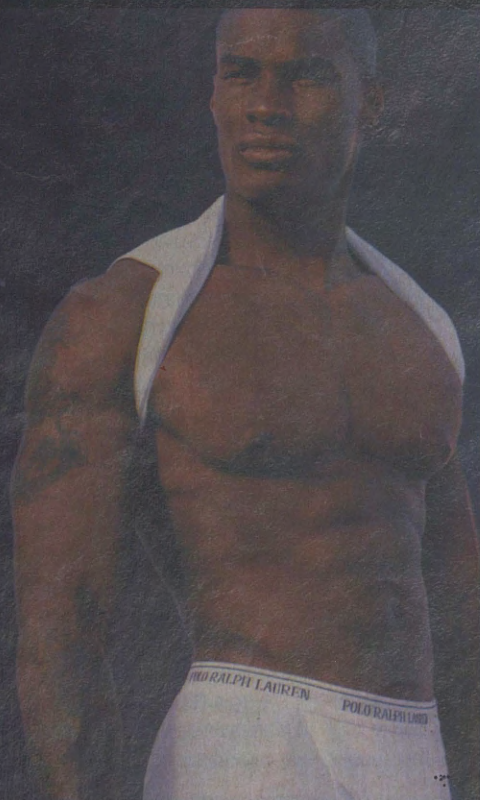


← **HYPE E OUT** Quem ainda não conhece o apresentador Steve Kmetko, corra, assine a TVA e confira! Ele tem 43 anos, olhos azuis, e é hype até dizer chega. Kmetko é o apresentador do programa E! News Daily e aparece todos os dias no E! Entertainment Television, ao meio-dia, contando as últimas fofocas do mundo de Hollywood, da música e da televisão norte-americana. Irônico, não se conteve quando cobriu um concurso de underwear masculino. Depois de ver os modelos, não resistiu e falou, para milhares de espectadores: "Os corpos são lindos", num tom tipo "falei mesmo!" Isso mesmo, Kmetko é out, e manda um conselho para os jovens gays. "Não há nada de errado com vocês, e não deixem ninguém convencê-los de que há. Como queria que alguém tivesse me dito isso quando ainda era jovem!", concluiu.



← **MAIS VAMPIRICES** A filósofa do horror está de volta. Depois de cismar que o restaurante na esquina de sua casa era mal-assombrado, e que a reencarnação da filha morta estava no Brasil, Anne Rice lança um novo livro nos EUA. Chama-se *Violin*. Conta a história de uma viúva assombrada com a morte e obcecada por música. A personagem acaba seduzida por um Stradivarius (cada uma...) e é lançada no tempo para conhecer Beethoven. No meio do livro tem aquelas elocubrações filosóficas de quintal, bem ao estilo *Entrevista com o Vampiro*.

↓ **CONHEÇA TYSON!** Não, não é o Mike! É só Tyson. Ele é aquele negro que aparece no videoclip da música *Unbreak My Heart*, da Tony Braxton. Tem Tyson fazendo tai chi, Tyson na cozinha, Tyson na piscina, Tyson na cama... Já que a música ninguém aguenta mais, Tyson ainda vale a pena. No entanto, o vídeo não é o único lugar para se ver o rapaz. Todas as revistas que importam estão convidando-o para editoriais e campanhas publicitárias. O próximo passo deve ser o cinema.



→ **A MAIS BELA CIDADE DO MUNDO**, Veneza, prepara-se para o carnaval. Entre 20 e 26 de fevereiro, folioes de todas as partes do mundo se esbaldam pelas ruelas e palácios da cidade italiana. La, ao contrário dos Tropicos, quanto mais roupa melhor. Nos bailes de gala, impera o visual Farinelli: homens de cartola e gravata, mulheres de longo fechado ate o pescoco e muita maquiagem, plumas e mascaras.

internacional



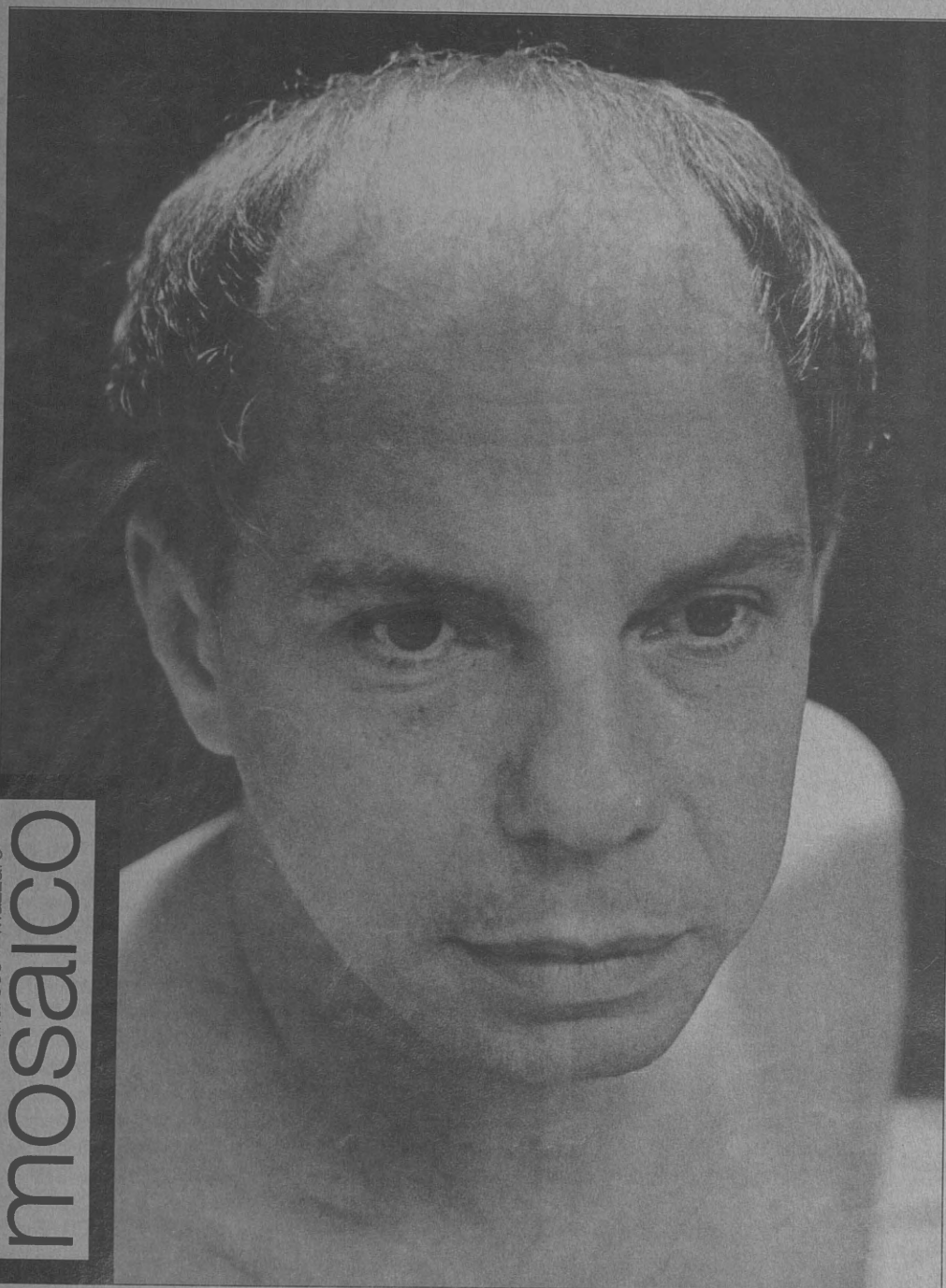
↑ **MUSO DA VEZ** O diretor Gus Vant Sant parece ter se recuperado da perda de seu ator preferido, River Phoenix, morto de overdose há quatro anos. Em *Good Will Hunting*, lançado no circuito americano em dezembro, o pitêu Matt Damon, 27, o jovem ator-sensação do momento, ocupou o lugar de "muso" vago desde a morte do astro de *Garotos de Programa*. E ainda co-roteirizou a fita. O filme, que traz ainda no elenco Robin Williams e Ben Affleck (*Procura-se Amy*), conta a história de um zelador de uma instituição de ensino de elite, que se descobre um gênio. Matt Damon é também o queridinho dos diretores Francis Ford Coppola, que o escalou para o papel principal de *The Rainmaker*, e de Steve Spielberg, que lhe deu o papel-título de *Saving Private Ryan*.



PROMESSA CUMPRIDA

Diretor abre Teatro Rubens Corrêa em homenagem ao ator morto de Aids em 96

Marcos ■ Mazzaro
mosaico



Idéia foi um pacto de Rubens Corrêa, acima, e Ivan de Albuquerque que inauguraram o antigo Ipanema em 68

No dia 23 de janeiro de 98, aniversário de Rubens Corrêa e dois anos após sua morte, em decorrência da Aids, um velho pacto se consuma. O encenador Ivan de Albuquerque, companheiro inseparável do afor, reinaugura o antigo Teatro Ipanema, agora Teatro Rubens Corrêa, com

o clássico *Hamlet*, de William Shakespeare.

"Eu e o Rubens fomos grandes amigos, mas nunca aconteceu nada de físico entre nós. Ele assumia a homossexualidade e também não escondeu que tinha Aids. Entre nós aconteceu uma ligação muito forte, de cunho fraterno. Houve um amor

platônico e uma profunda amizade", recorda Ivan com saudade.

Os dois amigos, fundadores deste espaço e da Companhia Teatro Ipanema, combinaram que quem morresse primeiro teria seu nome ali registrado. "Foi uma tarefa que me impus. Ele falava de brincadeira que quem morresse

primeiro iria ter o nome do teatro. Ai, de repente, ele morreu de Aids".

Ivan cumpriu a promessa e reabre o espaço com *Hamlet*, cercado por um elenco jovem. Lúcio Mauro Filho, que já trabalhou com Ivan em *Ninguém me Ama*, *Ninguém me Quer*, *Ninguém me Chama de Baudelaire*, interpreta o papel-título. Márcia Monteiro, que recebeu indicação do Prêmio Cultura Inglesa por sua interpretação em *Romeu e Julieta*, vive Ofélia.

Leyla Ribeiro, mulher do diretor, encarna a rainha Gertrudes, mãe do príncipe da Dinamarca. A atriz também traduziu esta nova versão de *Hamlet*, condensada para duas horas. Leyla revela que Shakespeare é um sonho realizado pelo grupo. "Durante todos esses anos em que trabalhamos juntos, eu, Ivan e Rubens Corrêa, sempre sonhamos montar Shakespeare. Já encenamos quase todos os grandes autores, de Ésquilo a Tchecov, passando por Artaud e Brecht. O importante é também a volta deste inesquecível espaço cultural para o Rio", responde entusiasmada.

Para realizar as obras de reestruturação do edifício, Ivan contou com a ajuda da Fundação Banco do Brasil. "O piso do palco foi refeito, a platéia forrada de madeira e recoberta com fórmica, o que vai melhorar a acústica. Trocamos também as cadeiras", enumera Ivan, enquanto ensaia os atores.

Aos 66 anos, ele se mostra aberto aos novos talentos. "Recentemente montamos *Ninguém me ama*, *Ninguém me quer*, *Ninguém me chama de Baudelaire* e é muito bom trabalhar com jovens. "Desejo inaugurar uma nova etapa com o Teatro Rubens Corrêa. O *Hamlet* foi adaptado para eles porque o personagem é um rapaz que recebe uma tarefa — vingar a morte do pai assassinado pelo tio — que não tem condições de cumprir. Quero que este teatro seja uma referência para o público juvenil", conclui o encenador.

Ivan e Rubens se conheceram no início da década de 50 e, unidos por interesses comuns, montaram

a Companhia de Teatro Rio, localizada no atual Teatro Cacilda Becker. A forte ligação com os palcos solidificou a amizade.

A idéia de construir um teatro surgiu em 59. Ivan de Albuquerque recebeu de herança uma casa em Ipanema. Em troca da exploração da construção e da venda dos apartamentos, o contrutor ergueu o Teatro Ipanema, que foi inaugurado em 68, com a montagem *O Jardim das Cerejeiras*.

Nesta peça, Rubens Corrêa fazia o jovem revolucionário Trofimov. O grupo sentiu, logo de início, as consequências da agitação política da época. "De vez em quando nos ensaios, recebíamos notícias de pessoas presas. Foi um período muito

conturbado" recorda Ivan.

Contudo, outros espetáculos vieram confirmar a vocação do grupo. Montaram então *O Arquitecto e o Imperador da Síria*, de Arrabal; e *Hoje é Dia de Rock*, de José Vicente. E encenaram ainda *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo; e *Homem é Homem*, de Brecht. Nesta época, Rubens Corrêa citava uma frase de Ziembinsky sempre entusiasmado quando os via em cena: "Gosto de vocês porque cada ator que entra em cena parece dizer: 'eu sou o teatro!'".

Rubens e Ivan continuaram alternando os papéis de ator e diretor de seus próprios espetáculos e encenaram, em 81, *O Beijo da Mulher Aranha*, de Manuel Puig. Nesta montagem, Rubens viveu

Molina — gay cheio de fantasias apaixonado pelo seu companheiro de cela, (José de Abreu). Mas a produção do grupo não parou por aí. Vieram ainda *Quero*, também de Puig, e *Artaud*, que ficou em cartaz por quase dez anos.

Na década de 90, a produção da Companhia Teatro Ipanema prosseguiu com *Artaud*, mas também encenou *Jorge Dandan*, de Molière, em 89. "Mas o último trabalho com Rubens Corrêa em cena foi *Artaud*, que ele tocou até agravar sua doença."

Com um passado tão expressivo, não é de se espantar que os jovens atores protagonistas de *Hamlet*, Lúcio Mauro Filho e Márcia Monteiro, sintam o peso da responsabilidade desta reinauguração.

"Gosto de trabalhar com o Ivan. É uma oportunidade de crescer já que sempre fiz comédias", ressalta o filho do ator Lúcio Mauro. "Com a Ofélia estou realizando um sonho," confessa Márcia.

Para Ivan, o fato de poder dar chance para novos talentos é gratificante. "Me sinto satisfeito de ver o nome de Rubens aqui, e de ver que este lugar será importante para as futuras gerações", arremata com a experiência de quem participou de algumas das mais importantes produções da cena nacional. ■

Hamlet, de Shakespeare. Direção Ivan de Albuquerque. Com Lúcio Mauro Filho, Marcus Alvisi, Márcia Monteiro. Cenário José Dias. Estréia 23 de janeiro de 1998, inaugurando o Teatro Rubens Corrêa.

VISITA À MARGINALIDADE

Livro traz textos do iconoclasta João do Rio sobre os prazeres e venenos das ruas

O escritor João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, sempre gostou de flunar por aí. E em *A Alma Encantadora das Ruas*, agora relançada, este personagem incomum da Belle Époque carioca exibe em estilo conciso a paixão pelos marginais, estivadores e prostitutas.

Organizada por Raúl Antelo, *A Alma Encantadora das Ruas* é o resultado de uma coletânea de textos com pouco mais de cem anos. O livro revela o espanto e encantamento do cronista com a dinâmica da cidade, e ainda com os malandros, ciganos, tatuadores, mendigos e as crianças abandonadas. A narrativa do autor dá dinâmica a este espaço, empresta às ruas organicidade: "A rua tem alma"; "a rua nasce como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa de seu calçamento".

Mais ainda, dá vida aos cordões de carnaval e os celebra enquanto rito, fato social dinâmico que revela a alma brasileira. De certo modo, *A Alma Encantadora das Ruas* antecipa a preocupação do antropólogo Roberto Da Matta, autor de *Carnavais, Malandros e*



A elegância dândi de João do Rio, aqui em 1920, às vésperas da sua morte

Heróis, em analisar os dilemas da sociedade brasileira, através destes ritos e destas personagens marginais, tão valorizadas nas crônicas de João do Rio.

A trajetória de João do Rio começou cedo. Aos 18 anos já

escrevia para o jornal *A Tribuna* e colaborava no periódico *A Cidade do Rio*. Nesta época, publicou também seu primeiro conto, *Impotência*, no qual abordava os desejos homoeróticos reprimidos de um ancião. Tentou a carreira

diplomática, aos 21, mas foi barrado pelo Ministro de Relações Exteriores, o barão do Rio Branco, por não condizer com o figurino do Itamaraty.

Gordo, homossexual e mulato, ele passeava com ternos importados de Londres e Paris pelas ruas da cidade. Lima Barreto, inclusive, se inspirou nele na concepção do personagem Raul Gusmão em *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*.

O autor transitava também com desenvoltura pelas altas rodas. Membro da Academia Brasileira de Letras, aos 29, João do Rio era um homem sintonizado com seu tempo, atento às transformações ocorridas no início do século. A língua ferina não poupava a hipocrisia social. E as crônicas de *A Alma Encantadora das Ruas* são um bom exemplo, também, de sua verve crítica. O livro convida o leitor a uma viagem pelas ruelas esburacadas do Rio de Janeiro de então. No final, é impossível não concordar com o autor. Flunar é perambular com inteligência. ■

A Alma Encantadora das Ruas. Crônicas de João do Rio. Organização de Raúl Antelo. Editora Companhia das Letras. 408 páginas. R\$18.

VERÃO NAS ESTRELAS

Hamilton Vaz Pereira estréia épicos gregos com humor, música e celebridades



Eduardo Lago, ajoelhado, interpreta um dos aprendizes que viram personagens mitológicos de épicos gregos

Depois de três apresentações no festival de teatro Rio Cena Contemporânea, em outubro passado, *Uiva e Vocífera*, uma colagem de clássicos gregos e textos contemporâneos, estréia dia 15 de janeiro, na Gávea.

O diretor Hamilton Vaz Pereira lidera um elenco de mais de 30 nomes, incluindo Débora Evelyn e Cristina Mullins, numa encenação que mistura *Iliada* e *Odisséia*, de Homero; *As*

Troianas e *As Bacantes*, de Eurípedes, com autores modernos do porte de Henry James e Eça de Queirós.

Mas que o espectador não espere uma tragédia. O humor e a leveza são o toque diferente desta montagem sobre um grupo de seis aprendizes que preparam um trabalho sobre épicos. Eles se transformam ora em narradores, ora nos personagens mitológicos. *Uiva e Vocífera* conta o confronto entre

Midas e Sileno; o encontro de Páris com as três deusas Afrodite, Atena e Hera; o rapto de Helena; a Guerra de Tróia, e outros episódios mitológicos. Tudo embalado pela música executada por Mário Manga, do grupo Premeditando o Breque.

A montagem busca o equilíbrio enaltecido pelo pensador alemão Nietzsche, autor de *Assim Falou Zaratustra*, em *A Origem da Tragédia*. "Neste trabalho, o filósofo estuda as duas formas da

natureza — Dionísio e Apolo — e tece uma teoria sobre a criação da tragédia. O teatro requer que você participe do mundo de Dionísio sem morrer", comenta Hamilton com humor.

Hamilton aproveita os temas e os músicos da peça e monta um show, o *Somos Duros com a Platéia*. "Quem for a estas apresentações vai ouvir músicas que não conhece e é por este motivo que coloquei este nome no show".

Mas o ex-líder da trupe Asdrúbal Trouxe o Trombone promete aliviar os ouvintes. Evandro Mesquita, Paulinho Moska, Scarlet Moon e Premeditando o Breque são alguns dos convidados para estes espetáculos musicais, que acontecerão às sextas-feiras e sábados, à meia-noite.

As noites de terça e quarta-feira serão performáticas e vão alternar leituras teatrais, poesia, música e dança. Entre os textos escolhidos estão *Omelete*, de José Roberto Torero, autor de *Pequeno Dicionário Amoroso*; *Uma Ladeira Chamada Santa Leocádia*, de Evandro Mesquita, e *Leve*, assinado por Hamilton Vaz Pereira.

Aliás, ele, que já mobilizou a cena carioca na década de 70 e 80 ao lado de Regina Casé e Perfeito Fortuna quer, realmente, movimentar este espaço. "É uma oportunidade para que eu também possa ver o que está acontecendo com o meu trabalho, observar e pesquisar. Espero fazer um ambiente bem animado", comenta Hamilton certo do sucesso dos eventos programados para este verão. ■

Verão 98 no Planetário. *Uiva e Vocífera*. Direção de Hamilton Vaz Pereira. Com Débora Evelyn, Cristina Mullins e Eduardo Lago. Estréia dia 15 de janeiro. De quinta-feira a domingo, às 21h30m. *Somos Duros Com a Platéia*. Direção de Hamilton Vaz Pereira. Participações de Evandro Mesquita, Paulinho Moska e Scarlet Moon. Estréia dia 16 de janeiro. Sexta-feira e sábado, à meia-noite. *Noites Performáticas*. Espetáculos de dança, poesia, música e leitura de textos teatrais. Estréia dia 20 de janeiro. Terça e quarta-feira, às 21hs. Preços de ingressos a confirmar.

MOVIMENTOS DE MESTRE

Obras imperdíveis da escultora Camille Claudel marcam os 50 anos do MAM

A partir de 15 de janeiro a obra da aluna e amante do escultor francês Rodin, Camille Claudel, poderá ser vista no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. A mostra, em comemoração aos 50 anos do museu, soma 43 esculturas, entre as mais importantes na obra da artista tais como *A Onda* (foto), em bronze e ônix, a antológica *Sakuntala* e um de seus últimos trabalhos, *Niobe Ferida*.

Poderão ser vistos também seis óleos sobre cartão e alguns desenhos. *Perseu e a Medusa*, outro trabalho de Claudel selecionado para a mostra que chama a atenção pela grandiloquência do tratamento. A versão esculpida em bronze pesa uma tonelada.

As esculturas, talhadas em bronze, mármore e ônix, cobrem o período que vai de 1879 até 1906 e pertencem ao Museu Sainte-Croix. A outra parte do acervo foi emprestada por colecionadores particulares, entre eles, a sobrinha-neta da escultora, Reine Marie Paris.

O fã do estilo explosivo da amante de Rodin poderá apreciar também suas pinturas e desenhos feitos em carvão, giz, lápis de cor e nanquim, também na exposição.

Para os mais curiosos da vida tumultuada da artista, um lote de fotografias pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, revela a intimidade de Claudel no ateliê, com a família e os amigos. O filme *Camille Claudel*, de Bruno Nuytten, complementa a exposição e será exibido na Cinemateca do MAM com a não menos bela Isabela Adjani e Gérard Depardieu, como Rodin.

Nascida no dia 8 de dezembro de 1864, em Villeneuve-sur-Fère, nos arredores de Paris, Claudel foi incentivada pelo pai, Louis-Prospér Claudel, a se tornar artista. Dono de uma biblioteca lotada de obras clássicas e tragédias, ele ajudou a filha financeiramente. A mãe Louise Athanaise Cerveaux, órfã aos 3 anos, acabou transferindo para Camille suas dificuldades emocionais e a rejeitou ostensivamente.

Precoce em sua genialidade,

obrigava os irmãos mais novos a posarem para ela. Entre os 13 e 15 anos, esculpiu vários personagens: Napoleão, Bismarck, Davi, Golias, enfim uma galeria de tipos que chamava a atenção de um pai deslumbrado com seu talento.

Pois foi ele quem a apresentou ao diretor da Escola Nacional de Belas Artes, Paul Dubois. O aval do consagrado escultor foi no mínimo intrigante para quem acredita em profecias. Diante dela o artista vaticinou, antes dela encontrar-se com o famoso escultor: "Você teve aulas com o senhor Rodin!"

Ao chegar em Paris com 17 anos, ela passou a frequentar a Academia Colarosse e alugou um ateliê. Neste período esculpiu duas obras significativas, *Paul Claudel com 13 Anos* e *Retrato de Velha*. Mas foi aos 19 anos que o presságio de Dubois se confirmou. Com esta idade ela se tornou a primeira e única discípula de Rodin. Mais do que isto: O mestre apaixonado fez dela seu modelo preferido e a elegeu amante. O tórrido romance, de início discretíssimo — ele era casado — alguns anos depois se tornou notório. A troca com Rodin foi produtiva para ambos.

Ele se encantava com sua beleza e produzia cada vez mais. A partir de 1888, a escultora passa a morar com o amante numa velha mansão, no Boulevard d'Italie. Neste ano, ela é laureada pela Sociedade dos Artistas Franceses pela obra *Sakuntala*. O busto que fez inspirado em Rodin chama a atenção do próprio mestre e com *O Salmo* Camille conquista com maestria seu estilo.

Mas um provável aborto, entre 1892 e 1893, perturba a relação do casal. Atordoad pela perda da maternidade, Camille começa a ter crises nervosas, muda de endereço, sentindo-se usada como mulher e artista. Paradoxalmente, produz

como nunca. É deste período crítico que surgem esculturas expressivas como *A Pequena Castelã*, *A Valsa*, *Clotho* e *A Onda*, feita em bronze e ônix.

No final do século, Camille recebe suas primeiras encomendas particulares de mecenas conhecidos de Rodin. É de 1900 *A Fortuna* esculpida em bronze. Já a força emocional e sensual de *O Abandono* data de 1905, por sinal seu último ano produtivo. *Niobe Ferida* fecha seu ciclo criativo. A partir daí, começam suas crises. Destroí tudo com a mesma voracidade que criou. Em março de 1913,

morre seu pai.

Neste período

é levada para a casa de saúde do hospital de Ville Evard. No ano seguinte, é transferida para o asilo de Montdevergues. Os relatórios psiquiátricos atestam a persistência de delírios de perseguição em relação a Rodin. Sua mãe, falecida em 1929, e a irmã Louise, nunca a visitaram. Como muitos

gênios, Camille morre sozinha aos 79 anos em um asilo. Sua obra foi reavaliada somente a partir de



1984. Antes tarde do que nunca. Quem visitar a mostra no MAM terá uma rara oportunidade de confirmar isto. ■

Camille Claudel. Esculturas. Museu de Arte Moderna (MAM). Av. Infante Dom Henrique, 85, tel. 210 2188. De 15 de janeiro a 15 de março. De terça-feira a domingo, das 12h às 18h.

PAIXÃO REINVENTADA

Domingos de Oliveira volta ao cinema investindo na evolução da vida a dois



Diretor, que prefere teatro a cinema, incluiu um personagem bissexual no filme *Amores*, que estreia em março

Depois de 20 anos afastado do cinema, o diretor Domingos de Oliveira prepara-se para lançar o longa *Amores*. Baseado na peça homônima, que estreou no Teatro do Planetário, em 95, e ganhou o Prêmio Shell de melhor texto, o filme trata

das relações amorosas. Concebido para um orçamento magro, *Amores* foi feito em três semanas com o mesmo elenco da peça original com exceção de Maria Mariana, filha de Domingos, que entrou no lugar de Patrícia de Carvalho.

A filmografia de Domingos, que

nos últimos anos dedicou-se ao teatro e à televisão, se caracteriza por discutir a busca da satisfação dos desejos, o amor como superação da morte, sobretudo por uma ótica feminina. No drama romântico, com estreia prevista para março, o diretor-roteirista cria três situa-

ções limite para falar da paixão num mundo que já não consegue resolver seus conflitos a partir de antigos paradigmas.

Clarice Niskier, Priscilla Rosembaum, Vicente Barcellos, entre outros, interpretam personagens tragados por dúvidas comuns aos relacionamentos humanos. O filme centra-se na conturbada convivência entre um pai e sua filha adolescente; na paixão já morna de um casal maduro; e no dilema de um pintor bissexual que vê o romance com uma atriz ameaçado pela Aids.

Em entrevista em sua casa na Barra da Tijuca, o diretor de *Todas as Mulheres do Mundo* discute o atual momento do cinema nacional, fala de amor — que ele classifica como uma “promessa de eternidade” — e revela que o teatro é a arte maior e seu ofício preferido.

Como foi a criação da peça e como você resolveu adaptá-la para o cinema?

Tive vontade de escrever sobre um assunto contemporâneo. A gente queria fazer uma experiência neste sentido. Escrevemos *Amores*, sobre um grupo de seis pessoas: um pai, uma filha adolescente; um casal de 40 anos; um bissexual e uma atriz fracassada. Antigamente, você tinha modelos e hoje não tem. É um filme planejado para ser extremamente barato. Não porque não tivesse dinheiro, mas porque estou convencido de que o filme barato é o caminho do cinema brasileiro.

Encolher orçamento é o caminho do cinema nacional?

O caminho do novo cinema brasileiro tem que ser o da inventividade. Ter uma linguagem e não mimetizar a bela linguagem do cinema americano. Colocava o meu intelecto a serviço de descobrir qual era a forma mais simples de contar aquela história.

A força do filme está na história aliada a uma boa equipe...

Acho que está na inventividade, de criar uma linguagem para este filme e que não serve para filme nenhum.



Vicente Barcellos vive um bissexual

Pequeno Dicionário Amoroso foi um filme barato que obteve sucesso de público e crítica. Por que discutir o amor? O público quer isso? Se a gente soubesse o que o público quer ver a gente, faria sucesso a

toda hora. A maioria das atividades humanas se inserem dentro do contexto do amor, elas se subjugam até as atividades políticas e de fé. De modo que trabalhar sob o contexto do amor é trabalhar sobre o que há. Nada mais há.

Qual o conflito do Rafael, ele é gay?

Ele é bissexual e não tem nenhum conflito com isso e se apaixona por uma jovem atriz fracassada. Ele é um pintor realizado, surpreendido quando descobre que é HIV positivo. Acentuo que devo tratar isto dentro do contexto da vida. Quais são as consequências disto dentro do amor? A questão mais séria é a da Luísa conhecer o Rafael e se apaixonar loucamente. Três semanas depois, ele recebeu a notícia que tem Aids e o conflito se forma dentro do casal.

Falar sobre relacionamentos e amor implica em não poder ignorar a Aids e o homossexualismo. Como você criou estes personagens? De onde surgiu o Rafael?

Quis discutir questões interessantes, mas sem que se falasse muito abertamente disto. Esta questão se a pessoa deve ou não ficar com quem está com Aids é uma questão complexa, dolorosa, interessante. Assim como é interessante a dos outros personagens.

As relações heteros e gays são diferentes ou os conceitos são os mesmos?

Para ser sincero, é um assunto que a gente entende e não entende. Não entendo muito de homossexualismo. Posso dar somente uma impressão de *outsider*. Acho que as relações são a mesma coisa.

Quais as possibilidades do amor entre iguais?

Se você olha sob o aspecto dos corações, está acontecendo praticamente a mesma coisa. Há naturalmente uma diferença básica e decisiva que é a questão da procriação.

Hoje em dia o preconceito pesa mais ou menos.

Hoje em dia foi sublimado. Acho até que está passando de moda (risos).

Há algo de novo a ser dito sobre amor e sexo na virada do milênio?

Vivemos a queda das ilusões, a falência das soluções. O amor deve ser visto como uma honra, um privilégio. Deve ser tratado com respeito e festa. É um pouco de ar, no meio da asfixia. ■

Roni Filgueiras

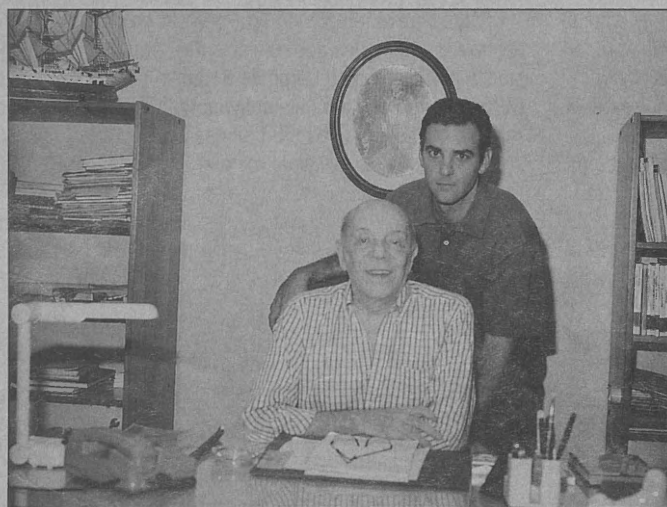
DESAJUSTES EM ZINCO QUENTE

Peça do dramaturgo gay Tennessee Williams chega ao palco com superelenco

Junte o dramaturgo Tennessee Williams e sua fluência narrativa diante dos desejos humanos ao conhecido talento do diretor Moacyr Góes. Acrescente, ainda, a habilidade dramática de Ítalo Rossi e a exuberância de Vera Fischer. Tempere com a vigorosa presença do novo namorado de Vera Fischer, o ator Floriano Peixoto. Pronto. A fórmula não poderia ser mais inquietante. Sobretudo, se considerarmos que o texto escolhido foi *Gata em Teto de Zinco Quente*.

A montagem, que estréia no Rio de Janeiro em 14 de janeiro, no Teatro Villa-Lobos, teve um pré-lançamento em dezembro, no recém-reformado Teatro Marechal Deodoro, no Maranhão. Vera Fischer levantou a produção e convidou o ator Ítalo Rossi para viver o patriarca da decadente família Pollitt.

La Fischer é Maggy, uma mulher desesperada por não conseguir despertar o desejo do marido, o ex-atleta Brick, vivido por Floriano Peixoto. A crise conjugal se agrava quando Brick entra em depressão devido à



Ítalo Rossi, sentado, vive o pai do ambíguo ex-atleta Floriano Peixoto, atrás

morte de seu melhor amigo.

A ambigüidade da relação entre os dois homens é evidente. Mas o ator Ítalo Rossi, que trabalhou recentemente sob a direção de Moacyr em *O Doente Imaginário*, não enxerga nenhuma referência homossexual nisto. "A peça não tem uma conotação homossexual. É dito que o rapaz se matou por amor ao meu filho. Mas será que o Brick, é realmente homossexual?"

Moacyr Góes, no entanto, co-

menta: "Tennessee Williams trata da sexualidade e das relações humanas. E a homossexualidade é uma preocupação pessoal dele. O teatro produz conhecimento. E este texto se torna contemporâneo na medida em que a questão sexual é tratada, tendo como ponto de partida a necessidade de tolerância. O tema é o embate entre os desejos e as imposições sociais," finaliza o diretor, que prepara a montagem de *Toda Nudez Será Castigada*, de Nelson

Rodrigues, com Marília Pêra.

O eixo central da trama de *Gata em Teto de Zinco Quente* ultrapassa as meras ambigüidades sexuais, pois Tennessee Williams está muito mais interessado nos desejos humanos negados. Maggy e o patriarca da família Pollitt, que sofre com um câncer incurável, são exemplos disto. Mas o truque do autor de *Um Bonde Chamado Desejo* — que inspirou o filme *Uma Rua Chamada Pecado* dirigido por Elia Kazan e que teve no elenco Vivien Leigh e Marlon Brando — de deixar a abordagem sexual implícita e, ao mesmo tempo, visível é que torna o texto atualíssimo. Consagrado, *Gata em Teto de Zinco Quente* foi montado inúmeras vezes para o teatro. E ganhou adaptação para o cinema por Richard Brooks, em 1958, tendo Elizabeth Taylor e Paul Newman como o casal desajustado. ■

Gata em Teto de Zinco Quente. De Tennessee Williams. Direção Moacyr Góes. Com Ítalo Rossi, Vera Fischer, Floriano Peixoto e Mário Borges. Teatro Villa-Lobos. Av. Princesa Isabel, 440. Tel.: 275-6695. Horários e preços a confirmar. Temporada prevista até maio de 1998.

Pérolas, plumas e escândalos de Clóvis

Clóvis Bornay é o que se pode chamar de memória viva da História (com H maiúsculo) do carnaval carioca. Reverenciado pelo presidente Getúlio Vargas e pelo cineasta Orson Welles, ele vai virar museu, em Friburgo, sua cidade natal. O carnavalesco mais famoso do país conta como colecionou títulos, qüiproquós, inimigos e virou figura *hors concours* nos desfiles, que fizeram sua glória ao longo de décadas de passarela

Aos 82 anos de idade, o museólogo, pesquisador e técnico em assuntos culturais Clóvis Bornay está colocando novamente em prática tudo o que aprendeu em seu primeiro e único emprego no Museu Histórico Nacional. A fim de facilitar a vida daqueles que, muito em breve, estarão organizando a montagem de um museu dedicado a ele, em Friburgo, a "tia" mais concorrida do carnaval brasileiro resolveu sair do armário. Ela, que, desde 1961, pisa a passarela com a certeza de ser "A" vitoriosa, mostra o que é ser *hors concours*.

O carnavalesco, que jura nunca ter feito plástica e se diz o inventor das unhas postiças, está com tudo em cima. Inclusive a peruca louca, que ele corre para alinhar no espelho. Friburguense, ele sempre pergunta se o interlocutor conhece suas raízes de papa-goiaba, há muito trocadas pelo *bas fond* de Copacabana, onde vive num conjugado da lendária Avenida Prado Júnior. É neste ambiente de intensa vermelhidão, que Bornay ensina a quem interessar possa com quantos paetês se faz um carnaval glamoroso e cintilante.

Manuseando placas, troféus, cartazes brasileiros e internacionais, fotografias e adereços, Bornay tem réplicas de suas fantasias nos museus de cera de Londres, Nova York e Tóquio. A fantasia *Sua Majestade o Samba*, uma homenagem à figura do mestre-sala, por exemplo, faz parte do acervo do Museu de Cera de Londres. Uma cópia da mesma roupa está no Museu de Nova York. "Não ganho nada, somente autopromoção para o nosso carnaval", conta. E recupera histórias do arco-da-velha, impregnadas de

brilho e glamour. Histórias que se confundem com suas próprias fantasias.

"Nos áureos tempos do Teatro Municipal, os banheiros reservados aos concorrentes eram vigiados por homens do Corpo de Bombeiros. Nunca vi tanta gente na fila com vontade de fazer xixi, ao mesmo tempo. Só fui descobrir a razão de tanta disputa quando me mandaram entrar na fila e conheci o tal bombeiro que condecorava as vencedoras com seu 'prêmio especial'", recorda Bornay, que no auge do carnaval de rua costumava engatar-se em algum trenzinho e perder-se entre os foliões.

"O carnaval daquela época era ingênuo. Hoje, quem faz a festa são as drag queens e seu jeito exagerado", critica. Quem ouve, pensa até que Bornay tem bronca daqueles que se vestem de mulher. Ele, que nunca foi santo, não tem problemas com isso.

E recorda o episódio em que fechou o trânsito de Copacabana travestido de Marlene Dietrich, causando um verdadeiro congestionamento de garçons no interior da Confeitaria Colombo. "Foi uma das poucas vezes em que me vesti de mulher. Os senhores que tomavam café no local adoraram a performance e, a exemplo do que faziam com as meninas, colocavam seus cartões de apresentação no meu sutiã", recorda.

Nos bailes de luxo do Municipal, Clóvis Bornay já foi de tudo um pouco. Vestiu-se de Deus, diabo, rei, czar, príncipe, astronauta e toureiro. A inventividade era tão marcante que muitos turistas estrangeiros só fechavam a reserva de seus camarotes quando confirmavam a par-

ticipação de Bornay no carnaval.

Esta fixação por títulos de nobreza remonta à infância, quando o menino Clóvis fazia a escrivania de castelo e passeava entre os escaninhos, descobrindo seres fantásticos. Hoje, diz, estas criaturas são materializadas através das fantasias, numa espécie de acerto de contas com a própria memória.

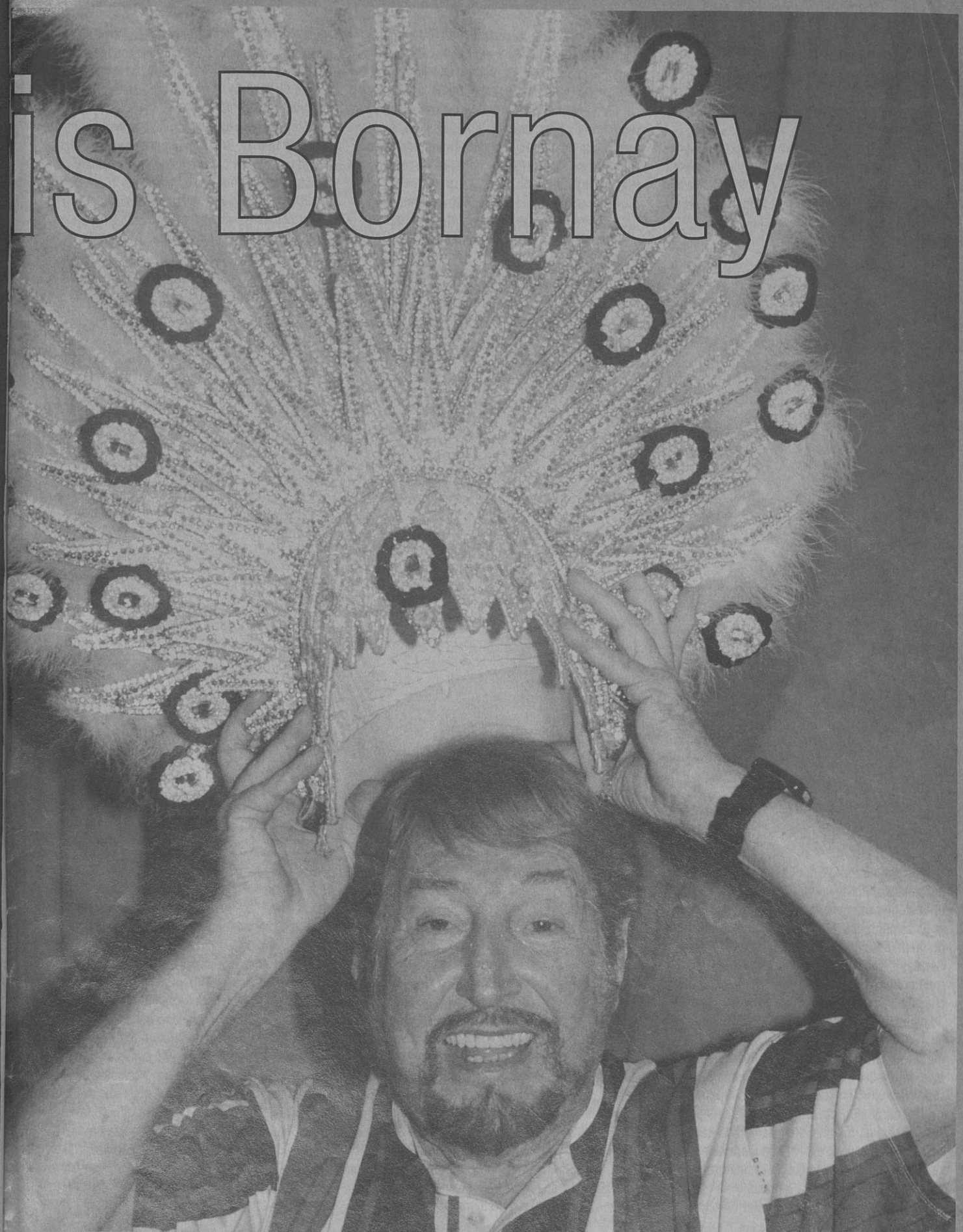
"Fiz quase todos os personagens célebres da História, mas, quando me apresentei como Luiz XV, fui perseguido inclusive pelos jornalistas, que perguntavam o que levava um homem a usar um salto alto na presença de dez mil pessoas. Não tenho culpa se essa gente foi à escola para comer merenda, porque foi o Luiz XV quem inventou o salto alto para ficar mais alto que suas amantes", dispara o folião, para quem brincar o carnaval de rua se resume a recordar o passado.

Despachado desde guri, Bornay não poderia perder a oportunidade de conhecer, em carne e osso, um presidente da República. Por este motivo pilhou o irmão para levá-lo a uma certa projeção de cinema, que teve como espectador ninguém menos que Getúlio Vargas.

Responsável pela montagem do primeiro aparelho de cinema sonoro no Rio de Janeiro, o irmão de Bornay havia sido convidado para pôr em uso sua espantosa desenvoltura com engenhocas eletrônicas. "Ele não queria me levar, então me escondi no banco de trás do carro até cruzarmos os portões da casa e estacionarmos nos jardins do palácio".

Resultado: viu o filme ao lado do presidente. Quando a sessão acabou, Getúlio pediu ao

is Bornay



secretário dele que levasse os irmãos até em casa. "Pedi ao presidente que autorizasse seu motorista a entrar na rua buzinando, para que todos os vizinhos pudessem me ver chegando. "Esse menino vai longe", vaticinou Getúlio, concordando de imediato.

Não foi o único entrevero entre os manos. Disposto a levar para casa um conjunto completo de porcelana para chá, Bornay roubou a carteirinha de sócio do irmão para participar do concurso de fantasias promovido pelo Fluminense Futebol Clube.

e pedi organização. O convite era caro para a época, 190 mil réis. Eu mesmo tive que juntar escondido", confessa. Era o preço da fama.

Do lustre de cristal guardado no porão da casa, ele fez um Príncipe Hindu. E para resolver o problema da pele, até hoje branquíssima, deixou o ateliê da costureira na Praça Tiradentes rumo à Rua Buenos Aires. "Peguei um saco de tinta ocre e fiquei mulatinho".

Ganhou o prêmio e, dessa vez, jogando limpo. Em 1961, o presidente do júri, diante de 30 integrantes, bateu definitivamente o martelo.

capa lindíssima. Brincava com ela no salão até que avistei Getúlio em seu camarote. Joguei a capa em sua direção e ele a pegou, fazendo dela o enfeite de sua bancada". A brincadeira terminou em brinde com champanhe.

Se por um lado, Getúlio não dormia sem antes saber de Bornay, Bornay não passou a não pregar o olho depois que outro presidente, Juscelino Kubitschek, acabou com os bailes no Teatro Municipal, em 1962. "Ele era meio nojentinho, dizia que os bailes acabavam com o teatro. Mas foi ele quem acabou com uma atração internacional e



Destinado exclusivamente aos atletas da agremiação, Bornay burlou o regulamento com uma alegria tão contagiante que seu cossaco sagrou-se campeão. Mas a verdadeira identidade do ganhador chegou a público na Quarta-Feira de Cinzas, quando um jornal local deu à coisa tratamento de escândalo. O concurso foi anulado e o cossaco intimado a devolver o prêmio. "Imagina! Já estava na mesa da mamãe", confessa.

Embora sua família gostasse de brincar o carnaval, a secreta iniciativa de Bornay foi recebida com ressalvas pelos pais do menino, que preferiam vê-lo correndo dos Clóvis. Curiosamente, porém, Bornay morria de medo deles. A displicência de menino, ele guardou na gaveta quando, no carnaval de 1936, sugeriu aos diretores do Teatro Municipal que pusessem regra no concurso que premiaria a fantasia mais bonita de todos os camarotes. "Fui ao diretor do Municipal

"Todas as vezes em que esse jovem se apresentar, ele já chega como *hors concours*". O folião achou aquilo excelente. "Como *hors concours* dei lugar para mais um candidato no páreo".

A figura de Clóvis Bornay acabou se confundindo com a história do carnaval brasileiro, tamanha a importância de suas criações no imaginário coletivo. O próprio Getúlio Vargas, que no passado havia renunciado a ascensão de Bornay, era um que não dormia enquanto seu candidato não aparecesse na televisão.

As transmissões varavam a madrugada, o que retardava a divulgação dos resultados. Getúlio, que, afinal, era um homem de responsabilidades para com a nação, se recolhia aos aposentos ciente da prioridade matutina de conferir o resultado final. "Ele nutria uma admiração muito especial por mim. Lembro que, em 1930, chamei a atenção por causa de uma fantasia de toureiro, que tinha uma

famosa do mundo, o Baile do Municipal", reclama Bornay, que desde então transferiu-se para o Hotel Glória, onde há 25 anos as coisas acontecem, acredita, "Sem o mesmo glamour. São 600 convidados contra os 5 mil de antes".

Apesar das investidas na festa mais popular do planeta, Bornay ainda prefere o velho carnaval. Purista, recusa-se a acreditar na coreografia da dança da garrafa, condena o espírito libertino das drag queens, alegando falta de decoro.

Seriam estes os primeiros sinais de que Bornay encareceu? "Quase fui crucificado por causa das minhas fantasias. E hoje, em compensação, você tem a dança da bundinha! É uma pouca vergonha. Antes, qualquer coisinha era censurada. O povo não entendia que quem inventou o salto Luiz XV não fui eu. E que quem usou primeiro espartilho e maquiagem foi o Dom João VI, e não eu", ironiza.

SuiGeneris reproduz aqui os melhores momentos da entrevista com Clóvis Bornay, hoje um sujeito sossegado — casou-se com uma vizinha para ajudar a moça — e que, apesar de seu background, parece ter medo das histórias ouvidas nos bares e nas boates gays da cidade.

BANDAS

"Sou padrinho das bandas todas. Agora são as Bandas de Ipanema, a Banda da Boca Maldita, do Arrocho, da Carmem Miranda. Sou fundador e padrinho de todas. Participei de todo o carnaval".

FIM DA FOLIA

"Acabaram com o corso, do pavilhão Mourisco até a Praça Mauá. Era um carro preso ao outro por serpentinas e, em cada carro, um grupo de fantasiados diferentes, os ciganos, os gregos. Eu desfilava num rancho, chamado Miséria e Fome, apropriado para agora. Era um sucesso. Não tinha escola de samba, elas vieram depois e copiaram os ranchos. Com a diferença que em vez dos instrumentos de sopro, elas adotaram instrumentos de percussão. Acabaram com os coretos no meio da avenida, com o bloco Bafo da Onça, o Cacique de Ramos, com o banho de mar à fantasia... Foram acabando, acabando, acabando..."

INSEGURANÇA

"Eu sempre achava a fantasia dos outros mais bonitas. Alguns concorrentes não sabiam mostrar. Minhas fantasias brilhavam muito por causa dos movimentos e das atitudes. Eu dizia, 'não se impressione com aplausos, porque o importante é o júri que está na mesa para julgá-lo'. O júri queria aparecer na televisão mais que a gente!"

EMILINHA E MARLENE

"O Evandro (N.R.: Castro Lima) era danado. Fazia tudo para descobrir o que eu estava fazendo. Se ele soubesse que eu ia fazer alguma coisa, ele fazia o mesmo tema. O Evandro tinha uma admiração enorme por mim e era meio ciumento. Não gostava que eu ensinasse as coisas para os novatos. O interesse dele era exibir-se e a seus manequins, porque ele tinha ateliê. Em 1961, passei a *hors-concours*. O jeito era ele se juntar a mim. E ele voltava para entrarmos juntos. Éramos igual a Emilinha e Marlene".

CORPO FECHADO

"Dia 31 de dezembro, fui à Praia de Copacabana, com uma calça branca e camisa vermelha. E a irmã da Dalva de Oliveira, a Lila, se aproximou, dizendo: 'Fui tomar uns passes ali e a entidade pediu que procurasse uma pessoa vestida como você'. A entidade disse: 'Fizeram um trabalho para você não brincar de cara suja'. Cara suja é carnaval. Procurei uma rezadeira, que rezou três dias. Quando chegou o carnaval, um dos candidatos, o Simon Carneiro me olhou com raiva: 'Estou muito admirado que você esteja aqui'. Af respondi: 'Meu filho, se você tivesse me avisado, não teria gasto o seu dinheiro. Tenho o corpo fechado. Em mim não pega!'".

BOA NOITE, CINDERELA

"Certa vez, durante um concurso, quando anunciaram o nome do Simon Carneiro (N.R.: o mesmo do episódio do despacho), deu uma tremedeira nele e a coroa caiu no chão. Fiquei com tanta pena, desamassei a coroa, botei na cabeça dele. Todos olhavam. Dei a mão a ele e o levei à frente do público. Fiz porque me deu pena. O Evandro (N.R.: Castro Lima) olhou aquilo, e disse, 'Dois sem-vergonhas!' (risos). Esse rapaz acabou de uma maneira triste, assassinado, na porta de casa. Morava numa vila em Botafogo. Conheceu um rapaz, convidou-o para ir na casa dele. Foi para roubar. Vestia-se bem..."

AIDS

"Muitos candidatos morreram. Comecei a contar. Cheguei a 70 nomes que desfilaram comigo e morreram: Evandro, Augusto Silva, Eloy Machado, Dedé de Niterói, Viriatto... A Aids demorou muito a ser identificada. Quando um cara sabe que tem Aids, já está com ela há tempo. O Jesus Henrique soube que estava com Aids quatro anos depois de ter contraído a doença e neste período continuou desfilando".

SALADA RUSSA

Por causa de uma fantasia de czar russo, Bornay foi convidado a ir à União Soviética e me apresentar na tevê. Contava piadas em português e o público se desmanchava em risos. "No começo, pensava que aquela gente era maluca. Depois que percebi que elas batiam palmas na hora certa, fiquei na dúvida. Olhei para trás e descobri que tudo o que dizia era traduzido simultaneamente. Que maravilha!"

CADÊ A ESPADA?

Quando a Embaixada da Espanha soube que Bornay se apresentaria vestido de Felipe II, prontamente, enviou-lhe uma cópia da espada usada pelo rei. Depois do carnaval, o Palácio das Convenções, em Brasília, comunicou que construiria um museu em sua homenagem. Democrático, Bornay sugeriu que o nome fosse trocado para Museu do Carnaval do Brasil. Esbanjando simpatia, fez da réplica da espada de Felipe II sua primeira doação. O museu não foi inaugurado e até hoje ele não recuperou a espada.

BALEIA VOADORA

"Durante um desfile, comprei uma briga com uma candidata gordíssima, totalmente vestida de preto e cercada por uma entourage até então inimaginável. Abriram o vestido dos dois lados para que ela pudesse entrar nele. Para a época, era como se estivesse nua. Tinha os cabelos soltos, duas asas imensas, negras, transparentes, e usava dois dentes postiços na boca. Perguntei qual era o nome da fantasia e eu mesmo dei a resposta: a baleia voadora. Quase apanhei!". A fantasia era *A Noiva do Vampiro* e a concorrente, Wilza Carla.

VIADINHOS E LIBÉLULAS

Sob a direção de Chico Anysio, Bornay divide a cena com Carlos Imperial no palco do Canecão. O duo protagonizava a comédia *"As Libélulas Deslumbradas"*. Na primeira entrada de Bornay, um sujeito grita: 'Biiiiiiichaaaaa!'. Apesar do eco, Bornay não perdeu a pose. Com um riso no rosto, respondeu: "Não há nada melhor que uma bicha para reconhecer a outra com tanta facilidade". Desse mesmo espetáculo, Bornay guarda outra lembrança: "No telão, tinha o retrato de um viadinho e o meu. O povo morria de rir".

CIDADÃO WELLES

Fantasiado de toureiro, Bornay inicia sua *mis-scène* antes mesmo de entrar no Teatro Municipal. Tocando castanholas, ele rodava a enorme capa e atirava para as mulheres as rosas que trazia na boca. Enquanto os homens gritavam 'olé', um sujeito carrancudo observava atentamente seus movimentos. "Só lembro que era um cidadão mal-encarado, rabugento, que não desgrudava os olhos de mim, como se não estivesse gostando. Pouco depois descobri que ele era do júri e que eu, possivelmente, estava fodido. Sabe quem era? Orson Welles". O diretor de *Cidadão Kane* adorou.

MORTE SÚBITA

A tragédia muitas vezes ganha glamour vista pelos olhos de quem faz da fantasia seu ganha-pão. Como no dia em que um carnavalesco caiu duro ao lado de Bornay, durante um concurso. Como de costume, os concorrentes tiravam a fantasia para descansar, enquanto esperavam pelo sinal verde dos organizadores. Bornay não se opôs quando um rival pediu a ele um canto para tirar um cochilo. Quando chegou a hora do desfile, Bornay estranhou o fato de o outro continuar dormindo. "Fui acordar o fantasiado, que estava sentado, mortinho. Foi uma morte linda!!!"

SUSTO NA PERUCA

A garota-propaganda das Perucas Lady, Neide Aparecida, segundo Bornay, há 30 anos com a mesma cara e vendendo perucas, estava entrevistando os candidatos para a cobertura da Rede Manchete. Fantasiado de diabo, ele trazia explosivos por todo o corpo. Desajeitada, Neide esbarrou com o microfone no entrevistado, detonando o dispositivo de uma bomba embutida na roupa. "Ela desmaiou nos meus braços e quando acordou levou outro susto. Disse a ela que, quando aparece, o diabo sempre assusta".

DESTINO

"Uma vez estava desfilando de príncipe e na hora de entrar na passarela quem estava saindo? Um dragão. Imediatamente reconheci a cena. Os camarotes do Municipal eram os meus escaninhos e o encontro dos personagens só reforçou a teoria de que estamos na Terra para cumprir uma missão predestinada", teoriza ele, cuja sina é ser vitorioso. ■

Dupla faz gol de placa

Num resultado surpreendente, o público brasileiro apoiou o romance entre duas adolescentes no programa *Você Decide*, da Rede Globo, exibido em novembro. A vitória pela manutenção do namoro das estudantes, depois de uma avalanche de telefonemas, provocou repercussão na mídia e revelou uma rede de telespectadores que faz do placar eletrônico da tevê um palanque da causa gay

TEXTO MARCOS MAZZARO FOTO SÉRGIO CABRAL

Delicadeza, episódio do interativo *Você Decide*, que foi ao ar em 27 de novembro do ano passado, pela Rede Globo, surpreendeu o público com um tema nada convencional — o amor entre duas adolescentes — e um resultado inusitado. A história das jovens, Renata (Maria Ribeiro) e Clara (Vanessa Cardoso), que se apaixonam, colocava para o público um dilema: as garotas deveriam escolher entre assumir o relacionamento, reprimi-lo, transformando-o em amizade, ou rompê-lo definitivamente.

Para surpresa geral, o público optou pelo romance das meninas com uma margem de votos bastante significativa. Foram 127.749 votos a favor das garotas contra 41.307 que decidiram pela separação. Outros 52.813 preferiram a sublimação da paixão em nome da amizade.

Sinal dos tempos? Pode ser. Mas também mérito da direção de Herval Rossano e do desempenho sutil e sincero das atrizes Vanessa Cardoso, 25 anos, e Maria Ribeiro, 23, que sentiram a repercussão do trabalho nas ruas. E notaram que a maioria concordou com o relacionamento das meninas mas também observaram reações contrárias: "Teve uma pessoa que disse, 'vou ligar para elas não ficarem juntas de jeito nenhum!'", comenta a charmosa Vanessa.

Maria Ribeiro, namorada do tam-

bém ator Paulo Betti, acredita na importância do papel da televisão na difusão de novos padrões de comportamento. "A tevê é formadora de opinião", afirma. E lembra que outras produções conquistaram a platéia com personagens homossexuais. "O Sandrinho e o Jefferson (André Gonçalves e Lui Mendes), da novela *A Próxima Vítima*, mostravam uma abordagem sutil que conquistou o espectador," confirma a atriz entusiasmada com o resultado.

Amigas inseparáveis, Vanessa e Maria firmaram-se na carreira paulatinamente. Maria atuou em novelas como *História de Amor*, na qual interpretou Bianca — jovem que se apaixonava por um homem bem mais velho (José de Abreu) — e no teatro trabalhou em *Confissões de Adolescente*, sob a direção de Domingos de Oliveira.

Vanessa, dublê de jornalista e atriz, atuou na série *A Justiciera*, coordenada por Daniel Filho. "Foi bom fazer a Clara porque algumas pessoas, acostumadas com o meu lado de divulgadora, lembraram que sou atriz," responde animada com a repercussão do trabalho.

Que algo em *Delicadeza* seduziu o público não resta dúvida. O episódio *Quando Eles Amam*, que dramatizava o envolvimento entre dois rapazes, foi ao ar em 15 de maio do ano passado. Mas a maioria dos espectado-

res preferiu a separação do casal Pedro (Pedro Brício) e Juan Pablo (Nico Puig).

De nada adiantou Luís Carlos Freitas, técnico de edificações, 39 anos, esfolar o dedo no telefone para votar a favor da manutenção do amor gay com mais de 15 ligações para a emissora do Jardim Botânico. Juan Pablo voltou sozinho para a Espanha.

Para o roteirista de *Quando Eles Amam*, Fausto F. Galvão, 31 anos, o público optou pela separação dos rapazes devido ao preconceito diante de uma situação nada convencional. "Afinal, uma das escolhas recaía justamente no casamento de Juan com a sogra a fim de burlar as leis e poder ficar no Brasil. No caso das meninas não houve este outro fator. O brasileiro ainda é muito machista e arraigado às tradições e por este motivo priorizou a relação entre mãe e filho em detrimento daquela existente entre os rapazes", avalia o roteirista, que há três anos trabalha no programa.

A editora do suplemento Televisão do jornal O Dia, Simone Ruiz, acredita que a vitória das meninas em *Delicadeza* aconteceu avançada pelo enfoque sutil e ao fato de se tratar de duas adolescentes. "Foi a primeira vez que o assunto foi abordado desta maneira e com duas meninas. Me surpreendeu o resulta-

do e ele é uma prova de que algo está mudando".

Em *Delicadeza* também não faltaram aqueles que insistiram em ligar várias vezes. O bancário Luciano Teixeira, 27 anos, ligou quatro vezes para o programa para apoiar um final feliz para as meninas. Outros, como o cabeleireiro Reinaldo Diniz Barroso, estavam tão confiantes na vitória que dispensaram o telefonema mas assistiram ao programa torcendo pelo amor das meninas. "Eu não liguei de preguiça. Mas acredito que as pessoas estão cada vez mais abertas a este tipo de relacionamento".

Em entrevista para a SuiGeneris, as atrizes Maria Ribeiro e Vanessa Cardoso contaram como foi a experiência de interpretar duas adolescentes apaixonadas e se mostraram abertas quando o assunto é sexualidade. Falaram também sobre a repercussão do programa e de como agiriam se estivessem no lugar delas.

Vocês sentiram algum tipo de constrangimento ao interpretar Clara e Renata?

Vanessa Cardoso: Como atriz não me passou nenhum tabu. Gostei muito da personagem. Namorei meu marido durante sete anos, sou casada há um ano, nunca tive interesse por mulher e foi muito legal. Me preocupei mais com o amor, do que

para torcida gay

com o sexo.

Maria Ribeiro: Me chamou a atenção o tema. Eu estava no meio de uma turnê de uma peça. Fiz este episódio sem medo, sem pensar na reação das pessoas. O tempo inteiro eu notava que o personagem ficava confuso. E pensava como eu agiria nesta situação.

Como você agiria se estivesse no lugar da Clara e Renata?

M.R.: Nunca senti tesão por mulher. Já fui cantada por amigas mas não tem nada a ver. Até agora não aconteceu. A mãe da Renata era muito repressora, o pai morava na Inglaterra e a verdade é que nesta idade os garotos são muito bobos. As garotas nesta idade são mais companheiras. Se acontecesse comigo eu tentaria. Entre um cara babaca e uma mulher interessante, vou querer uma mulher interessante.

V.C.: Eu também tentaria.

Por que o episódio dos meninos – Quando Eles Amam – não emplacou?

M.R.: A abordagem era sutil, eram duas meninas bonitas, jovens que tiveram a opção de ficar juntas. Era tudo muito natural. O fato de as pessoas olharem e não verem os estereótipos ajudou. O tratamento de *Delicadeza* agradou mais porque eram duas mulheres, o texto era muito bom e a abordagem era profunda.

V.C.: O carinho delas uma pela outra, o amor verdadeiro e inocente foi conquistando o público. E eu não sei se isto aconteceu no outro *Você Decide*.

O que conta então para as pessoas decidirem favoravelmente ou contra uma relação entre dois homens ou duas mulheres?

M.R.: As pessoas têm uma certa repulsa quando vêem uma postura cheia de estereótipos. Acho que tinha uma abertura, uma falta de defesa. Tem o problema estético, sim! Se fossem duas mulheres de cabeças raspadas, com piercing ou dois homens afetados, a reação do público seria outra. É

lindo quando vejo duas mulheres juntas de um jeito natural. Acho furada esta de dar bandeira...

V.C.: A reação do público foi muito boa porque abriu um espaço. Às vezes falta o lado romântico do homossexual, este lado bonito. As pessoas do mesmo sexo se amam também com romantismo. Por que tem que ser agressivo?

Vocês viveriam uma história de amor com pessoas do mesmo sexo?

M.R.: De repente, posso encontrar uma mulher e me apaixonar por ela! Não gosto de transar com mulher mas vai depender da pessoa.

V.C.: Isto é complicado. Acho algumas mulheres bonitas. Mas não tenho tesão por mulher. O importante deste episódio é que ele mostrou duas meninas que podem ser felizes, bonitas e românticas...

Vocês acreditam que o panorama do preconceito está mudando? E quais são as perspectivas?

M.R.: Acho que está mudando muito. O episódio é uma prova disto. A tevê pode ajudar ou não. Ela forma opinião e tem participação positiva nesta história. Novelas como *A Próxima Vítima*, *Vale Tudo* e os episódios do *Você Decide* são exemplo disto. As pessoas estão se assumindo! Ninguém pode dizer nada

do Renato Russo porque ele é gay. Não acho legal as tribos, esta divisão entre gays, não gays, os travestis, as barbies. Falta aos gays um pouco mais de ousadia no sentido de naturalidade. De poder ir a um restaurante hetero. Ninguém vai estranhar. Claro, se você ficar se agarrando também não é legal. Falta sutileza. O preconceito existe dos dois lados. A própria revista *SuiGeneris*. Pessoas que não são gays estão lendo...

V.C.: Está mudando mas há ainda

muito preconceito no dia-a-dia.

Vocês esperavam o resultado favorável às meninas?

M.R.: Não esperava mas eu torcia. Os outros finais eram muito artificiais. O final em que elas concluíam que eram amigas a gente fez, mas sabe quando você no íntimo não se convence?

V.C.: Quando vi o resultado, eu não conseguia acreditar. Ainda mais porque estava ganhando disparado... ■



Maria Ribeiro (à esquerda) e Vanessa Cardoso: boas atuações que conquistaram o público

O dono da cena confia no seu poder de fogo. Abusa da sedução e deixa transparecer a sensualidade. Sem temer o excesso, mistura texturas, tecidos e cria o look rural fashion




Nesta página e no index, calça de couro bruto vernizado (R\$ 625), DKNY para Alice Tapajós, e camisa de listras irregulares Claudio Gomes (R\$ 55). Óculos garimpado num camelô do Centro do Rio. Boots Caterpillar.

destino OESTE

moda Rogério S.
fotos Duda Carvalho

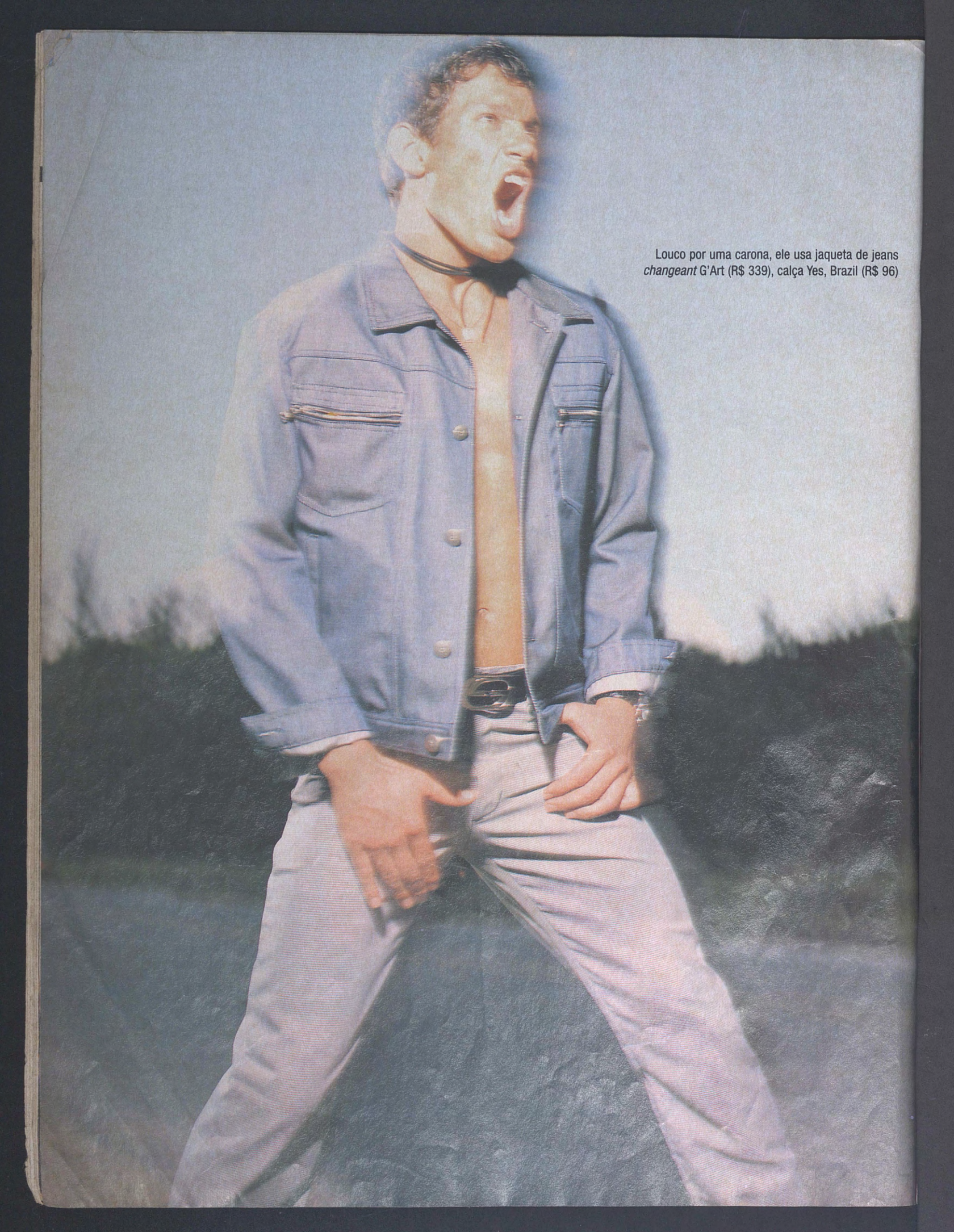
A esquerda, casaco de couro com estampa de cobra (R\$ 490) e calça five pockets de chamois negro (R\$ 349), de Pascale Vivisique. Cinto Touring (R\$ 26,90).



Aqui, ele usa short de brim azul profundo Claudio Gomes (R\$ 49) com camisa tricotada de algodão e viscose G'Art (R\$ 119). Cinto Gucci.

Para deixar os cabelos com brilho e hidratar o couro cabeludo, Marcio Mitkaii usou Brilliant Forming Gel, da Aveda. Na pele, Teint Spontanée de Yves Saint Laurent, creme hidratante com pigmento, que protege e dá aparência de bronzeado.





Louco por uma carona, ele usa jaqueta de jeans
changeant G'Art (R\$ 339), calça Yes, Brazil (R\$ 96)

Mistura abusada: camisa de seda com estampa gótica Claudio Gomes (R\$ 149) e colete de fitas de cetim, feito sob encomenda, por Antonio Medeiros (preço sob consulta). A calça com modelagem justa e tecido furta-cor é G'Art (R\$ 159). Cinto Toulon (R\$ 26, 90). Relógio Giorgio Armani para Natan (R\$ 850).

Produção **Aline Lorena Tolosa**
Cabelo e maquiagem **Marcio Mitkaii**
Modelo **Eduardo Rodrigues (Elite)**

Onde encontrar:

Pascale Vuylsteke (021) 537 7213

Toulon (021) 275 6222

Alice Tapajós (021) 521 7248

Claudio Gomes (021) 322 0442

G'Art (021) 322 3121

Antônio Medeiros (021) 532 0770,

código: 401 3921

Natan (021) 511 1206

Yes, Brazil (021) 322 1657

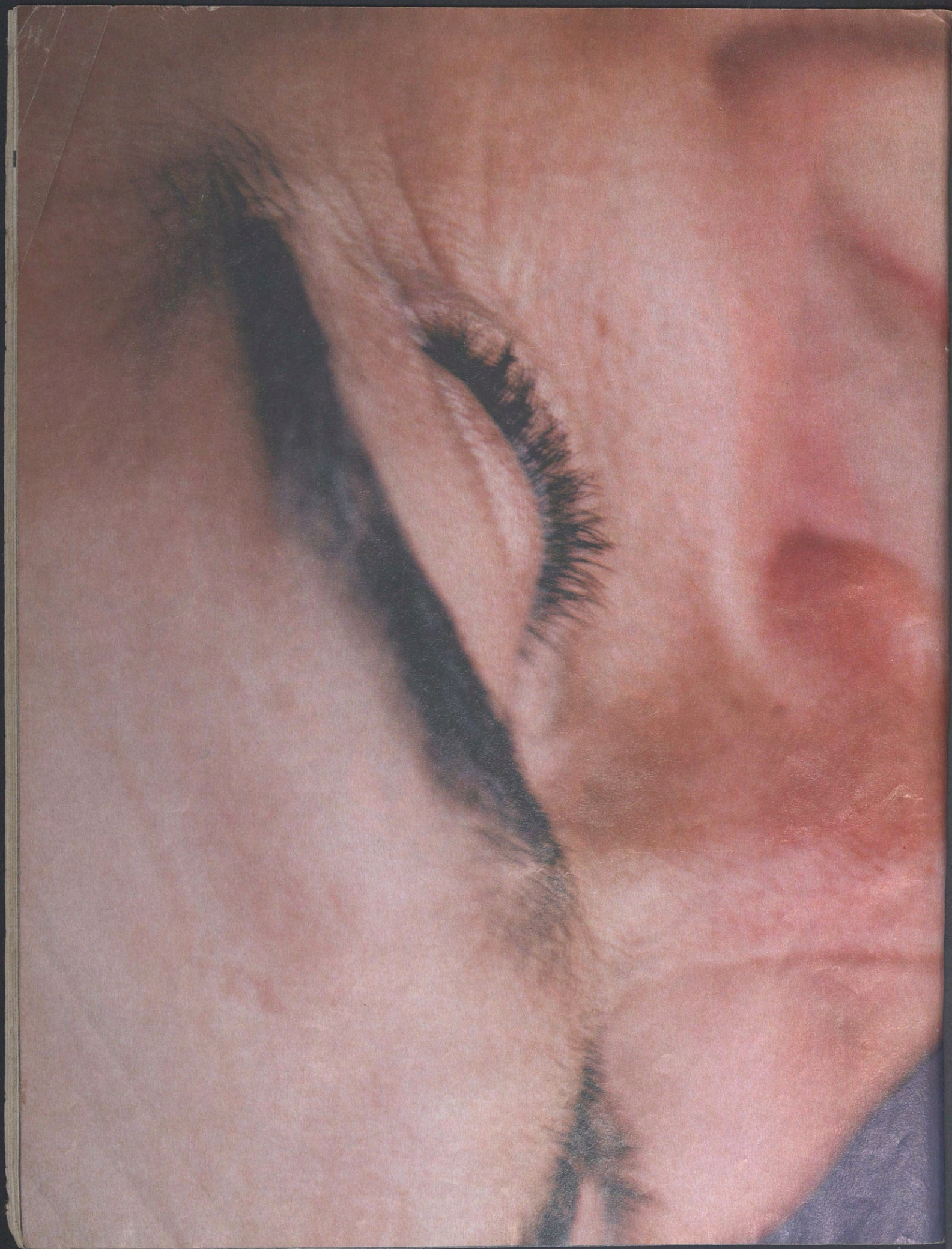
Yves Saint Laurent (021) 509 8666

Errata: na última edição de moda,

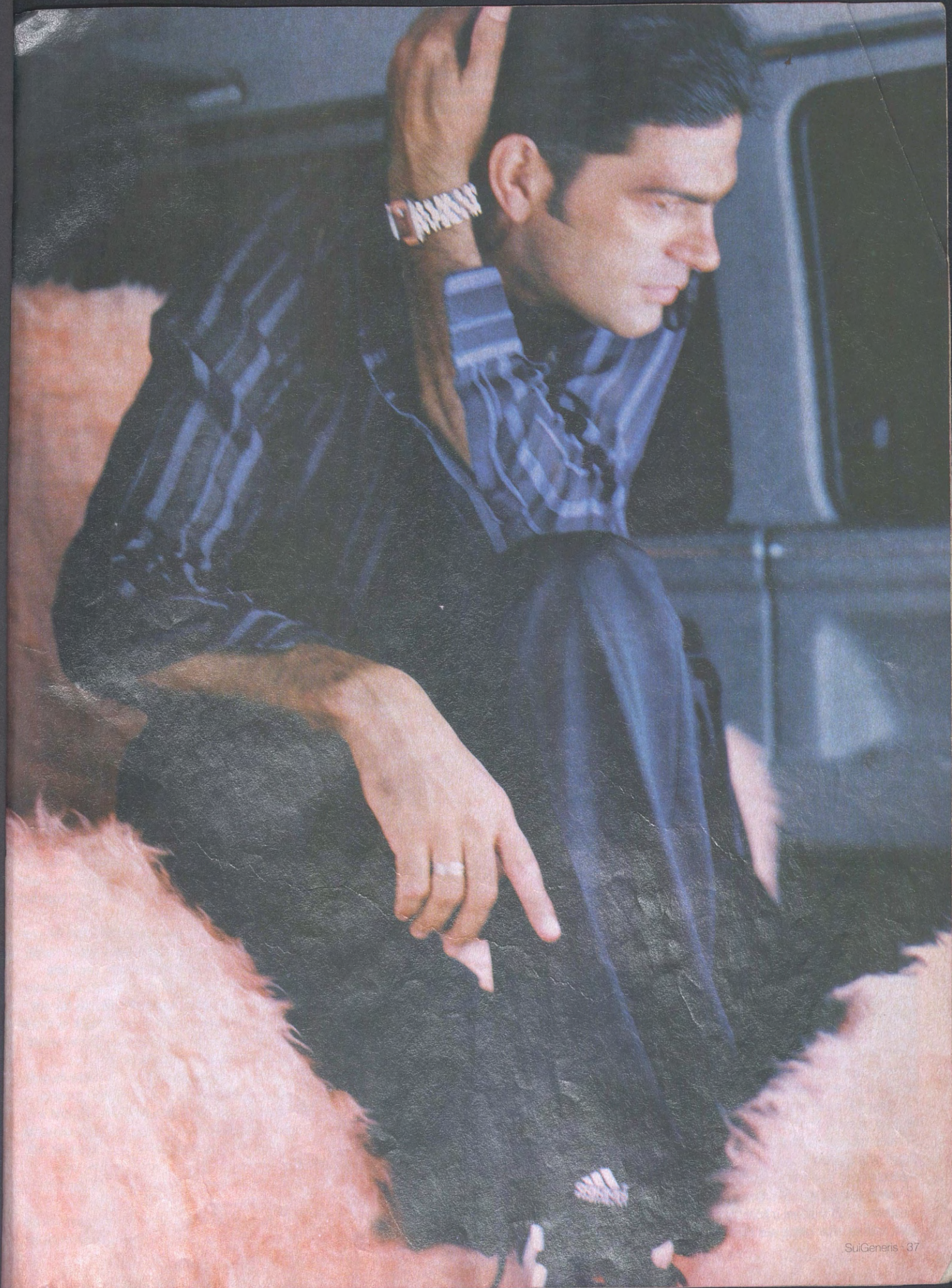
omitimos o telefone da Guess

(021) 512 8634





O novo homem, sensível, romântico e honesto com suas emoções está em alta. E o ator Eduardo Moscovis foi o escolhido para solidificar a imagem do macho desencanado na novela *Por Amor*. Galã da vez, Du Moscovis é também o protagonista do filme *Bella Donna*, de Fábio Barreto, com lançamento previsto para agosto de 98. Aqui, ele fala da vida, da carreira e dos pontos em comum com o personagem da novela, o protótipo do bom filho e amigo. Enfim, o homem bombom, como definiu o autor Manoel Carlos



Não foi por acaso que o ator Eduardo Moscovis, 29 anos, foi escolhido para interpretar Fernando, o piloto de helicóptero assediado pela sexy Milena, (Carolina Ferraz), em *Por Amor*, novela das oito da Rede Globo. O ar maroto e introspectivo e a doçura de Nando evidenciam a consagração de outro conceito de masculinidade, mais próximo da sensibilidade da mulher. Este novo homem em contato com sua alma (a parte feminina do homem, segundo a psicologia analítica jungiana) é um tipo cada vez mais presente nos centros urbanos neste fim de milênio.

Manoel Carlos, autor da novela, joga com esta idéia através do casal Milena e Nando. Ela com seu cabelo curtíssimo e atitudes decididas. Ele com seu jeito de bom moço e longos cabelos. "O cabelo longo do Du foi favorável ao personagem porque mostra que um sujeito bom caráter não é obrigatoriamente careta. É o lado transgressor dele que quis acentuar. Já a Milena é uma mulher que esnobou outros homens até encontrar um que não entrou no seu jogo. Isso também reflete o comportamento de algumas jovens que partem para o ataque quando se interessam por alguém", declara o roteirista.

Tudo isso é Fernando e ao mesmo tempo Edu Moscovis, cujo sobrenome foi herdado da mãe. "Digamos que eu realizei uma pequena vingança feminina", responde jocoso. Como o personagem, ele tem um quê de timidez quando fala mas sem perder a sensualidade.

Receptivo às mulheres e capaz de admirar a beleza masculina - ele confundiu, embevecido, o modelo Vinícius Gama, capa da *SuiGeneris* nº 27, com o ator Diogo Vilela. Esta atitude masculina, presente agora no horário nobre da tevê, é um dado revelador deste novo comportamento do macho.

Segundo a antropóloga Laura Graziella, 46 anos, professora da Universidade Federal Fluminense especializada na análise da televisão no Brasil, a telenovela é pedagógica e este perfil de masculinidade se cristaliza cada vez mais.

Mais ainda. Segundo a antropóloga, este perfil masculino mais sensível e honesto com suas emoções está se expandindo nos centros urbanos. E is-

to depende mais de fatores culturais, do que propriamente de fatores econômicos. "Há uma tendência hoje no homem a realizar a integração de seus opostos o que torna a pessoa mais honesta com suas emoções", complementa a terapeuta Célia Resende.

Será este o segredo do sucesso? A carreira teatral de Moscovis começou por acaso, quando ele

guns instantes o *derrière* do rapaz.

A editora interina da Revista da TV, do jornal O Globo, Patrícia Kogut, é objetiva quando fala do ator. "Ele é superbonitão e um excelente ator".

Volúpia à parte, ele supera as expectativas de quem imagina que na televisão o belo é obrigatoriamente desprovido de talento. "A Globo investiu no Moscovis e ele hoje contracenava com uma de nossas melhores atrizes, a Carolina Ferraz. Ele ainda não é o galã protagonista, mas tem tudo para sê-lo num próximo trabalho", comenta Marcus

Barros Pinto, editor da SuperTV do Jornal do Brasil.

A estréia na tevê aconteceu em *Pedra Sobre Pedra*, de

Aguinaldo Silva, na qual interpretou o provocante cigano Tibor. De lá para cá, ele acumulou uma sequência de papéis em telenovelas -

participou de *Mulheres de Areia*, *As Pupilas do Senhor Reitor* e *Anjo de Mim* - e

também na minissérie *Madonna de Cedro*. Modesto, Du

Moscovis não se acha um homem bonito mas também não su-

bestima seu charme. Apesar disto, não se considera um galã. Adepto

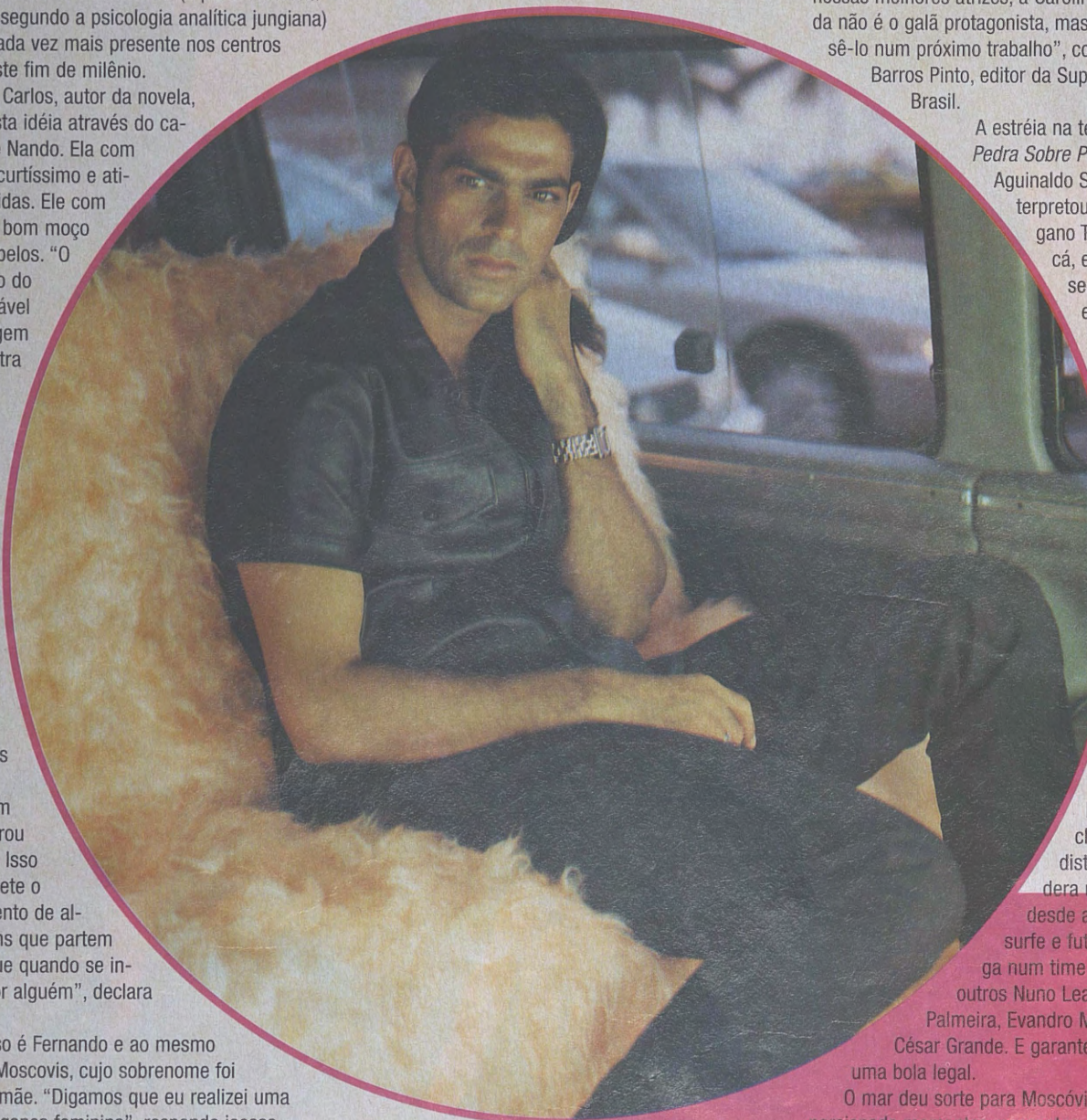
desde a adolescência do surfe e futebol, hoje ele joga num time que tem entre outros Nuno Leal Maia, Marcos

Palmeira, Evandro Mesquita e Paulo César Grande. E garante que o time bate uma bola legal.

O mar deu sorte para Moscovis e tem lhe proporcionado momentos marcantes. Recentemente, atuou no filme *Bella Donna*, dirigido por Fábio Barreto, com lançamento previsto para o primeiro semestre de 98. Nele, Moscovis encarna Nô, um pescador, que louquece as mulheres e se apaixona por uma estrangeira, a elegante Donna, vivida pela atriz americana Natasha Henstridge.

Natasha, premiada com o MTV Movie Awards por sua performance em *A Experiência*, passou uma temporada em Canoa Quebrada, situada a duas horas de Fortaleza, cujas praias paradisíacas serviram de cenário para o filme. A produção tem também no elenco o ator americano Andrew McCarthy (*Um Morto Muito Louco*), no papel de Frank, o marido de Donna.

Em algumas cenas de *Por Amor*, o contato íntimo com as praias cariocas rendeu também ao te-



seguiu sua intuição, deixando de lado a opção pela administração de empresas. Numa visita à Casa de Ensaio, coordenada na época por Carlos Wilson, o Damião, ele se encantou com o espaço cênico. Três meses depois, já atuava na remontagem de *Os 12 Trabalhos de Hércules*. Ainda em 89 participou de *1789*, com o ator Paulo José, espetáculo comemorativo dos 200 anos da Revolução Francesa.

Com a mídia voltada para ele e seu personagem, Moscovis já foi capa do Caderno Televisão de O Dia e teve até seu bumbum censurado numa cena da novela quando era flagrado por Branca (Suzana Vieira) num hotel com a rebelde Milena (Carolina Ferraz). Os mais afoitos comentam que apesar da tesoura global, pôde-se apreciar por al-

espectador cenas sensuais ao lado da parceira Carolina Ferraz. Apesar de formar com ele um par romântico, a atriz não acredita que o perfil dos homens esteja se transformando. "Acho isto tudo

uma viagem! Não acredito que exista este novo modelo de masculidade". Contudo, é generosa quando fala de seu amigo. "O Edu é maravilhoso. A honestidade dele com as pessoas e consigo mes-

mo é a sua marca diferencial. Ele não é mais um rostinho bonito".

A atriz Leticia Sabatella, que atuou ao lado de Moscovis em *Bella Donna*, no papel de Benta, ex-



amante de Nô, também não poupa elogios ao colega. "O Edu tem um senso de humor maravilhoso!". Quando perguntada se acredita que o macho desencanado é uma tendência, ela confessa que tem dúvidas, mas se sente atraída por este perfil. "Este tipo de homem que tem um universo interior rico e uma relação com o silêncio é muito interessante".

Sereno diante dos tabus, o ator não teve problemas em beijar a boca do ator Raul Cortez em *Greta Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá*. Encenada em 94, a peça abalou o público paulista e depois fez uma turnê pelas principais capitais do país. Ficar nu no palco também não foi nada de mais. Em *São Francisco*, em curta temporada no Rio, ele pôde ser visto como veio ao mundo para alguns eleitos.

Em entrevista à SuiGeneris, este geminiano despreocupado, não hesitou em falar sobre a vida pessoal e comentar a repercussão de Nando em

cão deles mesmo estando no palco.

E qual era a sua reação ao beijo na boca em cena?

Para mim é natural o beijo na boca entre dois homens em cena. Penso que isto era uma questão mais delicada do que o nu em cena em *São Francisco*. O simbolismo em *São Francisco* é outro. Ele se despede da família, tira a roupa e assume o seu voto de pobreza. Era uma cena muito bem-feita, à meia luz e eu ficava de perfil para a platéia. Em momento algum senti estranhamento por parte do público por causa do nu. Já no *Greta Garbo*, mesmo estando no palco, a gente ouvia a reação.

Você trabalhou também em *Bella Donna*, dirigido pelo Bruno Barreto. É um filme no qual há muita sensualidade. Como isto foi utilizado?

academia de ginástica.

Por onde passa sua beleza?

Acho que pode ser algo natural. Não tenho nada programado com relação a isto. Sempre que tento fazer de outra maneira, se armo uma sedução, canastro e erro o alvo. Gosto de minha espontaneidade. Para me sentir belo tenho que estar integrado com este lado esportivo. Se eu estiver só trabalhando, sem prestar atenção a esta minha faceta esportiva vou me olhar e me achar acabado. Mas está difícil me equilibrar porque o ritmo de gravação está muito puxado.

E seu personagem na novela? Qual o perfil dele e sua função na trama?

Logo no começo da novela tem o encontro do meu personagem com o da Carolina. Mas na nossa visão o autor inverteu os papéis. É a mu-

“Não tenho problema em olhar a beleza de um homem”

Por Amor, um dos momentos mais importantes de sua carreira. A timidez, porém, fica de lado quando o assunto é o coração. Ousado e romântico, ele assinala “por amor sou capaz de fazer qualquer coisa!”. Namorado de Roberta Richard, 24 anos, que trabalha com a apresentadora Xuxa Meneghel, ele tenta ter jogo de cintura diante dos desafios de uma agenda lotada de gravações na tevê. “Se eu estiver trabalhando sem prestar atenção à minha faceta esportiva, vou me olhar e me achar acabado”. Cá entre nós, ele é mesmo modesto...

Ficar nu no teatro é uma situação natural?

Muito normal. Antes do nu em *São Francisco*, teve outro trabalho de maior impacto, o *Greta Garbo, Quem Diria, Foi Parar no Irajá*. Nesta peça se falava muito sobre as relações humanas, independente de opção sexual. No final da peça, o meu personagem vai embora e tem a despedida na qual eles se beijam, os dois personagens masculinos, eu e o Raul Cortez. Era algo que chocava a platéia. Às vezes, sentia a rea-

Acho que não tem como não usar a sensualidade. O lugar é lindo, deslumbrante. É sol o tempo todo! O outro ator é o Andy McCarthy que fez muitas comédias. Ele é superbom ator, de uma geração hiperlegal, e fazia aquele tipo de comédia que a gente viu na Sessão da Tarde. Ele atuou também em *Um Morto Muito Louco*. Fiquei quase dois meses em Canoas Quebrada, do final de abril ao começo de junho.

Em *Por Amor* você está contracenando com uma das mulheres mais cobiçadas do Brasil, a Carolina Ferraz. Você se acha um homem bonito?
Não. Não me acho bonito.

Se você não se acha bonito como você se definiria?

Nunca me preocupei com malhação, em formar o meu corpo. Até porque sempre fui ligado em esporte e pego onda até hoje. Tenho uma relação muito forte com o mar. Sou surfista desde os 12 anos de idade. Em *Bella Donna*, por exemplo, estas cenas no mar acontecem o tempo todo. Jogo futebol desde pequeno também e odeio

lher quem vai investir, paquerar, chegar em cima e o homem, o Nando, é um tipo mais observador, que espera para ver o que acontece. O Fernando sempre aparece na defesa. E isto tem a ver com a história de ele ser um piloto de helicóptero. Mas ele, por outro lado, também vive com a mãe e dá muita atenção para a irmã mais nova. Ele é um personagem muito bem construído, como a maioria na novela. O Manoel Carlos deu essa base para a gente. Até o detalhe do cabelo. A Carolina tinha cortado o cabelo muito curto e o resto do elenco masculino, todos têm o cabelo curto também. Então, por que não deixar o Fernando de cabelo comprido? Isto valoriza a inversão...

Um homem feminino e uma mulher masculina?
É por aí...

Isto tem afinidade com você?

Por um lado tem. Sou muito observador. Não sou muito de tomar a iniciativa, prefiro esperar. Mas falando deste detalhe masculino-feminino,

a Carolina, apesar de ter esta postura de ataque, faz um personagem altamente feminino.

Como o seu personagem, você pilotaria um helicóptero?

Estou pensando seriamente.

Você se acha um bom piloto de suas emoções?

(risos) Sou um bom piloto quando o tempo está bom. Quando começa a aparecer uma nuvem meio negra, aí tenho que dar um breque. Mas até que ultimamente estou conseguindo me sair bem.

Você está namorando alguém ?

Estou namorando a Roberta Richard. Ela trabalha com a Xuxa e a gente está junto há quase três anos.

Você deve receber cartas de fãs. Como você encara este assédio?

É legal você receber cartas. É uma resposta ao trabalho, mas não recebo muitas cartas. Agora, com esta novela, tem aumentado.

Perfil

Signo Gêmeos com ascendente em Capricórnio.

Idade 29 anos

Homem bonito Meu irmão, o Luiz Vicente.

Ator Daniel Day-Lewis

Atriz Juliette Binoche

Filme *Bella Donna*

Estação do ano Verão

Perfume Não uso

Cueca Confortáveis do tipo samba-cangão

Estilo Básico ("um jeans e uma camiseta")

Lugar mais exótico onde fez amor

Uma estrada.

O que é capaz de fazer por amor

Qualquer coisa!

Personagem que mais gostou de interpretar Francisco de Assis

Sonho de consumo Dar para os meus pais uma condição de vida legal, quando eles estiverem na fase da velhice.

Lugar ideal. O lugar ideal é aquele onde você está bem com a pessoa que você gosta.

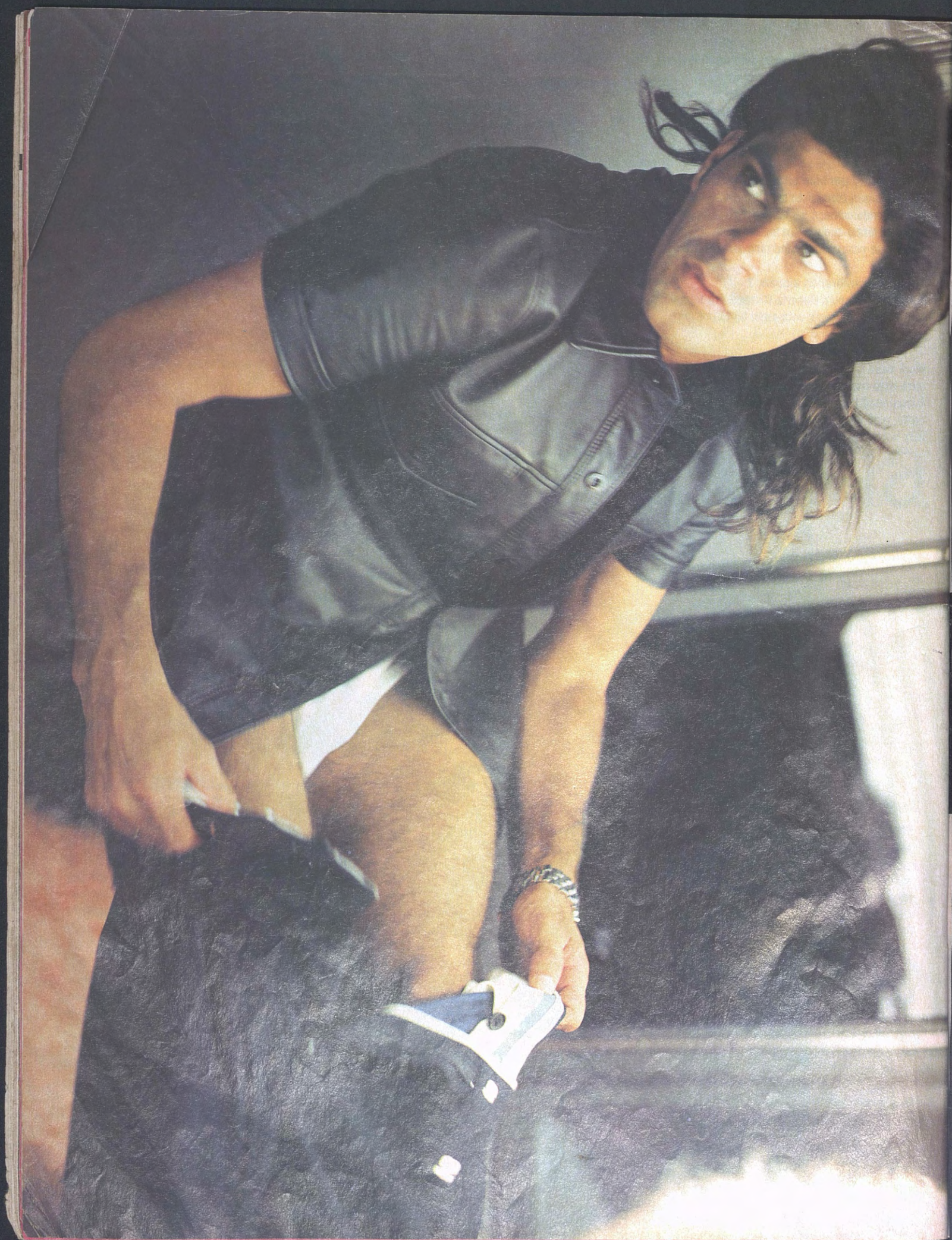
Momento ideal Para mim é o agora

Maior qualidade A minha sinceridade e honestidade

Maior defeito. Sou muito disperso

Maior defeito do outro Hipocrisia





Dia 5 de dezembro, sexta-feira, 16h30m, Avenida Atlântica. Depois de se entregar, sem queixas, aos cuidados do cabeleireiro paulista Saulo Fonseca, Eduardo Moscovis se prepara para posar para as lentes do fotógrafo Murillo Meirelles para a capa de SuiGeneris.

Sempre alegre, o ator, já com os cabelos alisados e envergando calças e camisa negros, mete-se dentro da van, forrada de pelúcia pêssego, para só sair de lá horas depois. Tudo no maior bom humor.

A movimentação que acontecia dentro da Topic e seu ilustre e charmoso passageiro acaba chamando a atenção dos pedestres da famosa avenida de Copacabana, nesta hora ocupada por adolescentes e senhoras. Não demorou muito para que uma pequena e ruidosa legião de fãs se aglomerasse em frente ao veículo.

As até então excitadas mas comportadas velhinhas e garotas perdem as estribeiras quando o ator começa a encenar um sensual strip-tease, vestindo e tirando repetidas vezes as calças e exibindo as pernas e uma cueca estilo

Neste momento, ouve-se uma buzina e Camila Pitanga salta de seu carro para cumprimentar o amigo. A atriz resolve participar do ensaio e brinca de desabotoar a braguilha do galã. Neste momento, as fãs brigam para se aproximar dos atores e conseguir autógrafos. A coisa toma proporções dantescas, quando dois carros batem em frente ao cenário já conturbado do ensaio. Estava armado o circo.

De um lado, mulheres à beira de um ataque de nervos e motoristas em pé de guerra. Do outro, cinegrafistas amadores e turistas com câmeras fotográficas registram a barafunda, enquanto Du Moscovis larga tudo e resolve separar os motoristas beligerantes. Nisso, um já enlouquecido produtor tenta em vão demover o belo modelo da idéia de servir de árbitro no quiproquó.

Finalmente, a paz se faz. Cai a noite e o cenário da Atlântica começa a se modificar. Agora a avenida é tomada também por prostitutas e jovens michês e outros nem tanto. É quando um deles não resiste e solta a frase engasgada na garganta da multidão: "Olha que bunda gostosa que ele tem!".

A voz do povo é a voz de Deus. ■

texto: Roni Figueiras

Strip-tease na Atlântica provoca batida e leva fãs ao delírio

Já aconteceu de alguma fã te pedir em casamento?

Não. Minhas fãs sempre me respeitaram.

O galã clássico de televisão está em crise. Qual a característica mais marcante do galã na década de 90?

O típico galã clássico é o Fábio Assumpção.

Você se acha um galã?

(risos) Acho que não.

Por quê? O que um galã tem que ter e você não tem?

Ah... Não sei. (desconversando). Penso que a televisão trabalha muito com o close e explora a fisionomia das pessoas. O Fábio é o tipo de cara que fotografa muito bem. Ele nem é o padrão brasileiro, ele tem o olho claro, o cabelo claro, a pele clara. Ele é um pouco uma figura nórdica. E se tornou um símbolo de beleza.

Hoje na década de 90, o galã tira a roupa, aparece de sunga. Você mesmo tem feito com a Carolina Ferraz cenas de muita sensualidade. Será que isto de certa maneira não te transforma num galã?

É...(evasivo). Se o conceito de galã é esse agora...

Estas cenas com a Carolina Ferraz são muito sensuais. Você gosta da idéia de enlouquecer este inconsciente coletivo de mulheres e homens?

Uma vez, o Manoel Carlos falou sobre a química de um casal. Não adianta você colocar alguém conhecido. O que está sendo ressaltado agora, entre mim e Carolina, é que esta química flui. E isso não é algo que se prepare. Você pode até correr atrás deste objetivo mas isto deve acontecer naturalmente. O objetivo é enlouquecer? Então vamos enlouquecer este público. O Manoel Carlos seguiu o nosso primeiro beijo durante muito tempo. Tivemos cenas nas quais estávamos literalmente nos comendo mas o ato em si não acontecia. E isto, que parecia de início incomodar a gente foi o grande truque por

que descobrimos que poderíamos trabalhar esta sedução. Acabou acontecendo por dois caminhos, o dela que é atirado, e o dele que é observador. E quando você segura muito uma situação tem um instante que há uma explosão.

Você já recebeu cantadas diretas e indiretas de homens?

Já. E todas as cantadas que recebi foram em tom de brincadeira. Alguns diziam que estavam brincando, mas era o tipo de brincadeira que se desse certo...

Como você encarou isto?

Na boa...sempre.

Geralmente os adolescentes descobrem sua sexualidade em jogos com outros garotos. Já aconteceu uma situação desta com você?

Não. Eu tinha uma turma e a gente brincava de salada mista. Mas foi o máximo que aconteceu.

Você aceitaria um filho gay?

Sem problemas. A minha única preocupação seria com a sua felicidade e de como ele se resolveria com relação a isto. Eu o apoiaria e daria proteção a ele, como a um filho hetero. Isto se a homossexualidade dele fosse uma questão difícil na sua vida. Não gostaria que o fato de ele ser homossexual, fosse um problema para ele.

Com que homem você iria para a cama se fosse o caso?

Não consigo me ver com um homem na cama. Não consigo mesmo! Tem uns caras que acho superinteressantes, sedutores. Sou muito fã de alguns deles, o próprio Daniel Day-Lewis, mas é algo ligado ao trabalho deles. Mas não tenho problema nenhum em olhar para a beleza de um homem. É até instigante. Não tenho curiosidade de ir para a cama com um homem. Pode acontecer, mas nunca pensei nesta possibilidade e não penso atualmente. ■

Coordenação Rogério S.
Produção Aline Lorena Tolosa
Cabelo e maquiagem Saulo Fonseca
Du Moscovis usa camisa de couro e overpants
Forum; camisa G'Art; tênis Adidas para Físico e Forma;
babouche Kenneth Cole; relógio Gucci; underwear Foch.



Mocinho co

Maurício Branco veio a público para se defender das acusações da ex-namorada Betty Faria, que o taxou de “mau-caráter” em recente entrevista à Sui Generis. Nesta entrevista, ele se declara inocente e confessa que o trauma da separação deixou seqüelas na sua vida amorosa. Atualmente, ele se prepara para o lançamento do longa, *Contos de Lygia e Morte*, de Del Rangel; e da minissérie *Vida Bandida*, de Régis Faria, em que reconstitui os últimos momentos do bandido Leonardo Pareja

Aos 28 anos recém-completos, o ator Maurício Branco se define como uma pessoa simples. Seu maior sonho de consumo, por exemplo, é ter um avião. Sagitário, com ascendente em sagitário, segundo ele, a maior característica de seu signo é a profunda sinceridade. Em cinco anos de carreira, ele acumula na bagagem quatro filmes, oito peças de teatro, duas minisséries e três novelas, cujos personagens invariavelmente são rapazes riquinhos com um toque cafajuste.

Apesar do currículo bem fornido, o rapaz, nascido em Brasília, chamou a atenção do público e da mídia por manter um atribulado romance com Betty Faria, durante as gravações da novela *De Corpo e Alma*, da Rede Globo. Em entrevista à SuiGeneris em seu apartamento no Jardim Botânico, ele relembrou o namoro, mas recusou-se a mencionar o nome da atriz. Ele se diz magoado com as declarações da ex-namorada à SuiGeneris, quando ela o acusou de ser “mau-caráter”.

Neste momento, ele se dedica à promoção do filme *Contos de Lygia e Morte*, de Del Rangel. Com estréia prevista para março, a produção traz no elenco ainda Viviane Pasmanter, Tarcísio Filho, Nathália Timberg e Gian Francesco Guarnieri. Maurício também é o astro de *Vida Bandida*, minissérie de Régis Faria. O drama reconstitui a vida do bandido Leonardo Pareja, morto misteriosamente na cadeia, depois de bancar o porta-voz de uma rebelião de presos, numa penitenciária de Goiás. “Fiquei impressionado, nunca pensei em fazer um bandido”, confessa o ator.

Apesar de ter o *phisque* do rôle do riquinho arrogante, Maurício diz que é do bem. Desmente os boatos de seu envolvimento com o cantor

Renato Russo e jura que não se enquadra no estereótipo gay. “Não se espante se me casar e ter filhos”, ameaça ele aos seus detratores.

Como está a carreira?

Estou numa boa fase. Em 97, finalizei uma novela, fiz duas minisséries, *Vida Bandida*, que é a história do Leonardo Pareja; e *A Sétima Bala*, que está no ar. Fiz quatro filmes e nenhum deles foi lançado até agora. O último chama-se *Contos de Lygia e Morte*, são três contos da Lygia Fagundes Telles adaptados para o cinema pelo diretor Del Rangel. Trabalho no primeiro curta com Viviane Pasmanter, Tarcísio Filho e Luís Guilherme. No segundo, estão Nathália Timberg e Gian Francesco Guarnieri. Fiz um filme também em Cuiabá, *A Cilada com Los Cinco Morenos*. E protagonizei a minissérie *Vida Bandida*, sobre Leonardo Pareja. Foi uma surpresa. Estava acabando de fazer *Dona Anja*, no SBT, e o Régis Faria, me convidou para fazer o personagem. Fiquei impressionado, nunca pensei em fazer um bandido.

Vai virar filme também, não?

Vai virar filme com o Marcelo Faria no papel. Mas o Régis resolveu filmar um docudrama, uma mistura de documentário e dramatização. São quatro capítulos de 30 minutos cada. Não tem data para estrear, mas provavelmente será exibido na Globosat ou SBT.

Como foi ser bandido em vez de galã?

Minha estréia na Globo foi com um personagem meio bandidinho, que no final se regenerava. Nos filmes permaneceu o estigma de bandido. Depois fiz a novela *Idade da Loba*, do Jaime Monjardin, na qual fazia filho de milionário. Em *Dona Anja*, fazia um

cara meio mau também. Tem uma coisa meio maldita, que me persegue.

Você se identifica com este maldito?

As pessoas fixaram o primeiro personagem e acham que tenho... Estou especialista mesmo, tenho experiência de *bad boy*.

A maioria dos jovens atores acha enfadonho ser galã. Você conseguiu isso sem esforço.

É verdade. O meio fixou isso em mim. Não tenho problema. Vou lá e faço.

Qualquer dia você vai estar clamando para fazer um bonzinho?

Não. No filme *Sétima Bala* faço o filho de um dono de jornal de São Paulo que volta da Europa, onde estudou música, para investigar o assassinato do pai. É meu primeiro bonzinho. Os outros, embora não fossem completamente maus, tinham um lado maldito, cafajuste com as mulheres. Bom, tem minha carreira no teatro. Fiz oito peças. Quando acabei minha primeira novela na Globo, fui trabalhar com a Bia Lessa, em *Viagem ao Centro da Terra*, em São Paulo, trabalhei com Cláudia Abreu, Júlia Lemmertz, Betty Gofman, Otávio Müller, um elenco de primeira. Eu fazia o papel da vaca. Foi uma coisa completamente diferente. Ficava uma hora nu no palco, era uma coisa meio sórdida a experiência de ficar nu na frente do público. Mas enfim, sou ator, fui lá e fiz (triumfante). Depois de SP fomos para a Europa, fizemos o Festival Internacional de Munique, com Orlando. Voltei ao Brasil, já sem tesão nenhum de fazer televisão porque tinha me apaixonado pelo teatro. Mas tinha uma cobrança das pessoas. Fiz então um filme em São

Paulo, chamado *Impala 60*, ainda inédito, com Mauro Lima. Comecei a investir em teatro, fiz *À Beira do Mar Aberto*, são vários contos do Caio Fernando Abreu, direção de Gilberto Grawonski.

Qual sua última aparição no teatro?

Foi uma peça de adolescente, pelo interior de Minas Gerais. Tinha dois meses de folga entre a minissérie do Pareja e este filme no Mato Grosso. Resolvi viajar. Fomos eu, Gustavo Haddad e Ernani Júnior, namorado da Eliane Giardinini. Era um *patch-work* teatral. Não era dirigido às adolescentes, mas só elas iam, porque o elenco era lindo, três meninos bonitos.

Você vem de uma família bem posicionada e sua formação acaba se encaixando perfeitamente nestes papéis de rapaz rico, bem criado e arrogante. Onde começa a ficção e acaba a realidade?

Nasci em Brasília e morei lá até os 18 anos. Sempre estudei nos melhores colégios, aprendi línguas cedo, falo três línguas fluentemente. Isso é uma coisa que, quando você é jovem, você já sente superior. É uma bobagem. Meu pai é funcionário aposentado do Itamaraty. Então se você não entrasse naquele esquema você era excluído. Aos 15 anos, virei punk. Foi uma coisa que rolou com o rock de Brasília. Foi quando conheci Renato Russo. Quando vou conversar com diretores, eles percebem que você tem uma certa linhagem. Mas não é o que quero passar. Me acho mais rock'n'roll do que qualquer outra coisa.

Você se sente culpado por ter tido uma infância privilegiada?

Não é culpa. Meu pai sempre fez questão que eu e minhas irmãs,

tenho duas que moram na França agora, tivéssemos acesso total à cultura. Então aos 9 anos já conhecia toda a cultura latino-americana, desde Vargas Llosa. Educação era algo muito importante na minha vida para a minha família também. As pessoas acham que sou educado demais.

Mas isso não é um eufemismo para dizer que você tinha tendência homossexuais?

Não, acho que não. Ao contrário. O homem educado conquista muito mais uma mulher do que um cara grosso. Se bem que tem mulher que gosta. Tem homem também que gosta de viver embaixo de bolacha (risos). Eu me sinto privilegiado e dizem que sei elogiar. Acho que só conquisto, me sinto incomodado comigo porque eu poderia ser mais solto. Acho que não existe nenhum relacionamento quanto ao ser gay. Não me considero, respeitosamente

falando, nenhum Oscar Wilde.

Beleza põe mesa?

Sempre, sempre, uma pessoa bonita chega e abre qualquer porta.

No seu caso ajudou ou atrapalhou?

No meu caso foi legal. Peguei meu primeiro trabalho em televisão devido à minha semelhança física com o Tarcísio Meira. Se eu não fosse parecido com o Tarcísio seria mais difícil.

No caso do Pareja também.

Também. Embora eu não me ache parecido com ele. O diretor Régis Faria acha até estranho eu falar isso. Tem um pouco o olho puxado. E uma coisa Keannu Reeves. Todo o mundo fala que pareço com o Keannu. Mas eu não me acho parecido. O cara é americano.

Ele é sino-canadense-havaiano.

Meu pai é um pouco índio também. Minha mãe é descendente de italiano, por isso sou bem branco. Esqueci da pergunta...

Perguntei se a beleza ajudou ou atrapalhou.

Poxa, só ajuda! Não me acho lindo, mas acho que tenho uma coisa especial. Tem algo no olhar que é forte, um certo magnetismo ou carisma. Assumo tudo que falo. Sei que tenho carisma. Você sempre acaba usando um pouco deste carisma para fazer com que uma pessoa possa te ajudar ou fazer com que o público passe a gostar de você.

Você recebe mais cantada de homem ou de mulher?

Dos dois. Comigo sempre foi assim. Desde que pelo menos passei a entender o que era uma cantada. As mulheres são mais atiradas.

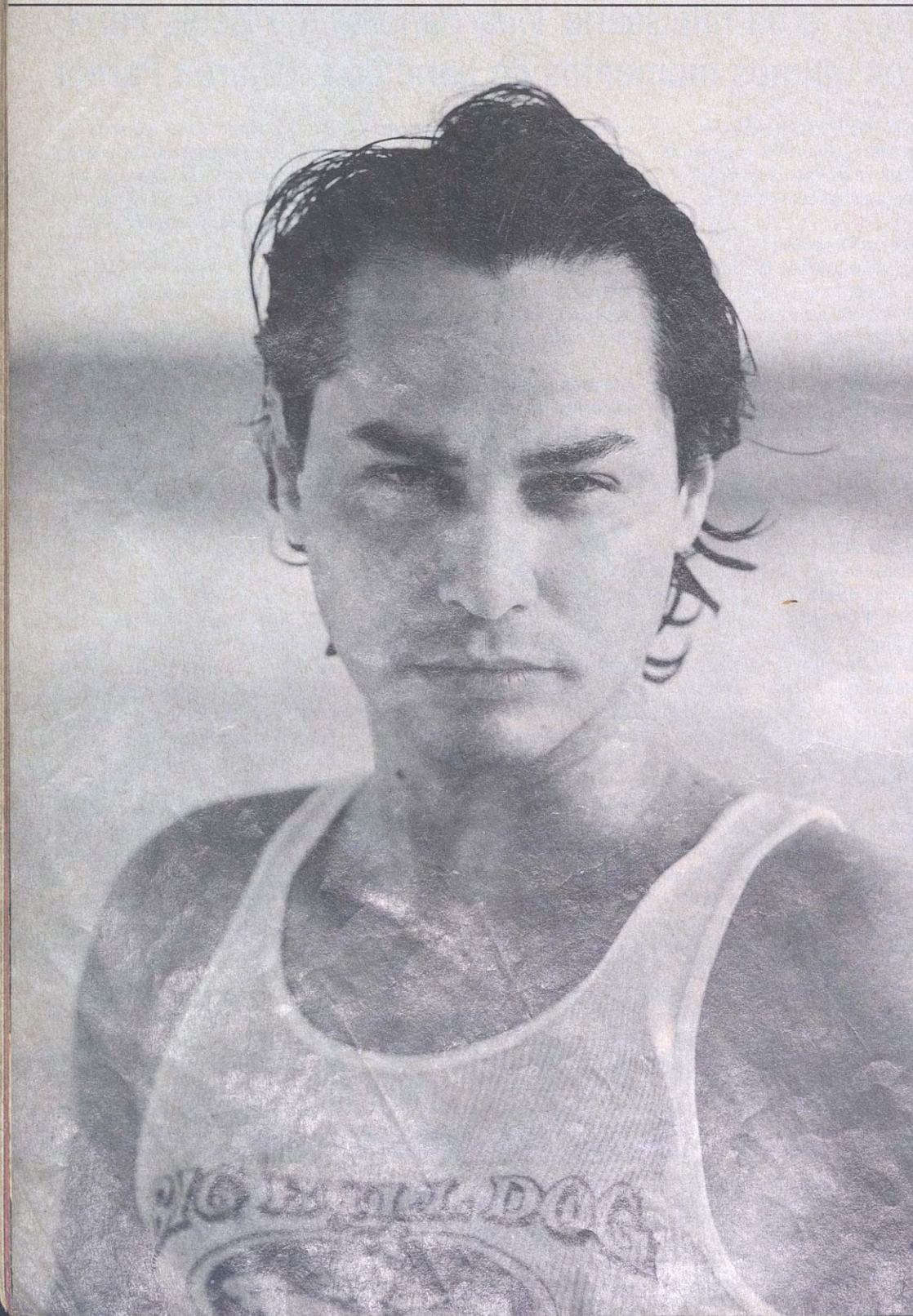
Você foi amigo do Renato Russo. Era só amizade mesmo?

É ótima esta pergunta. De uma vez por todas se esclarece isso. No CD *As Quatro Estações*, existe uma música chamada *Maurício*. As pessoas comentaram, 'então pronto, eles têm um caso'. Nunca fiz o tipo do Renato. Ele era uma pessoa especial, sem ele minha carreira não seria a mesma. Foi ele que disse para a Denise Bandeira me ensaiar para um teste na Globo. E entrei de cara na novela, *De Corpo e Alma*. Nunca houve nada. É um amor, uma amizade mesmo. Eu não fazia o estilo dele.

E quanto a você?

(Risos). Não! Imagina! Renato era meu amigo. Sou considerado frio neste sentido, porque nunca namoro. Já namorei uma mulher muito mais velha do que eu, mas foi uma relação completamente turbulenta. E ela era uma pessoa que tinha alguns recalques. Infelizmente não deu certo. Mas foi uma coisa especial. Bem legal. Aprendi muita coisa. Como pessoa, ela me passou muitas coisas boas, mas depois pirou.

As diferenças de um modo geral



aproximam ou separam os casais?

Já pensei muito nisso. É legal quando você namora uma pessoa totalmente diferente de você. Mas chega uma hora que você quer pelo menos essa pessoa acople a personalidade dela à sua. A diferença de signo é forte e representativa. Gêmeos com sagitário é uma combinação impossível, os dois são parecidos. São ansiosos, sempre estão olhando para os lados. Peco justamente por isso. Não consigo ficar parado. Mas não quer dizer que seja mau-caráter e vá trair a pessoa. Sou fiel, mas não vou fingir que não vejo. Mas não vou desrespeitar a pessoa.

Ou seja, você é fiel enquanto dura, parafraseando Vinícius de Moraes.

Exatamente. Mas pode durar três dias (risos). Sempre disse isso. Não é uma coisa que escondo. Nunca minto em entrevista. Faz parte da minha educação.

Você já viveu um romance atribulado com uma famosa atriz da Rede Globo. Você se sentiu de alguma maneira patilhado por gays ou heteros?

Queria esclarecer bem uma coisa. Não pertencço a nenhum grupo, sou livre, faço o que quero. Não me enquadro em nenhum tipo de gueto ou nicho. Se você me perguntar se sou gay, respondo: 'não, não sou gay'. Por isto fiquei revoltado na entrevista na qual uma pessoa falava que 'além de ser mais jovem do que eu, era gay'. Ela errou porque foi careta. Quantos homens se casam com mulheres, têm filhos e traem as mulheres com qualquer garotão na rua? E vice-versa. Esses garotões que falam que não transam com homens, saem passando Aids para todo o mundo. Penso em me casar, ter filhos e não duvide se isso acontecer. Uma mulher na vida de um homem é muito importante. Por mais que esta relação importante tenha sido turbulenta, aprendi muito. Depois que essa relação acabou, minha vida sentimental nunca mais foi a mesma. É completamente desregulada por não conseguir namorar ninguém. Não sei se voltaria atrás, mas não jogaria fora de novo. Há gays que têm aracnofobia, medo de mulher. Eu gosto.

Você está namorando? Não, mas gostaria, sabe.

Você chegou a ser discriminado por manter uma relação com uma mulher mais velha. Como você tratou isso? Você diz que está magoado.

Magoado estou, porque fui enganado, na verdade. Sempre procurei tirar bom proveito, no bom sentido, de todas as coisas que tive na vida. Só me arrependo do que não fiz. Mas, queria me centrar na pergunta direito.

Imagino que este romance incomodasse as pessoas mais retrógradadas. Quem se sentia mais ofendido, homens, gays ou mulheres?

Meu pai foi o primeiro a falar, 'este relacionamento não vai dar certo, isto é uma palhaçada'. Mas quando estou a fim, bebo a taça até a última gota. Resolvi arriscar porque fiquei muito apaixonado. Fiz tudo para ser um relacionamento legal. Os amigos diziam, 'mas vocês são tão diferentes'. Eu dizia, 'dane-se'. Aí vi como o brasileiro é intransigente e mal-educado. As pessoas aqui têm mania de opinar na sua vida pessoal de uma forma agressiva.

Não era a famosa inveja?

Tem gente que tem raiva de você porque você consegue uma posição de destaque. Inveja é algo que driblo numa boa. Meu papinho está escrito, ninguém vai atrapalhar. O rapaz que cortava meu cabelo sempre me contava sobre os boatos. Na verdade, eu adorava aquele burburinho todo. Não sobre o relacionamento, mas sobre a projeção que eu tinha. Quero dizer, a projeção que eu tinha como artista. Nada a ver com o relacionamento, que era uma coisa secreta que a imprensa descobriu e resolveu explodir com a coisa. Apareceu em todas as capas de revista. Já fugi do assunto de novo...

Falávamos sobre quem teve a reação negativa ao romance se homens, gays, mulheres...

Não defino as coisas assim. Para mim todo o mundo é igual. Uma pessoa para mim é uma pessoa. Queria falar sobre isso, gay, homem, mulher. Pode vir um travesti falar comigo e converso como se fosse uma pessoa normal. Não discrimino ninguém. E não quero ser discriminado, do tipo 'ele é novo e gosta de mulher velha'. E daí? E se amanhã me casar com uma de 13 anos?

Você se sente atraído por mulheres mais velhas?

Completamente. Não sei o que é. Será que preciso fazer análise por isso? (Risos). Cada um com sua loucura. Mas espero que seja passadeira, porque daqui a pouco, quando tiver com 40, vou namorar mulher de 100? Posso até virar aquele tipo que gosta de transar com cadáver! (Risos). Deus me livre!

Você é místico, você tem a crença que temos nosso destino traçado mesmo?

Acredito completamente. Desde pequeno tinha visões do que ia acontecer na minha vida. Já sabia que ia ser famoso, que ia me apaixonar por uma mulher. Sempre vejo o vai acontecer.

É sério?

Sim, mas não de uma forma visionária, não é nada mediúnico. Vem em forma de pensamento. Por isso uma certa época resolvi fazer o Nijinski. Foi o Renato que me deu este pôster (diz, apontando para um grande pôster de cinema pendurado na parede), ele me achou parecido. Ele virou para mim e disse: 'Você tem que fazer o Nijinski!'. Perdi o tesão porque ele ia fazer a trilha sonora do espetáculo. Fui para Paris, comprei algumas coisas para o figurino, aí ele (Renato Russo) resolveu ir para o outro lado. Queria fazer um Nijinski visionário.

O que você pressente que virá para você?

Tenho medo de falar. Quero dizer o que desejo que aconteça comigo. Quero ser respeitado como profissional e pessoa. Quero que as pessoas entendam na verdade que esta aparência arrogante, que de vez em quando possa parecer, na verdade, isso não é nada. É uma imagem que me foi pregada pela televisão. Estava pensando também em produzir um filme para o Festival Mix Brasil, do André Fisher, uma história gay e ao mesmo tempo romântica.

Quando você se deu conta que seu futuro seria o palco?

Foi engraçado. Morava em Brasília, fiz a adaptação de três contos de Alfred Hitchcock para uma apresentação num sarau, numa escola. Estava no palco e quando fui sair, bati com a cabeça numa divisória, cáí, fiquei dois minutos deitado no chão. As pessoas acharam que era

cena de verdade e elas riram muito. Vi não só que ia fazer teatro, mas que ia ser comediante.

O que é mais difícil seduzir ou lidar com ser seduzido?

Sou extremamente sedutor, eu sei. Tenho que falar a verdade. Sou completamente sedutor. Mas com respeito, não sou vulgar, desses caras que já vão pegando. Seduzo com classe (risos).

E como você lida com o assédio?

Normal. Dou superatenção aos fãs, quero saber o que pensam sobre mim. Mas se vejo que está rolando baixaria, dou uma cortada. Detesto que me toquem. Quando vem pegando, já tiro a mão, sabe. Neste ponto sou chato. Não vem me pegando, não. Isto é coisa de brasileiro. Mas adoro o Brasil.

Você costuma passar temporadas fora?

Sempre. Não dá para ficar aqui direito. Rio de Janeiro no inverno não dá, é impossível. Sempre dou uma viajada. Tenho uma irmã que mora em Paris e outra, em Toulouse.

Mas você teve sua formação aqui ou lá fora?

Tudo aqui no Brasil. Minha vida é simples. Bons colégios, mas sem muita frescura. Imagina se eu fosse estudar a Suíça, ninguém ia suportar. Estou brincando! Na França as pessoas são mais simples do que aqui. No Terceiro Mundo as pessoas são muito novas, ricas, têm que ter o carro importado. Tenho um Palio 1.0, é zero, comprei novo, tinha que ser. Me diz o que é um carro? Sou um artista, bicho. Tem coisa mais cafona do que esse povo com celular? Não pode. Agora, vocês estão vendo o Maurício revoltado.

O que é o fim da picada?

Gente que palita os dentes. É uma frescura minha, mas não pode! Como diz a Danuza Leão: 'Vá para o banheiro, apague a luz e palite os dentes'. Não dá!

Sonho de consumo?

É um megasonho, mas queria um avião. Não para exibir, mas adoro de voar. Qualquer avião.

E para 98?

Quero que achem a cura das Aids, não aguento mais perder amigos, e trabalhar, só isso. E levar minha vida em paz. ■

As reações irracionais na Câmara podem ser sintomas do “retorno do recalcado”

CARTA A BRASÍLIA

Senhores Deputados da nação: tenho 53 anos e sou um dos cidadãos que ajuda a pagar seus honorários — aí incluindo mordomias e 15º salário. Entre inúmeros adjetivos que me caracterizam, sou homossexual. Muitos dos senhores diriam, entre risinhos: bicha, viado, frango, marica, baitola — dependendo do sotaque regional dos preconceitos com que foram alimentados. Por isso, e também porque sou um cidadão sensível, eu me senti ofendido com a sessão da Câmara dos Deputados, realizada na noite de 4 de dezembro de 1997, quando se votava mais uma vez a parceria civil registrada (maldosamente chamada de “casamento gay”), que por ironia entrou em pauta junto com a votação para a campanha nacional contra o câncer na próstata. O espetáculo aí apresentado foi um “vexame sem precedentes”, no dizer do *Jornal do Brasil* de 6 de dezembro. “Os

deputados esqueceram o decoro parlamentar e se comportaram como adolescentes mal-educados”, reportava o jornal, mencionando os gritos, vaia, piadas de baixo calão, estrebuchos raivosos e gestos obscenos que pontuaram as discussões de ambos os projetos. Nilson Gibson, representante de Pernambuco, gritava: “Queremos saber a verdade da Casa!”, insinuando que quem votasse a favor do projeto de união civil seria homossexual. Não faltaram ofensas pessoais a Marta Suplicy (relatora do projeto de parceria civil), Telma



“Queremos saber a verdade da casa”, gritava um deputado, insinuando que quem votasse a favor seria homossexual

de Souza (relatora do projeto sobre a campanha contra câncer na próstata), Fernando Gabeira (notório defensor de ambos os projetos) e até mesmo a Luís Eduardo Magalhães (líder do governo, favorável ao adiamento da votação do projeto de união civil, contra seus pares que queriam rejeitá-lo imediatamente, liderados pelo religioso integrista Severino Cavalcanti, que passou todo o dia fazendo articulações nesse sentido). Voltando atrás no seu compromisso de adiar a votação, o líder do PFL, Inocêncio de Oliveira, esbravejava que o projeto do “casamento gay” é “um desrespeito à Casa e uma aberração da natureza”. E afirmava desejar “a moralidade da família brasileira” porque nasceu em Serra Talhada, interior de Pernambuco. Antes de mais nada: que distorção é essa que toma a parte pelo todo e faz com que o Brasil inteiro se equipare a Serra Talhada? Tal sessão só terminou às 23h30. Nunca nossos deputados trabalharam até tão tarde. O que havia de tão importante assim a ponto de lhes tirar o sono, nobres senhores?

Muitos deputados estavam lutando contra gente perigosa como eu e outros/as milhares neste país (não esqueçamos que sua ilibada

moral tem também belos termos para definir as mulheres homossexuais: sapatonas, motoristas, pitombas, bolachas, etc.). Mas, de fato, quem são esses “perigosos/as” homossexuais? Somos pessoas que trabalham e pagam os impostos que sustentam os senhores. Pode parecer humilhante trabalhar para viado e lésbica, mas nesse sentido os senhores são nossos empregados, não é mesmo? Porque, gostem ou não, somos parte do Brasil — e uma parte nada desprezível. Graças à invisibilidade a que fomos relegados, talvez muitos dos senhores se esqueçam que, neste país, nós homossexuais estamos em toda parte: nas escolas, escritórios, consultórios, fábricas, editoras, meios de comunicação, telenovelas, cinemas, hospitais, teatros, templos (católicos, evangélicos, afro-brasileiros), etc. Se não estivermos até dentro de suas famílias (como se pode saber, não é mesmo?), com certeza haverá neste exato momento um viado ou uma sapatona atendendo sua esposa numa loja, ensinando seu filhinho na escola ou cuidando de sua mãe num hospital. Mais ainda: talvez haja um viado escondido dentro dos senhores mesmos. Por quê? Naquela sessão constrangedora, tivemos uma

inequívoca demonstração de que muitos dentre os nobres representantes da nação podem não só estar sofrendo de irracionalismo agudo mas talvez tenham problemas sexuais tão mal resolvidos a ponto de reagir com total ignorância ante circunstâncias ligadas à sexualidade fora do padrão papai-mamãe. Não, não sou eu o único que desconfia disso. Uma extensa matéria de fundo do *Jornal do Brasil* do mesmo dia mencionava a perplexidade do próprio Luís Eduardo Magalhães ante a “estranha excitação” que tomou conta dos senhores naquela sessão, quando ocorreu “um festival de boçalidades ofensivas não apenas à instituição da representação parlamentar, mas principalmente à condição humana”, segundo o mesmo jornal. Por que tanta excitação? Qualquer leitor mediano de Freud (não sei se os senhores sabem, mas Freud existiu) pode chegar a essa conclusão ao ver os senhores fazendo da câmara um verdadeiro mictório para ostentar metaforicamente seus pintos, com medo de sofrer a desconfiança de não os ter, quer dizer, serem castrados, quer dizer, viados. Não adianta me acusar, pois não estou ofendendo os senhores. Primeiro porque, para mim, viado é uma coi-

João Silvério Trevisan
olho do arco-íris

sa óóótima, afinal é o que eu gosto imensamente de ser. Depois, se eu ofendesse os senhores já estaria condenado de saída: afinal, gozando da imunidade parlamentar, os senhores são cidadãos inatacáveis. Na verdade, o ofendido fui eu, mas sua imunidade nada me permite fazer. Segundo Dora Kramer, do JB, a atitude grosseira de muitos dos senhores ante a união civil "fere de morte o artigo 5º da Constituição, que garante os direitos individuais e diz que a discriminação atentatória a esses mesmos direitos é passível de punição legal." No mínimo, os senhores faltaram com o decoro parlamentar. A presidência da Câmara protestou? Não. Como são os senhores que fazem as regras, certamente não lhes parece injusto usar esse privilégio para ofender impunemente milhares de párias da nação como eu, merecedores de seus palavrões e grosserias públicas. E para que tanta agressão? Para não deixar dúvida que os senhores são machos, uai.

Está bem, os senhores têm horror de viado — por motivos declarados e não declarados. Mas por que tanto desassossego em função da campanha nacional de prevenção ao câncer na próstata? Imaginem: o médico precisa meter o dedo no ânus do cliente, para tocar a próstata e avaliar sua dimensão! Ora, na fantasia fóbica dos machões, a campanha contra câncer na próstata significa perder a virilidade... por causa de um dedo — coisa que não acontece nem com mocinhas virgens. Então, nobres deputados, que diabo de fragilidade é essa que levou muitos dos senhores a se converter em crianças ignorantes, cacarejando palavrões e coçando compulsivamente o saco ao ouvir falar num exame (talvez incômodo, talvez não) que pode detectar precocemente um câncer considerado a principal causa de morte entre os homens brasileiros com mais de 50 anos? Vamos falar a sério: por que tanto medo de um simples dedo (científico)? Para que os senhores não pensem que estou sendo maldoso, cito mais uma vez Freud. Pois Sigmund Freud, o criador da psicanálise, explicaria perfeitamente os motivos inconscientes que provocaram aquela sessão cheia de "brincadeiras de mau

gosto", conforme se leu nos jornais. Entre outras coisas, o pai da psicanálise diz que nós tanto mais tememos aquilo que mais nos fascina. Fazer brincadeiras de mau gosto, acusando os adversários de "viado" para ostentar macheza, é uma maneira ostensiva de defender sua masculinidade insegura. Tal reação pode ser explicada pelo conceito psicanalítico de "projeção": projeta-se no desprezado (o viado) aquilo tudo que desprezamos em nós mesmos, inclusive nossas inclinações inconfessadas. E mais: as reações irracionais evidenciadas naquela sessão da Câmara podem ser claros sintomas do "retorno do reprimido" — quando o desejo sexual reprimido de um lado surge como seu oposto, quer dizer, o exagerado ódio a esse desejo, do

A Câmara feriu a Constituição, o decoro parlamentar e ofendeu milhares de párias da nação, como eu. E para que tanta agressão? Para não deixar dúvida que os senhores são machos, uai

outro lado. Em tudo, os senhores deram uma aula de como a angústia de castração é diretamente proporcional ao desejo de ser penetrado, fantasia primária da homossexualidade. (Se precisarem conhecer melhor esse lado oculto da sua psique, consultem "Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia [Caso Schreber]", in Obras Completas, de Sigmund Freud, volume II, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, pgs. 1518 e 1519.)

Eu já disse muitas vezes que me sinto exilado em meu país. Com certeza, isso se dá por causa de gente como os senhores. Apesar de ser um escritor cinquentão, conhecido no Brasil e no exterior, com inúmeras obras em literatura, teatro e cinema, pelas quais fui várias

vezes premiado, sou obrigado a sofrer humilhação, desrespeito e baixaria, na Câmara dos Deputados, por causa da minha forma de amar. Ora, isso marca um abismo entre nós, porque minha forma de amar me traz justamente orgulho e felicidade. Conquistei-a através de muita luta, contra gente como os senhores, que me oprimiu a vida inteira e me levou a viver conflitos dolorosos, desde membros da família até críticos literários. Com parcos instrumentos, fui construindo meu próprio mundo interior, contra uma cultura inteira que não me permitia algo básico: amar do meu jeito. Sinto-me orgulhoso perante mim mesmo porque posso dizer que fui muito corajoso. Usando o linguajar nada sutil dos senhores, precisa ser "muito

macho" pra ser viado, não é? Motivos para me envergonhar, tenho outros. Por exemplo, o baixo nível de muitos dos nobres representantes parlamentares do povo deste país. Há décadas venho acompanhando (com indignação e impotência) os desmandos de muitos integrantes dessa Casa, palco de compras de votos, pugilato entre parlamentares, participação no tráfico de drogas, falcaturas em seus estados de origem, tráfico de influência, nepotismo, envolvimento com prostituição e até suspeitas de homicídio. Muitos casos passam na surdina, alguns são descobertos, outros são denunciados, mas pouquíssimos dão em alguma coisa — de modo que nós brasileiros muitas vezes olhamos essa Casa como uma autêntica pizzeria nacional.

Nela tem vigorado, contra suas próprias funções cívicas, a legislação em causa própria, com polpudos salários mensais, subvenções várias, semana de quatro dias, recesso parlamentar prolongado, convocação com remuneração extra e régias aposentadorias vitalícias. Nesse terreno escorregadio, é contraditório (para não dizer: hipócrita) ver muitos dos senhores botando pose de defensores da moral nacional — como agora, na questão da parceria civil (tanto quanto do aborto). É a sua moral contra os direitos dos outros. Se muitos dos senhores não se lembram, democracia é o regime de todos e não a tentativa de transformar o país inteiro no seu curral eleitoral. Então, cadê a democracia sexual, com direito a cada qual exercer sua sexualidade como coisa pessoal e intransferível? Ao contrário, se dependesse de alguns dos senhores nós homossexuais estaríamos de volta aos campos de concentração, não é mesmo? Pois bem, quero lhes lembrar uma coisa: sempre que colocarem suas fobias sexuais acima de toda a nação, em demonstrações públicas de baixo civismo e escassa maturidade como no dia 4 de dezembro de 1997, os senhores estarão perpetuando as sementes de um país miserável, medíocre, sem consciência democrática e sem tesão pela liberdade, a ser desgraçadamente herdado por seus filhos e netos — vários deles, quem sabe, homossexuais. Porque, gostem ou não muitos dos senhores, a integridade moral de seus descendentes está sendo defendida por gente como nós, os massacrados que já sobrevivemos à Inquisição, a Hitler e continuamos aqui, buscando teimosamente o nosso direito de amar. Sem nosso desejo libertário, gente como os senhores nunca teriam conseguido que o ser humano ultrapassasse a idade da pedra. (Para entender melhor o que digo, seria bom ver *Ela*, a peça de Jean Genet saborosamente encenada por José Celso Martinez Corrêa. Ali sim, e não em Brasília, está sendo engendrado um Brasil plural, moderno, vastíssimo e generoso.) ■

João Silvério Trevisan é escritor. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Olho do Arco-Íris" para Caixa Postal 3923, CEP 01060-970 São Paulo.

É ingenuidade pensar que o amor homossexual só vale à pena na clandestinidade

DOCE VENENO DAS TENTAÇÕES

De *Romeu e Julieta* a qualquer novela da tevê hoje em dia, o amor proibido sempre rendeu uma boa trama. Ele excita os sentidos, lança desafios, provoca guerras, disputas e, sem dúvida alguma, transforma uma história comum em um romance apaixonado e explosivo. As dificuldades para dois amantes se encontrarem, a família que é contra o namoro, o parceiro que é casado,

a diferença de idade, a diferença de raça, a coincidência de sexos, tudo isso parece não oferecer obstáculos para a enorme paixão e a terrível vontade de ficar junto.

Quem não sofreu por um amor impossível?

Pode-se dizer que pelo menos todos nós, homossexuais, começamos nossa vida afetiva e sexual experimentando os sabores de uma paixão proibida. Quem descobriu-se gay na adolescência, com certeza enfrentou dificuldades familiares de vários tipos, desde a proibição de encontrar novamente sua amiguinha até mesmo a drástica e desamorosa expulsão de casa.

Mesmo depois de crescidos, a tentação que um romance proibido exerce sobre nós é algo notável. Como explicar a irremediável atração de algumas pessoas por mulheres casadas? Ou o inverso, pessoas casadas mas que se vêem enredadas de repente em um romance extraconjugal, quentíssimo, talvez justamente por ser algo proibido?

Adicione-se a isso diferenças de raça, credo, homossexualidade e um mundo em guerra ao redor e teremos um cenário perfeito para um tórrido romance entre duas mulheres. É o que nos relata a jornalista alemã Erica Fischer em seu livro *Aimée & Jaguar — A Love Story, Berlin 1943* (Harper-Collins Ed.). Ela conta a história real da paixão entre duas mulhe-

res: Lilly, casada com um soldado nazista, mãe de quatro filhos; e Felice, uma judia lésbica vivendo clandestinamente no submundo berlinense.

O livro é belíssimo (ainda não foi lançado no Brasil) e traz depoimentos da própria Lilly e mais

romance seria tão tórrido em circunstâncias normais. A paixão seria tão grande se não houvesse a guerra e aquela sensação de viver cada dia como se fosse o último? O amor teria resistido tanto tempo se Felice não tivesse sido arrancada dos braços de Lilly e levada a um

essas pessoas nem dão muita bola para o projeto de união civil homossexual que está para ser votado no Congresso Nacional.

Apesar de respeitar esse ponto de vista, é impossível deixar de notar uma certa ingenuidade nessa opção pela clandestinidade. É como achar que um romance só é quente se houver alguns desses elementos impeditivos e o sexo bom é aquele que encontra dificuldades para realizar-se. É lógico que só se faz fogo se houver fátisca e atrito, mas a fricção pode ser obtida, psicologicamente falando, em vários níveis de experiência, e não por meio de impossibilidades e impedimentos.

Achar que a mística transgressiva de um romance homossexual pode acabar só porque um dia gays e lésbicas serão vistos como normais na sociedade é, no final das contas, uma terrível aceitação da vida na obscuridade. Como se o amor por si só já não fosse suficientemente transgressivo.

A grande bobagem é achar que o doce veneno das tentações do submundo desaparecerá depois que forem adquiridos alguns direitos civis básicos. É achar que quando um casal gay puder aparecer num comercial de TV a coisa terá se banalizado tanto que quase perderá a graça. Como se não tivéssemos mais de mil e uma maneiras de transgredir e provocar o mundo.

O doce apelo do amor proibido nunca deixará de existir. Assim como assegurar direitos iguais a todos, independente de orientação sexual, é deixar cada um livre para optar fazer uso desses direitos ou não. Quem quiser viver escondido, que viva. Eu é que não quero ver meu amor morrer definhando num campo de concentração. O máximo que um amor proibido vai me provocar é vontade de gritar: é proibido proibir! ■

Vange Leonel é cantora e compositora. Envie suas críticas, dúvidas e comentários com o título "Grrris" para Caixa Postal 11.661, CEP 22.022-970 RJ ou através de e-mail para vange@brmusic.com



algumas pessoas que conviveram com ela durante a Guerra. O modo como uma dona de casa quase nazista se transforma depois que se apaixona por uma mulher é algo tocante. Quando descobre que sua amante é judia, Lilly abraça a luta de Felice, chegando até a costurar a estrela de Davi na própria roupa. O livro todo é muito bem documentado por fotos e cartas, graças ao carinho com que Lilly guardou todas as lembranças de Felice e a ela dedicou seu amor e o resto de sua vida.

Não vou contar o final da história, mas é interessante como no pós-fácio a autora questiona se o

campo de concentração? Essas perguntas ficam no ar. Não encontraremos nunca uma resposta que não seja mera especulação.

Em todo caso, a aura de um romance proibido inspira muitos de nós em diferentes épocas de nossas vidas. Já ouvi pessoas dizerem que o que mais as atrai num romance homossexual é esse clima de obscuridade. O que excita, o que dá tesão, é o aspecto transgressor no fato de amar alguém do mesmo sexo. Argumentam inclusive que, quando o amor homossexual for algo bem aceito pela sociedade, essa magia acaba. Talvez por isso mesmo

Vange Leonel
grrris

Se 1% dos gays tivesse agido não teríamos parado nesse infeliz quebra-mola

FALTOU RODAR A BAIANA

Tenho vergonha, raiva e nojo de viver num país onde os donos do poder — os políticos, os militares, os chefes religiosos, até alguns intelectuais de esquerda —, todos se juntam num abominável sabá, conventículo de demônios fodidos, para derrubar o projeto de lei da Deputada Marta Suplicy, que regulamenta a parceria civil registrada entre pessoas do mesmo sexo.

Será que estes vetustos senhores não percebem que estão repetindo exatamente a mesma atitude burra e desumana daqueles deputados que às vésperas da Abolição da Escravatura, votaram contra o fim do cativeiro. Mesmo sabendo que os últimos países escravistas do mundo, décadas antes de 1888, já haviam enterrado o regime servil e que, inevitavelmente, a escravidão teria de ser abolida? Os argumentos dos reacionários homofóbicos de hoje são os mesmos dos escravagistas: dar liberdade aos negros — e direito aos homossexuais de registrarem sua parceria — ameaça os seculares alicerces de nossa sociedade.

A História provou exatamente o contrário: após a Lei Áurea não houve qualquer comoção pública. O mesmo passou quando da oficialização do casamento civil no começo deste século — ocasião em que o Papa chegou a ameaçar com a excomunhão quem se casasse no cartório civil. Idêntico pânico se alastrou quando da universalização do voto feminino e por ocasião da discussão da Lei do Divórcio.

Exatamente o mesmo há de suceder quando um dia for aprovada a parceria civil entre pessoas do mesmo sexo: a sagrada família, o matrimônio (e o patrimônio!) heterossexual, tudo vai continuar rigorosamente como era e vem sendo nas últimas gerações. A única mudança será que umas poucas centenas de gays e lésbicas irão ao cartório para assinar um documento através do qual gozarão alguns benefícios, hoje, privilégios de casais heteros: direito à declaração conjunta do imposto de renda,

usufruto do INSS do companheiro(a), direito à herança.

Às vésperas da votação deste projeto em dezembro/97, os deputados do PFL receberam um documento secreto onde foram informados que o Ministério da Justiça é contra o projeto “por conferir aos

da Suécia, Dinamarca, Noruega, Islândia, Groenlândia, Holanda etc etc etc, cuja união civil é um direito legal e um sucesso social.

Verdade seja dita, a culpa não é só de nossos congressistas homofóbicos, mas sobretudo da “comunidade homossexual tupini-

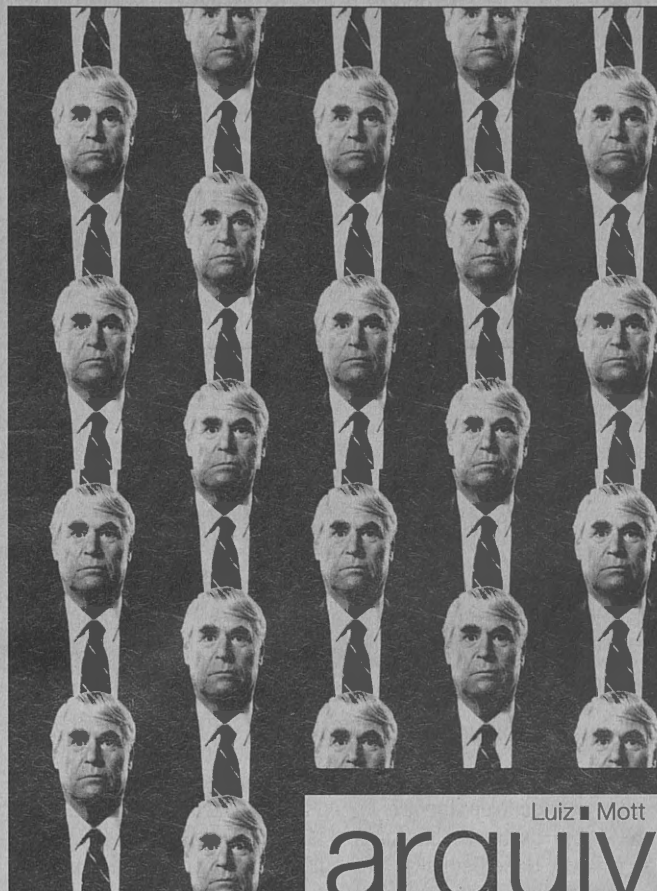
alienadas, covardes e sem discernimento. Triste país!

O que fazer, caso se confirme o aborto do projeto de parceria civil registrada? Continuar a luta. Batalhar para que seja apresentado o projeto da parceria civil quantas vezes for necessário, até ser aprovado. Eis algumas sugestões de estratégia:

Primeiro: vamos nos vingar dos nossos inimigos declarados — os deputados que votaram contra o projeto 1151/95. Vamos fazer o “outing” daqueles que praticam o homoerotismo secretamente ou têm podridões denunciadas na mídia. Temos de pesquisar junto aos rapazes de programa, donos de boates e saunas gays e jornalistas para descobrir os que têm, comprovadamente, práticas homoeróticas clandestinas. Aí divulgar tais “segredinhos” pois quem goza debaixo do pano e condena publicamente, merece desprezo e condenação.

Segundo: nas próximas eleições, temos de fazer propaganda contra candidatos nossos inimigos, impedindo que sejam reeleitos.

Finalmente, convencer nossos amigos gays e lésbicas que por nossa leseira e alienação perdemos esta batalha, mas a guerra continua. Dependerá de nossa garra acelerar



Luiz ■ Mott

arquivo mott

parceiros homossexuais os mesmos direitos assegurados aos heterossexuais”. Dizia mais: que o Ministério da Previdência Social também é contra o projeto “por criar uma nova espécie de benefício previdenciário para dependentes fora do contexto da família”.

Tais posicionamentos governamentais revelam o quanto a ditadura “heterossexista” é atrevida e poderosa neste absurdo país: direitos, só aos casais heterossexuais; benefícios, só à família heterossexual. Os homossexuais brasileiros continuarão a ser menosprezados como subcidadãos, diferentemente de gays e lésbicas

quim” pois se 1% dos 16 milhões de homossexuais brasileiros tivesse enviado uma simples cartinha aos parlamentares de seu estado cobrando voto a nosso favor, certamente tais políticos haveriam de pensar duas vezes antes de votar contra. Se as bichas e os sapatões de Brasília e Goiânia e do resto do país tivessem enchido dois ônibus, estacionado em frente ao Congresso e rodado a baiana, certamente o carro de nossa História não teria parado neste infeliz quebra-mola. Verdade seja dita: 99,9% de nossas bichas e sapatas são

o carro de nossa História, que hoje é um camburão que leva gays e travestis para a delegacia ou um rabecão a caminho do cemitério, mas que pode ser tão alegre e maravilhoso como o ônibus cor-de-rosa da Priscila no deserto. Chegar ao arco-íris só depende de nós! ■

Luiz Mott é doutor em antropologia, professor na Universidade Federal da Bahia, presidente do Grupo Gay da Bahia e secretário de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis. Envie suas críticas, dúvidas e comentários para a coluna “Arquivo Mott”, Caixa Postal 2552. CEP: 40022-260, Salvador/BA ou através de e-mail para <luizmott@ufba.br>

PÃO, CIRCO E LITERATURA

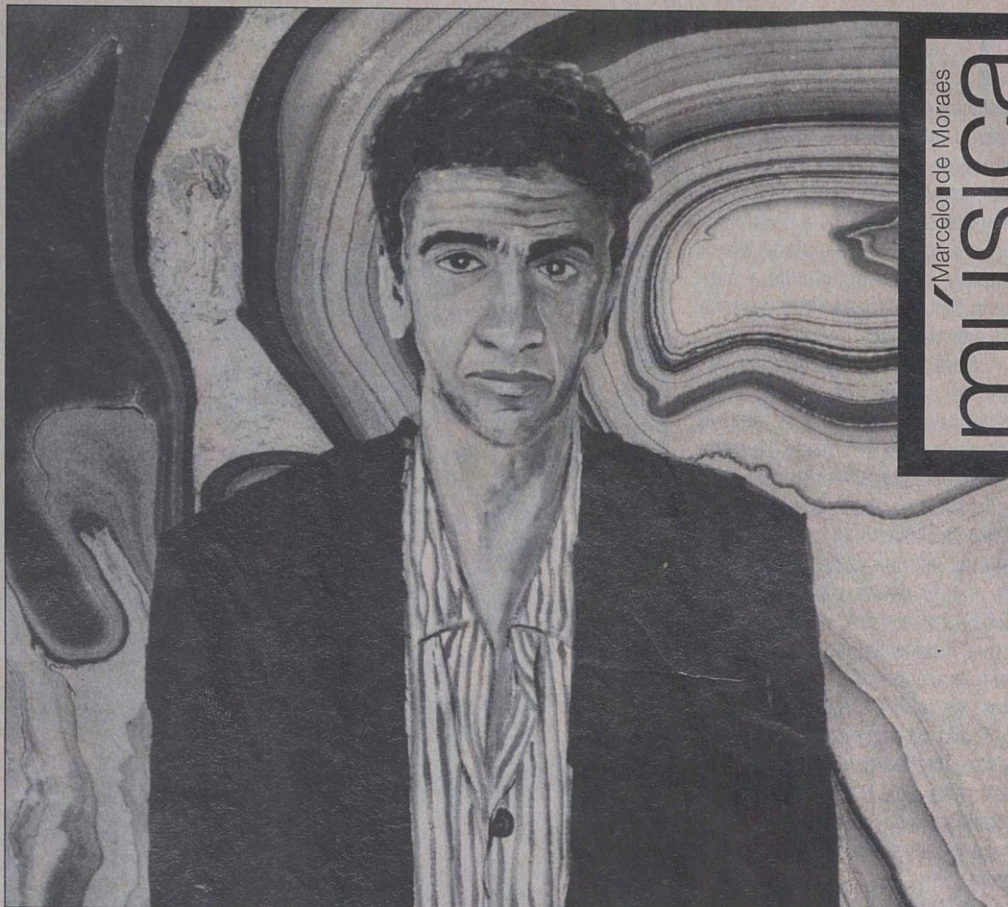
Caetano Veloso lança ótimo disco inédito e um tributo à tropicália

Caetano Veloso está com tudo e não está prosa. Depois de lançar um já superbadalado livro de memórias, vem com novo álbum oportunamente intitulado *Livro*. Sem contar com o disco tributo aos 30 anos da tropicália, movimento encabeçado por ele, Gil e Tom Zé no final dos anos 60.

A produção de Jaques Morelenbaum e do próprio Caetano é uma agradável surpresa, encerra de vez com o problema dos discos nacionais mal produzidos. É impecável, com mixagem perfeita. Nunca um disco brasileiro teve um trabalho tão bem-feito. Caetano não decepciona se mostrando extremamente afiado como compositor mesmo depois de todos estes anos. Um disco denso e ao mesmo tempo com um toque popular típico do mestre tropicalista.

A canção título faz jogo de palavras com *Chão de Estrelas Doideca*, como o próprio descreve, é um drum'n'bass sem bass e um pouco de Arrigo Barnabé. A letra brinca com nomes de pessoas, lugares, movimentos etc. A pisada na bola fica por conta da referência à festa Valdemente. Todo mundo sabe que hoje Val é uma coisa e Demente, outra. Entretanto, isto é um detalhe ínfimo dentro desta nova obra. *Você é Minha* além de homenagear a mulher Paula Lavigne, faz uma alusão à *Você é Linda*, mostrando que ele tem um estilo próprio de canções de amor. Seu filho mais velho, Moreno, brinda-o com um samba de roda de uma frase só *How Beautiful Could a Being Be*. O destaque principal fica com *Navio Negreiro*, poema abolicionista de Castro Alves, que ganhou arranjo de Carlinhos Brown e participação, além do próprio Brown, e de Maria Bethânia.

Caetano afirma que sua "profissão tem sido perseguir Chico Buarque". Quando decidiu fazer uma música falando da gravação de Nana Caymmi para *Nesse Mesmo Lugar* e de Tim Maia cantando *Arrastão*, batizou-a de *Pra Ninguém*, em contra-partida



Caetano deu o nome de *Pra Ninguém* a uma música, trocadilho com a de Chico, de quem ele diz ser 'perseguidor'

à *Paratodos* de Chico. *Onde o Rio É mais Baiano* agradece a homenagem da escola de samba Mangueira pelo enredo de alguns anos atrás sobre os doces bárbaros Caetano, Gil, Gal e Bethânia.

Sem dúvida, o contraditório poeta está em ótima fase. Para completar, chega ao mercado *Tropicália 30 anos*, um tributo ao movimento que será tema do próximo carnaval baiano. De suma importância para a MPB, e principalmente para o que é hoje feito na Bahia, o tropicalismo tem neste disco uma justíssima homenagem.

Depois que Caetano lançou *Alegria Alegria* e Gil enfrentou o preconceito por colocar as guitarras elétricas dos Mutantes em *Domingo no Parque*, eles decidiram reinventar a música brasileira provando que xote, samba e outros ritmos nacionais caíam muito bem com o rock. Assim, os dois juntamente com

Tom Zé, Torquato Neto, Gal Costa, Nara Leão e os Mutantes gravaram em 68 o histórico *Tropicália ou Panis et Circense*. De quebra, lançaram uma campanha pela valorização das raízes musicais, tirando do fundo do baú pérolas como *Coração Materno*, de Vicente Celestino.

Tropicália 30 anos não se resume apenas às músicas que fizeram parte deste álbum, mas às que, de um modo ou outro, participaram do movimento. Nesta categoria, se inclui *Os Mais Doces Bárbaros*, tema composto por Caetano para o show que reuniu os quatro de Salvador, aqui em versão mais cool e percussiva de Carlinhos Brown.

O disco abre com a canção que acabou dando nome ao movimento, *Tropicália*. Esta é uma versão no mínimo memorável, pois promove o reencontro de Caetano, Gil e Tom Zé, após 30 anos. Só isso já vale o álbum. Em seguida Gal faz

uma releitura para o hit que a transformou em musa tropicalista, *Divino Maravilhoso*. *Superbacana* ganha roupagem mais dançante com o grupo Asa de Águia. Daniela Mercury presta sua homenagem, dando um toque dramático à *Alegria Alegria*. A banda feminina Didá vem com *Procissão*, de Gil, soando como um coro de lavadeiras bárbaro. Ficou a cargo da chiquíssima Ivete Sangalo e sua Banda Eva a regravação de *Não-Identificado*. Margareth Menezes marca presença com o auxílio luxuoso do coro Dendê Diet em *Domingo no Parque*. Fechando o álbum, assim como o disco original, o *Hino do Senhor do Bonfim* nas vozes potentes de Virgínia Rodrigues e Lazzo. O tributo ainda conta com a participação de Moraes Moreira com a canção símbolo do carnaval baiano *Atrás do Trio Elétrico*, e os grupos Araketu, Banda Cheiro de Amor e Ilê Ayê. ■

Marcelo de Moraes
música

JANET JACKSON ATACA PRECONCEITO

Mais madura, irmã de Michael lança CD em que ensaia simpatia aos gays

A irmãzinha querida do cara mais esquisito do mundo está de volta com sua bela voz e atitude negra cheia de orgulho. Bem diferente do mano famoso. Aos 31 anos, Janet Jackson mergulhou no que chama de maturidade e gravou músicas menos bobinhas, ao contrário dos álbuns anteriores, dando mais consistência ao trabalho do segundo Jackson mais rico do mundo.

Ela começa por explicar o título *The Velvet Rope*, que significa o "cordão de veludo". A cantora conta que a inspiração veio das cordas usadas para fazer o corredor vip na entrada de estréias e shows, em Nova York. "Dentro da gente também existe um cordão de veludo que admite a entrada só das pessoas que



Janet: segundo Jackson mais rico gostamos", declarou. Autoproteção em excesso é mesmo uma das características dos Jackson.

Janet tenta atingir sucesso semelhante ao de Michael, desde os anos 80, com *Control*. Mesmo

sem conseguir chegar ao mega-estrelato, a moça levanta milhares de fãs ao redor do mundo. E faz a linha garotinha de aparência frágil, mas dura na queda. Quem lembra de Nasty?

O marketing deste CD investe numa viagem interior da artista, na qual ela expõe seus sentimentos mais íntimos. Mas não parece querer olhar nos olhos de ninguém. A maioria das fotos do encarte, e da capa, mostra uma Janet que olha para baixo, e, às vezes, só o corpo fica aparente.

O disco é cheio de cores inusitadas. Em *Empty*, a cantora-compositora critica a sociedade moderna e a ausência de sentimento num mundo cada vez mais cibernético. Uma visão interessante para quem já fez tantos clips com inspiração tecnológica.

Uma das melhores músicas do álbum, *Free Xone*, fala de homofobia. A letra narra o encontro de dois rapazes, num vôo. O refrão é claro: "garoto encontra garoto; garoto perde garoto; garoto ganha o rapaz bonito de volta; vamos ser livres; vamos ser...". Além disso, há uma regravação do clássico pop de Rod Stewart, *Tonight's the Night*, ao qual Janet conferiu um charme exclusivamente feminino.

Às vezes, no entanto, ela carrega demais no conceito menininha, como em *Together Again*, canção na qual sua voz soa muito parecida com a de Diana Ross. Tudo bem, a admiração dos Jacksons pela cantora mais famosa da Motown também nunca foi novidade para ninguém. ■

Ronald Villardo

BARBRA É GENTE COMO A GENTE

Cantora grava bons hinos religiosos, mas exagera no look ingênuo

Ela é uma das maiores inimigas de Hollywood. Espécie de Woody Allen de saias, ela quase nunca vai à entrega do Oscar. E não é nem um pouco querida por muitos colegas cantores e atores. Conhecida desde os anos 70 pelo filme *Funny Girl* — *A Garota Genial*, Barbra Streisand ganhou fama de difícil, temperamental, arrogante e debochada.

Em novembro, ao conceder uma entrevista ao programa americano de Rosie O'Donnell, Barbra levou seu próprio maquiador, iluminador e também seu próprio microfone. Chatice ou perfeccionismo, quem já conseguiu tanto não pode se arriscar.

Este último álbum, *Higher Ground*, parece querer dar um ar mais leve à artista de fama tão complicada e histórias tão controversas. A ideia do disco

surgiu no funeral de Virginia Kelly, mãe do presidente americano Bill Clinton. Barbra, democrata e judia, ficou emocionada com a canção *On Holy Ground* (algo como *Em Solo Sagrado*), executada no funeral. "A ideia e o título do álbum surgiram aí", declarou.

As músicas do álbum tratam de religião, perdas e saudade. O tom das músicas como *Everything Must Change* (*Tudo Deve Mudar*), *Lessons to Be Learned* (*Lições para se Aprender*), *If I Could* (*Se Eu Pudessem*), quase ficam piègas. Mas a bela voz de Barbra ofusca tudo isso.

O álbum foi gravado com uma orquestra que se disse encantada com a competência da cantora. Barbra chegou a fazer mudanças nos arranjos ligando do celular do carro, cinco minutos antes de chegar ao estúdio, deixando os pro-



Ícone gay de temperamento difícil

dutores desesperados. Irônica, depois de ter sido aplaudida por todos no estúdio após a gravação do *pot-pourri* *The Water*

is Wide/Deep River, ela sai com a pérola: "Parece razoável. Vamos fazer de novo". Barbra faz a linha "sei que sou gostosa".

Os hinos judaicos também estão abundantes neste álbum, como *Avinu Malkeinu*. O dueto com Celine Dion, em *Tell Him*, bem como uma foto das duas no encarte do CD, parece dissipar o boato de que se odiariam. Barbra foi flagrada na entrega do Oscar 97 rindo da performance de Dion, que cantou naquela edição do prêmio hollywoodiano.

Muitos dizem que Barbra Streisand é uma artista completa, por dominar tantos talentos. Chegou a hora de ela dizer aos politicamente corretos americanos que ela também acredita em Deus, e que tem sentimentos de verdade. Só não precisava aquele vestidinho rosa e aquelas flores na contracapa. ■

Ronald Villardo

JEITO NOVO DE FAZER MPB

Experimentações eletrônicas de Verônica Sabino são a cara do futuro

Verônica Sabino está em ótima fase. A cantora acabou de lançar seu sexto álbum *Novo Sentido*, no qual namora com sons contemporâneos. Um trabalho, como ela mesmo explica, evolutivo. Cosmopolita, Verônica decidiu passar para este disco um clima urbano. Mesmo fazendo uso de instrumentos eletrônicos, tendo

sonoro porque queria aproximar minha música do meu dia-a-dia que é muito urbano, caótico e apressado. Achei que a sonoridade tinha que ser mais cosmopolita de alguma maneira.

Você acha que a música eletrônica é o som do final de década?
Acho que um monte de caminhos musicais são a cara deste final de

Este trabalho é uma guinada no que você vinha fazendo. O que te levou a isso?

Vocês têm falado muito desta coisa de guinada e mudança, sei lá. Não tenho muito esta consciência, porque meu trabalho é muito evolutivo. É uma evolução do que eu vinha fazendo. Já estava rolando dentro de mim há bastante tempo.

também. Se você quiser me perguntar qualquer coisa pode, agora se vou responder é outra história. Acho que a vida pessoal do artista instiga, pois ele tem sempre aquela coisa inumana, de Olimpo. Nunca expus minha vida pessoal. Gosto de falar da minha música, a gente pode ficar aqui conversando até amanhã. Agora falar sobre o que faço na minha



Cenário urbano e visual moderno reforçam a personalidade cosmopolita da cantora; mas para penetrar na intimidade da artista, só por meio da sua música

até uma faixa trabalhada pelo DJ Zé Pedro, *Novo Sentido* não perde a sonoridade MPB. Com uma faixa fazendo parte da trilha da novela *Por Amor*, ela agora começa a se preparar para entrar em turnê este ano. Em uma conversa agradável num bistrô do Rio de Janeiro, ela conta um pouco como foi a trajetória até chegar ao conceito deste álbum.

Por que você decidiu investir nos sons eletrônicos?

Fiz uso deste tipo de tratamento

década. Tanto o retrô quanto o techno. A pluralidade é a cara deste final de década.

Apesar de todo este tratamento eletrônico seu disco soa bastante MPB. Era a sua intenção?

Este disco soa MBP? Eu não sei, é você que está dizendo. Isto é um elogio. Quando faço um trabalho não estou preocupada se ele vai ser isso ou aquilo. Estou preocupada em fazer o que estou sentindo. Se você diz que resultou numa MBP de final de século, eu acho bacana.

E quando você está pensando em fazer shows?

No ano que vem (98). Eu quis lançar o disco, jogá-lo na vida, ver como ia se desenvolver por ele mesmo, e a partir desta resposta poder fazer o show.

O público tem sempre uma curiosidade sobre a vida particular dos artistas. Até que ponto você acha que eles podem entrar em sua vida?

Acho isso pessoal. Direito todo mundo tem de tudo, de recusa

casa, na minha sala, não tenho a menor vontade.

Mas você fala de você nas suas músicas?

Direto. Se você quer saber de mim, ouça meu disco.

As pessoas têm dito que este é seu melhor trabalho. Você concorda com isso?

Concordo a partir do momento que sempre acho que meu atual trabalho é o melhor. Assim o próximo vai ser melhor que este. ■

FILM NOIR

Carly Simon

Filme noir foi um gênero cinematográfico muito popular nos anos 30 e 40. Captando a energia desta época, Carly Simon se juntou ao cantor e compositor Jimmy Webb para fazer releituras muito particulares de alguns standarts. Sem se prender às músicas que tivessem feito parte da trilha sonora dos filmes noir

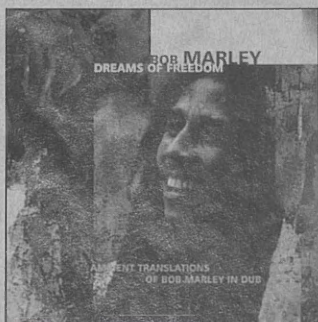


eles escolheram canções que bem poderiam figurar em algum destes clássicos. Pérolas como *Er'ry Time We Say Goodbye* e *Lili Marlene* ganham uma roupagem nova na voz serena de Carly Simon. Ao ouvir *Film Noir* pode-se ver saltar do CD player artistas como Humphrey Bogart, Marlene Dietrich e Lauren Bacall. Três chic.

DREAMS OF ...

Bob Marley

Um dos melhores discos do ano *Dreams of Freedom* é uma compilação de clássicos do papa do reggae em versão dub. O responsável por esta magia hipnótica foi o produtor americano Bill Laswell. São 11 faixas incluindo hits como *Exodus*, *No Woman No Cry*, *Is This Love* e *One Love (People Get Ready)* transformadas em viajantes remixes ambientes. Vai agradar não só aos fãs de reggae como



aos chegados no som da nova era (ambient music, não a chatice do new age). Em tempo, dub é uma série de efeitos que aumentam a potência do baixo e da bateria e alogando notas e fazendo uso de ecos.

GREATEST HITS LIVE

Earth, Wind & Fire

Desde os anos 70 o Earth, Wind & Fire vem colecionando inúmeros sucessos. Depois de ficarem um tempo desaparecidos da mídia, eles voltam com este registro ao vivo feito há dois anos no Japão. Com seu pop dançante misturando jazz, funk, soul, gospel e rock, eles provam que suas músicas são imortais. Impossível não mexer as cadeiras ao som de *September*, *Boogie Wonderland*, *In The Stone*, *Let's Groove* e *Fantasy*. A banda se mostra tão afiada quanto nos seus áureos tempos. São 75 minutos do mais puro groove. Um disco obrigatório na coleção de qualquer um.

BECOMING X

Sneaker Pimps

A nova promessa do pop britânico, o Sneaker Pimps faz um híbrido entre a new wave e



ritmos contemporâneos. O trio formado pelo tecladista Liam Howe, o guitarrista Chris Corner e a vocalista Kelli Dayton tem tudo para ser a sensação da temporada. *Tesko Suicide* com climão B-52, principalmente no refrão, conta uma inusitada história sobre comprar um kit suicida em uma famosa rede de supermercados britânica. *Becoming X*, a faixa que dá nome ao álbum, possui uma aura densa de mistério, e *Spin Spin Sugar* é Garbage na melhor

forma. Como disco de estréia *Becoming X* é um excelente cartão de visitas.

TUBTHUMPER

Chumbawamba

Apesar do nome esta não é mais uma banda australiana de surf. Chumbawamba é um combo inglês formado por oito integrantes. Com um trip hop pendendo hora para o rock, hora para o pop, o octeto consegue fazer um disco eficiente. A influência dos Talking Heads fica absurdamente clara na faixa *The Big Issue*, que chega quase a ser um plágio de *Road to Nowhere* clássico dos cabeças falantes. Independente disto *Tubthumper* é um disco bem humorado e perfeito para animar festas modernetes.

DEATH TO THE ...

Pixies

Os Pixies não voltam mais. Essa frase é do próprio cabeça do grupo Frank Black (que na época do auge da banda, intitulava-se Black Francis). Conscientes de que tudo na vida tem um limite, eles lançam a coletânea *Death to the Pixies*, um álbum duplo. No primeiro CD, encontram-se



clássicos como *Debaser* e a deliciosa *Wave of Mutilation*. No segundo, estão apresentações ao vivo da banda que aliciou fãs como Kurt Cobain. O líder do Nirvana confessou à revista *Rolling Stone*, em 95, que estava tentando imitar o Pixies quando escreveu *Smells like Teen Spirit*. A interpretação ao vivo de *Debaser*, por trazer tantos sons esquisitos feitos na voz de Francis/Frank, vira faixa histórica. Difícil evitar a expressão desgastada: a coletânea é um *must have*. (R. V.)

EVOLUTION

Boyz II Men

Eles são black e cantam rythm and blues. Novidade até agora nenhuma. Só que Boyz II Men faz isso com muita competência. O novo álbum, *Evolution*, mostra que os garotos que estouraram no cenário da música no início desta década continuam em forma. Não que o disco traga



alguma novidade musical imprescindível. Mas por *Evolution* ser bom no que se propõe: agradar aos que gostam de pop meloso. O disco soa como aqueles programas de flashback cafonas, mas deliciosos. Bom para as horas em que você não está, sabe com é?, a fim de muita coisa, ou seja, a fim de nada. Ouça agora, se não depois alguém faz a versão drum'n'bass e aí você vai ser obrigado a dizer que achou hype. (R. V.)

TURN THE DARK OFF

Howie B

Segundo disco do homem que transformou o U2 em algo dançante e modernete. Neste novo trabalho Howie B abandonou a linha ambient de seu primeiro trabalho *Music for Babies* por ritmos mais dançantes e envolventes. Não chega a ser um disco próprio para pista, mas também está longe das viagens ambientais do primeiro. O single *Angels go Bald: Too* poderia figurar na trilha sonora de um filme de James Bond. *Who's Got the Bacon?* possui um sampler de uma ovelha que mesmo não sendo o animal que fornece tal alimento, segundo Howie é assim que lhe parece. ■

O DESPERTAR DE BRACKETT

Estréia *In & Out*, o filme mais pró-gay jamais feito em Hollywood

In & Out chega ao circuito nacional com o inacreditável título em português *Será que Ele É* e a reboque de uma bi-

imagem gay sair vencedora, não resistia à doença.

Na comédia de situações de Frank Oz, ao contrário, gays e heteros são mote de piadas arrasadoras de igual maneira. Mas, no fim, o gay pride é enaltecido e preservado. A historinha

milhões de espectadores no planeta que seu ex-professor gay era um dos responsáveis por sua glória. Catapultado para assunto do dia, o até então anônimo professor de inglês Howard Brackett tem sua vidinha besta e sexualidade exposta à curiosidade públi-

tada do filme: um sensualíssimo e longo beijo filmado cerca de 30 vezes. A princípio, os estúdios não estavam seguros da inclusão da cena na montagem final. Mas os famosos testes com pequenas audiências detectaram que a seqüência era a



Kevin Kline é um professor enrustido que se apaixona por Tom Selleck em *Será que Ele É*, inacreditável título em português para o megasucesso *In & Out*

lheteria de milhões de dólares como o maior sucesso do outono americano. *In & Out* é a produção mainstream de Hollywood mais pró-gay jamais feita.

Antes dele, o drama *Filadélfia* foi a primeira produção de um grande estúdio americano que tratava de homossexualidade em tempos de Aids. E proporcionava ao personagem gay de Tom Hanks a vitória numa feroz batalha judicial contra o preconceito aos soropositivos. Apesar de a

bolada pelo roteirista Paul Rudnick (de *A Família Addams 2* e *Jeffrey — De Caso com a Vida*) parte de um fato verídico — quando Tom Hanks, durante a entrega do Oscar, agradece sua premiação a um antigo professor gay) para imaginar o day after de um sujeito do interior cuja homossexualidade até ele mesmo ignorava.

Matt Dillon é o alter-ego de Tom Hanks, jovem ator premiado por sua atuação como um personagem homossexual, que diz para

ca e esquadrinhada por dezenas de jornalistas da noite para o dia.

Às vésperas do casamento, ele passa as poucas horas que antecedem a cerimônia tentando provar para si e para os vizinhos que é macho pacas. No colégio, os alunos começam a desconfiar do mestre, enquanto um repórter assumidamente gay, Peter Malloy, interpretado por Tom "Magnum" Selleck, cai de amores por Brackett.

É deles a cena mais comen-

preferida do público. E claro, o beijo tornou-se também a cena favorita dos produtores.

O roteiro de Rudnick costura piadas e situações em que ridiculariza tanto clichês do macho durão quanto do homossexual afetado. Barbra Streisand é o alvo preferencial de sua gags. Como na seqüência da despedida de solteiro de Brackett, em que os amigos dão de presente para o futuro noivo toda a coleção de CDs de la

Streisand. Ou ainda quando o professor, à beira do desespero, tenta mimetizar os trejeitos de um típico macho, como falar grosso, fazer comentários sobre futebol ou nunca, nunca mesmo, dançar ao som de uma música disco.

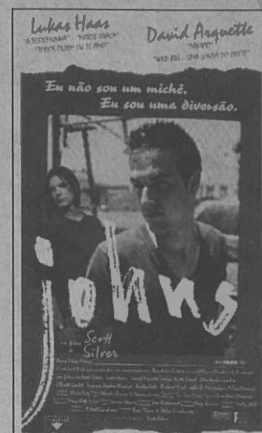
Tudo na comédia funciona como um relógio. Do roteiro e diálogos espertíssimos à azeitada direção, passando pelo inspirado trio de atores. Tom Selleck, segundo as más lín-

guas, um republicano homofóbico que ganhou milhões de dólares depois de processar um tablóide que o taxou de gay, conseguiu sair do limbo e alavancar a carreira no papel de um jornalista out.

Joan Cusack arranca risos com sua histérica noiva, uma ex-gordinha que depois de anos de regime finalmente vê seus anos de sacrifício recompensados pelo casamento. E Kevin Kline cujo histrionismo e atuação

conseguem convencer e emocionar. Destaque também para Debbie Reynolds que interpreta a mãe de Kline.

E se se pode falar em mensagem, *In & Out* prega que somente quando se descobre o verdadeiro desejo, pode-se alcançar a felicidade, e, de tabela, fazer o outro feliz. Para além de mensagens existenciais, Hollywood, ao que parece, descobriu que incentivar o outing também pode ser lucrativo. ■



JOHNS

O filme *Johns* deveria estar enquadrado no crime de propaganda enganosa. O drama mostra potencial, mas não demora a revelar que promete mais do que pode cumprir. David Arquette é o personagem-título, um michê que faz ponto em Santa Monica Boulevard. Lukas Haas (*Todos Dizem Eu te Amo*) é Demon, jovem abastado, que vive nas ruas depois de ter sido expulso de casa por ser gay. Demon se apaixona por John, que ensina ao jovem o código das ruas, mas não consegue evitar as armadilhas da violência. Scott Silver acompanha 24 horas na vida da dupla, que tenta sobreviver à selva urbana. O diretor cria tramas e personagens paralelos, que acaba não conseguindo dar conta. E cai no cacete maniqueísta comum aos filmes do gênero. Exacerba a crueldade do mundo, que cerca suas criaturas, que, se agem de maneira vil, só o fazem movidos por uma força exterior. Mas o maior dos pecados é a previsibilidade do roteiro. Haas e Arquette fazem o que podem. O destaque vai para o bom time de atores coadjuvantes, que consegue ser mais crível que os protagonistas.

Johns. Drama. Direção: Scott Silver. Produção: EUA, 1995. Paris. 1h36m.

NEM TÃO ROSA ASSIM

Hype em Cannes, filme discute tabu da sexualidade infantil

Minha Vida em Cor-de-rosa, do belga Alain Berliner, tem como tarefa investigar o universo dos desejos infantis. Tabu secular, a sexualidade em tenra idade no cinema é assunto quase inexistente ou perscrutado superficialmente. O drama de toques fantásticos sobre um garoto que pensa pertencer ao sexo oposto foi sucesso no último Festival de Cannes. E chamou a atenção pelo tema ousado e pelas sensibílimas atuações, sendo comercializado para exibição em 35 países.

A história centra-se em Ludovic (Georges Du Fresne, excelente), o caçula de uma família classe média, que se muda para um bairro de casas sem cerca e quintal de grama sempre verde. O mais novo dos quatro filhos dos zelosos Hanna (Michele Laroque) e Pierre (Jean-Philippe Ecoffey), e neto de uma avó fútil e generosa (Hélène Vincent), jura ser uma menina em corpo de menino.

Durante a recepção de boas-vindas aos novos vizinhos, Hanna e Pierre são surpreendidos por Ludovic metido num vestidinho rodado, arco no cabelo e batom. A princípio, os pais fazem vista grossa às tendências homossexuais do garoto de 7 anos. Mas a irrefreável determinação de Ludovic em dizer-se garota e sua declaração de amor ao coleguinha da escola, conduzem o menino à inevitável visita ao divã de uma psicóloga.

A aridez da ciência em



Hélène Vincent é a avó do pequeno Georges Du Fresne: precoce

explicar tal fenômeno, a intolerância de escola, colegas, vizinhos e sociedade em geral e a própria inexperiência para lidar com os problemas de Ludovic, levam Hanna e o marido à beira da crise familiar e conjugal.

Os pais passam da indulgência à repressão ao longo do filme. E no meio deste turbilhão de sentimentos conflitantes, está o garoto, que não consegue entender a razão do frege familiar-escolar e só encontra amparo nos braços da avó e da fantasia rasgada.

Em seus devaneios em busca de uma saída, Ludovic sonha viver no mundo cor-de-rosa da boneca Pam, uma espécie de Barbie louríssima, e imagina que sua homossexualidade é fruto de um erro genético. Mas quando a

realidade é pesada demais, o menino chega a tentar uma saída mais radical.

O engenhoso roteiro é de Chris Stappen, autora assumidamente lésbica, que ganhou bela e tocante transposição para o cinema de Berliner, casado e pai de dois. Mas nem roteirista, nem diretor conseguem dar conta do material que têm nas mãos. A narrativa equilibra-se entre o fantástico e o realismo, o drama e a comédia.

Mas perde-se em subtramas e repete situações, esvaziando a força dos conflitos dos personagens. Apesar de não pretender indicar soluções, Berliner aponta para um conceito básico: a tolerância à diferença. Algo como, viva e deixe viver. ■

ookstore

Livros que divertem, provocam, inspiram

Uma Biografia

código 009
R\$ 34,90
349 pág.

A vida de um dos mais polêmicos artistas americanos, gay e obcecado pelo submundo sexual de N.Y.

Antes que Anoiteça

código 001
R\$ 16,90
351 pág.

Autobiografia do escritor cubano Reinaldo Arenas: vida, morte, homossexualismo e o regime político que o condenou ao exílio.

O Porteiro

código 002
R\$ 17,90
234 pág.

No exílio norte-americano, Arenas narra a história de sexo e solidão de um refugiado que se prostitui e trabalha num luxuoso hotel.

A Velha Rosa

código 010
R\$ 12,90
126 pág.

Romance. O mundo de Rosa lhe foge ao controle. O filho tenta sobreviver num campo de concentração para homossexuais.

Uma História

código 014
R\$ 35,00
420 pág.

Um estudo sobre a homossexualidade, desde a pré-história até a atualidade, num estilo que ganha imediatamente o leitor.

O Fim de Semana

código 013
R\$ 20,00
208 pág.

Elogiado pelo New York Times, Cameron investiga o relacionamento humano na era da Aids num livro inesquecível.

Agora que Você já Sabe

código 011
R\$ 19,90
316 pág.

Relatos. Experiências de pais de gays e lésbicas reunidas num livro que sugere maneiras de se lidar com a questão.

Pecados Safados

código 003
R\$ 11,90
158 pág.

Romance. Sob o pseudônimo de Betti Brown, a autora narra suas aventuras no mundo lésbico de Curitiba.

u

código 015
R\$ 15,00
4 pág.

Livro de poesia de Antonio Cicero. O autor vagueia por versos urbanos, apaixonados, sombrios e clássicos.

Testamento de Jônatas Deixado a David

código 004
R\$ 5,00
152 pág.

Contos. Estréia de Trevisan na literatura. Paixão gay, revolução política, a aventura do desejo num cenário do final dos anos 70.

Jesus A Luz da Nova Era

código 008
R\$ 11,90
190 pág.

Ensaio. Uma visão eclética e ecumênica das palavras de Cristo. Com dois textos sobre homossexualismo.

Manual do Pedólatra Amador

código 006
R\$ 10,00
180 pág.

Gluco Mattoso narra sua trajetória desde a infância ao se descobrir um aficcionado por pés masculinos.

F. Submissão

código 002
R\$ 24,90
400 pág.

Romance. Uma jornalista do interior da Califórnia se envolve no bizarro mundo do sadomasoquismo.

Nome: _____			
Endereço: _____			
Bairro: _____	Cidade: _____	Estado: _____	
CEP: _____		Telefones: _____	
Desejo receber, no endereço acima, os seguintes livros:			
Código	Quantidade	Preço Unitário	Preço Total
Valor Total da Compra			
Forma de pagamento:			
<input type="checkbox"/> Envio cheque nominal à SG-Press			
<input type="checkbox"/> Cartão CREDICARD	Número: _____	Validade: _____	
<input type="checkbox"/> Cartão DINERS	Número: _____	Validade: _____	

Glaucomix, o Pedólatra

código 007
R\$ 5,90
48 pág.

Versão do Manual do Pedólatra Amador em quadradinhos.

compre e p a CAIXA POSTAL 11661 - CEP 22022-970 - Rio de Janeiro/RJ
(021) 256-5967. Os livros serão enviados em casa, sem acréscimo

CARNAVAL DE ELITE

Clássico do carnaval carioca, o clube Elite (na Av. Mem de Sá, Praça da República, Rio de Janeiro) já começou os trabalhos deste ano. Às sextas-feiras, os pré-carnavalescos já estão à toda. No carnaval propriamente dito o lugar LOTA de barbies suadas a fim de TUDO. Para quem já conhece: o chão do Elite continua tremendo e dando a impressão que tudo vai cair.

Para os visitantes: não se assustem; não cai. A fim de divertimento descompromissado no carnaval? É lá mesmo!

LÉIA BASTOS NA MAD QUEEN

As Emissárias do Além é o nome do show que Léia Bastos apresenta ao lado das tops Silvetty Montilla e Cinthya Gregory, aos domingos na Mad Queen (Al. Dos Arapanés, 1364 - Moema). O show é uma das coisas mais engraçadas da noite gay de São Paulo. Elas promovem uma espécie de culto evangélico no



Léia Bastos ficou passada com Alma Smith

qual a platéia participa com ardor. O melhor é que em vez de doar dinheiro para as emissárias, o público é que ganha prêmios. Vá preparado. Elas chamam as pessoas no palco, pedem para dançar e tudo. Muito engraçado. Até porque uma das drags, chamada simplesmente Nenê, sempre dá um jeito de destruir o cenário. Acreditem, não é intencional, ela é desastrada mesmo. Por falar em Léia Bastos, ela ficou indignada por ter perdido o prêmio de Melhor Drag, concedido pela coluna Noite Ilustrada, da Folha de S. Paulo, para Alma Smith. Até por isso, ela está incrementando ainda mais o espetáculo. Quando em São Paulo, não esqueça de conferir.

OVER NATIVA



Pousada na Ilha Grande.
Suítes com ventilador e frigobar. Sala de TV e jogos.
Privativo opcional.

Av. Getúlio Vargas, 517
Vila Abraão - Ilha Grande
Angra dos Reis / RJ
Cep: 23900-000
Representação Rio de Janeiro:
telefax (021) 509 - 7781

STRAUSS BAR

O mais novo ponto de encontro das tribos GLS de Itierói

Drinks especiais
Música ambiente
Sala de vídeo

De quarta à domingo
a partir das 21h

Informações e Reservas
(021) 9994-8145

Rua José Bonifácio, 81
São Domingos. Itierói

RUBINHO BARROSO



OPÇÃO CERTA DO CARNAVAL!!

IMPERATRIZ R\$ 200,00
MOCIDADE R\$ 280,00
BEIJA-FLOR R\$ 250,00
UNIÃO DA ILHA R\$ 200,00
ESTÁCIO cupido R\$ 100,00
calpira R\$ 80,00

Telefax:
(021) 247-7683
(021) 522-6055

www.atares.com.br/surpresa

CARNÊS E CARTÕES DE CRÉDITO

FRISSON

Um Êxtase

Iluminação de
última geração
Telão de 200"
Ar condicionado
2 Bares
Labirinto e dark room
Shows
Festas

Sexta e Sábado
A partir das 23 horas

Fone: (034) 235-9703
Av. João Pessoa, 423
Centro - Uberlândia / MG

TURISMO GLS

Receptivo, Regional,
Nacional e Internacional.
Aéreo e Terrestre.
Atendimento Individual
e a Grupos.
Discrição e Sigilo.

Contamos com apoio de:
Yone Lindgren - Mov. D'Ellas



Always - Tour

Rua Sete de Setembro, 43 - sl. 803 Tel.: (021) 221-3362
Centro - Rio de Janeiro - RJ Fax: (021) 221-7429
CEP: 20050-003

Ala TE LIGA NA SAPUCAÍ! CARNAVAL NO RIO

Desfile das melhores escolas do RJ.

BEIJA-FLOR / IMPERATRIZ
SÃO CLEMENTE

Outras informações pelo telefone:

(021) 376 - 6232

OU

C.POSTAL 15.608 R.JANEIRO-RJCEP 20132-970

Venda de fantasias de ala. Representante autorizado.

www.atares.com.br/~amato

RECANTO DO ARCO-ÍRIS

Pousada GLS
Tratamento VIP

03 refeições
excelentes,
salão, jogos,
piscina, sauna,
vôlei, bicicleta
ergométrica,
esteira,
caminhadas,
lagos para pesca
e remo, água
de nascente...

PREÇO CASAL
R\$ 120,00 - 50% à vista
e 50% pré-datado
em 30 dias

Reservas: (021) 621 - 0009
(021) 227 - 0333 (Vilma/Lilian)
(024) 463 - 1375 (Mara/Vilma)

Eng. Paulo Frontin - 1:30h do Rio de Janeiro

BOITE VOGUE

ABERTA DE
QUINTA À
DOMINGO COM
SHOW E
PERFORMANCE
DE GOGOBOYS

RUA PRESIDENTE
BANDEIRA, 385
ALECRIM - NATAL / RN
COBERTURA

STREGATO

A sua mais nova
opção unissex
na Tijuca

Moda Fashion
Preço de fábrica

(021) 567 - 7389

Rua Conde de Bonfim,
106 Iojá 103 - Tijuca - RJ

BOBAGE SOB NOVA DIREÇÃO

O clube carioca Bobage (Av. Bartolomeu Mitre, 613 - Leblon) está sob nova administração. Acontece que o lugar abriu de maneira confusa, ninguém sabia exatamente que tipo de público estaria por lá. Depois de fechar e abrir novamente, esperava-se que o clube tivesse remodelado seus conceitos. Não aconteceu. Agora, aparentemente as coisas se acertaram, e os donos contrataram alguém que entende do assunto. Este mês eles inauguram suas noites de sextas e sábados com DJ's convidados. Revezam-se o tecno Ricardinho NS, e o carioca Gustavo, a quem a gente pede que não encha o ouvido de ninguém falando "vamos em frente que atrás vem gente" no microfone. Esta coluna apóia o The Bobage, como agora vai se chamar, e torce para que os DJ's tenham sucesso e consigam transformá-lo num lugar legal para a gente poder se divertir neste verão que promete ser bem agitado.

X-DEMENTE FICA INTERNACIONAL

Fábio Monteiro faz a sua festa de carnaval, no dia 21 de fevereiro. Só que desta vez o evento é realizado em parceria com a Big Blue Marble, uma produtora americana conhecida do povo de Nova York. E finalmente o Rio passa a fazer parte do circuito internacional de raves. A festa chama-se *X-Demente-Big Blue Marble* e a produtora já está fechando pacotes nos Estados Unidos para trazer os turistas para passar o carnaval na cidade, com o ticket incluído. Isso quer dizer que a Fundação (Rua dos Arcos s/n) vai estar lotada de gringos, neste dia. Dica: geralmente eles adoram latinos.

NOITES COM ARTE NO GLITTER

A noite *Culture Club* de Elza Barroso e Michael Koellreuter continua lotando às quintas-feiras no bar Glitter (R. Francisco Leitão, 490 - Pinheiros). Depois do sucesso de Justin Berkman, DJ do Ministry of Sound, em dezembro, eles apresentam em janeiro a exposição das polaroids do maquiador Cacá Moraes. O som da pista fica com a house de Felipe Venancio. O bar congrega o povo de teatro, cinema e os mais modernos de São Paulo. É sempre bom lembrar que a noite começa cedo no Glitter. Às 20h. Não vai chegar às três da manhã!

AFTER-HOURS GAY NA JUST

Os after-hours que pipocam em São Paulo sempre têm aquele argumento simpaticante, tipo todo mundo é bem vindo. O que é bem legal, aliás. Mas, atendendo a pedidos, o clube Just (Av. Tietê, 580), que é assumidamente gay, inaugura em fevereiro seu after-hours gay. Vai funcionar às sextas-feiras. O residente é o DJ de olhos verdes Alfred. A Just tem três andares, o ar condicionado funciona à toda, e tem até uma piscininha no andar de baixo com umas cadeiras à volta, fazendo aquele ambiente para o papo amigo. O doorman do clube é o já lendário Johnny Luxo.

Ter a sensibilidade para podermos avaliar o belo.

Já nos colocamos num patamar de pessoas privilegiadas com o viver. Viver é vida. Vida é saúde.

Convivendo com a saúde bucal há vinte e cinco anos, faço um convite para você poder também se avaliar.

ODONTOLOGIA

ESTÉTICA - PROTÉTICA - CIRURGIA - EMERGÊNCIAS

Dr. Luiz Costa

CRO 5155

Tel.: (021) 236-0069 Copacabana-RJ

TERAPEUTA HOLÍSTICO

João Castro

CRT - 25898

Stress, coluna, alongamento, relaxamento, depressão com aplicações de REIKI e massagens. Tratamento especial para portador do HIV e para casais de ambos os sexos. Atendimento personalizado.

Telefones:

(011) 935-1636

(011) 3667-6204

Higienópolis
São Paulo - SP

DEPILAÇÃO À DOMICÍLIO

*Masculina/Feminina

*Material descartável

*Cera fria e quente

de base vegetal

hidratante

*Sistema Ro-Ion

*Todos os tipos de pele

*Atendimento

personalizado

*Com hora marcada

*Somente para

São Paulo

(011) 6959.5765



EM SÃO PAULO,
PARA ANUNCIAR
NESTE ESPAÇO
PROCURE A
PORTO BRASIL.
(011) 284-7741
(011) 251-5873

ADVOGADA

Vilda Merka Gerolimich

Serviços jurídicos generalizados:
inventários, partilhas, testamentos,
legalizações de imóveis.

(021) 339-2566

Entre em 98 com estilo
Não perca a edição especial da
SuiGeneris



Já nas
bancas



O MAIS POLÊMICO
APRESENTADOR
CARICATO DE
SÃO PAULO

CONTATO PARA SHOWS
(011) 221 - 6531

HUMOR
INTELIGENTE PARA
TODO TIPO DE
EVENTO

Frank Ross

CLUBE SPARTACUS
A MAIOR E MELHOR DE RECIFE

RECIFE'S LARGEST CLUB
ALL NIGHT LONG
OPEN 7 DAYS A WEEK

rua João Ivo da Silva, 95
Madalena, Recife - PE
(081) 228-6828

bar - vip - boom - saunas

aberto diariamente das 15:00 às 25:00

Thermas Soho

Vapor
e seca
com som

Bar

Lanches

Dark Room

Massagens

Cabines

Todos os dias
das 15 às 24h

Ed. Nicola Caminha SCS, Qd. 05 Bl. A
Subs. 34 Brasília - DF Tel.: (061) 323-7799

TERMAS BOA VISTA

* * * * *

A única 05 estrelas de Recife
Melhores * ambiente * atendimento
higiene * público * preço

R. Dom Manoel Pereira, 63 - Boa Vista
Recife - PE Fone (081) 423 - 3404
E-mail: joel@elogica.com.br

Nas bancas!

Ano 2 - nº 7 RS 4,50
Versão proibida para menores de 18 anos

homens

DR. COCK
"Minha família me
botou na rua"

RENAN
Corpo suado com
sabor do pecado

CINDY BABADO
Diz quem é quem
na noite paulista

ENTREVISTA
Os segredos de um
pornô à brasileira

FETICHE
O fascínio da juventude

FABIAN
Da Amazônia, ele mostra
o poder da Anaconda

DESCUBRA O SEGREDO DA SELVA

Ou assine e receba em sua casa, num envelope discreto: (021) 256-5967

roteiro

BELO HORIZONTE

Yes.
Boate. Não é muito grande, e a frequência é totalmente gay.
R. Maranhão, 1123 — Funcionários

Blow Up
Boate. Mais frequentada por meninas. Funciona de quinta a domingo.
R. Tem. Brito de Mello, 267 — Barro Preto

Café Com Letras
Café. O lugar de todas as línas de BH. Mistura livraria e café. Como todo ambiente cercado de cultura, o espaço enche de meninos intelectuais, querendo discutir o sexo dos anjos. Calma, as barbies também vão. Na dúvida, vá de óculos.
R. Antonio de Albuquerque, 781 — Savassi

Lurex Disco Club
Boate. O clube mais badalado de BH. Por lá toca Anderson Noise, o top DJ de BH. Tem dois andares, telão e laser.
R. Ouro Preto, 301 — Barro Preto. (031) 337-3423

BLUMENAU

Victor ou Victoria
Boate. A única boate da cidade. Abre somente às sextas e sábados. É pequena e o dj é uma drag, garantindo diversão extra.
R. Sete de Setembro, ao lado do Hotel Glória

BRASÍLIA

Sebastian Bar
Bar. Lugar friendly, frequentado por modernos. Decoração clean, e o charme são as massas.
SCLN 107 — Bl. A/ J 59 — Tel (061) 273-6759

Beirute
Restaurante. Lugar mixed. Ficou conhecido como Gayrute. Todo o tipo de público vai lá. A movimentação acontece também do lado de fora, onde as pessoas ficam paquerando encostadas nos carros.
Super Quadra 109 Sul

Café Savana
Bar. Serve para jantar na parte de dentro ou só como bar nas mesas do lado de lado.
SCLN 116 Norte — Bloco A/ J 4

CAMBURIÚ

New Heaven
Boate. Dois ambientes separados. O bar funciona de quinta a domingo. A boate só abre às sextas, sábados e domingos.
Av. Brasil, 3801 — B Tel. (017) 361-0572

CURITIBA

Queen Mix Club
Boate. Pista no andar de baixo e bar em cima. O som é house e techno. No bar de cima rola pop internacional. Os go go boys costumam ficar à vontade no banheiro da boate, que já ficou famoso.
Alameda Cabral, 421 — Centro. Tel (041) 223-4552

Nick Havana
Bar. O point tem dois ambientes. O som é de tudo um pouco. Desde pop até house. Funciona às sextas e sábados. E um dos lugares para se ir antes da boate. Fica lotado lá pelas 22h.
R. Francisco Torres, 272 — Centro (041) 263-4884

Classic
Bar. Daqueles com música ao vivo. As meninas lotam o lugar que funciona às sextas e sábados.
R. Marechal Floriano 1535 — Centro

Só Para Maiores
Bar. Um bar amplo onde se pode jogar sinuca e ouvir música pop internacional e brasileira. Funciona de terça a domingo, no horário da happy hour, de 18h em diante.
Alameda Cabral, 164 — Centro tel (041) 233-8383

21
Bar. Mais um daqueles bares onde se joga sinuca. O horário de chegar é por volta das 23h, antes de ir para a boate. O público é moderno. Heteros dividem mesas com gays numa boa.
Av. Marechal Deodoro, 17 — Centro

FLORIANÓPOLIS

Chandon
Boate. É bem ampla e ponto de encontro principal na cidade. Tem rampas que levam às salas de vídeo e outros cantos mais escuros do clube.
R. Felipe Schmidt, 760 — Centro

Sky
Bar. Dois andares. No segundo, existe uma pista de dança improvisada. Abre de terça a sábado.
Av. Central do Kobra-sol, 721 S. José.
(048) 247-8936

Fábrica de Arte

Bar. Ao lado de uma molduraria. Por isso a decoração conta com molduras por todos os lados, às vezes sem quadro nenhum dentro, dando um tom divertido. O horário de chegar é tipo 23h. A frequência é totalmente gay.
R. Nunes Machado, 104.(048) 224-1102

Escotilha

Bar. Não é muito grande, no entanto, os donos organizam festas especiais que transformam o bar em pequeno clube. Abre de terça a sábado.
R. Anita Garibaldi, 253

GOIÂNIA

Stonewall
Bar e Boate. Pista, salão de sinuca e área ao ar livre para o papo amigo. A frequência é friendly, mas o lugar não é assumidamente gay, apesar do nome.
R. 94, esq. C/ Av. 84 — Setor Sul

Exílio

Bar. Lugar de modernos. Não é muito grande, por isso vive lotado. Funciona de terça a domingo.
R. T-45, número 90, Setor Bueno

Equilíbrio

Bar e Restaurante. Recém-inaugurado, com grande espaço ao ar livre.
R. T-6, número 221 — Setor Bueno

Dama de Paus

Bar. Lugar que reúne os meninos mais bonitos da cidade. A decoração é bem cuidada e o lugar tem até jukebox.
Rua 88, número 79 — Setor Sul

Paradox Mix Club

Boate. Funciona de quarta a domingo. O som é techno e house. Tem também um espaço dedicado à sinuca. O melhor dia é sábado, quando o pessoal de Brasília, sem muitas opções, se joga por lá.
R. 94, número 714 — Setor Sul. Tel. (062) 224-9618

The Boulevard

Boate. A frequência deste lugar é mais mixed. O ambiente é clean, tem um espaço dedicado à sinuca, dardos e outros jogos de salão.
Av. República do Líbano, 1742, St. Oeste (062) 229-2416

MANAUS

Notívagos
Boate. Pista e bar ao som de house e techno. Tem umas gaiolas para você dançar dentro.
R. Wilken de Mattos, S/N — Aparecida

PORTO ALEGRE

Fim de Século
Boate. O clube recebe sempre dj's do Rio e de São Paulo. A frequência é mixed. Abre de quinta a domingo.
R. Pinílio Brasil Milano, 427

Doce Vício

Bar. Tem dois andares e em cima, há uma mesa de sinuca. As meninas adoram. Abre de terça a domingo.
R. Vieira de Castro, 32

Local Hero

Boate. É a mais antiga de Porto Alegre. As drags da cidade fazem show.
R. Venâncio Aires, 59

Vitraux

Bar e Boate. O espaço é amplo. Tem um palquinho para shows, e na boate ao lado toca muita MPB. Lugar preferido das meninas da cidade.
R. da Conceição, 1393

W Pub

Bar. Três ambientes, com DJ tocando no primeiro andar.
R. Venâncio Aires, 18

RECIFE

Dazibao
Bar e Boate. O espaço é dividido entre pista de dança e uma área externa onde as pessoas vão conversar, namorar e ouvir música ao vivo. Abre diariamente das 18h às 3h.
R. Progresso, 336 — Boa Vista — tel: (081) 231-2492

Galeria Joana D'arc

Lugar onde os modernos da cidade se encontram para fazer compras, e mergulhar nos bares ou na boate Boato, que é dentro da galeria.
R. Hercúlio Bandeira, 513 — Pina

Boato.

Bar e Boate. A pista é um charme especial da boate. O público é mixed. O som é anos 80.
R. Hercúlio Bandeira, 513/ids — Pina — tel: (081) 352-5300

Anjo Solto

Bar e Restaurante. Também na galeria clubber. Pequeno, faz sucesso com os modernos locais que se referem ao bar como "a creperia".
R. Hercúlio Bandeira, 513/ids — Pina

Marca D'Água

Bar. A beira mar. Tem uma parte coberta, e outra ao ar livre. O clima é cabeça, já que rola uma música ao vivo, olhando pra lua. Os mais românticos gostam de namorar por lá. Outros, preferem dar uma passada na happy hour, tipo 19h.
R. Vieira de Melo, S/nº (junto ao Novotel) — Piedade

Doktor Froid

Boate. Só é gay às quintas. Dois andares, em cima tem um bar com som independente da pista principal.
R. das Ninfas, 125 — Boa Vista

Funhouse

Boate. A exemplo da boate Doktor Froid, também só é gay às quintas. É quase um shopping center. Tem sushi clube, sex-shop e creperia (como eles chamam creperia).
Av. Real da Torre, 1013 — Torre

RIO DE JANEIRO

Farma
A praia em frente à Rua Farma de Amoeiro recebe o maior número de Barbies no verão carioca. Vale a pena dar uma checada, principalmente nesta estação, quando a cidade lota de turistas a fim de conhecer brasileiros. Aproveite a fama de latino quente e dê uma volta por lá à tarde.
Praia de Ipanema, em frente à Farma de Amoeiro

Blue Angel

Bar. A decoração do lugar é tipo anos 50 e o bar é totalmente gay. Lota por volta das duas da manhã. A frequência vai desde barbies a artistas plásticos, gente de teatro e clubbers. Nos finais de semana rola uma consumação de R\$15, que é menos do que se paga numa rave carioca.
R. Júlio de Castilhos, 15-A, Copacabana

Bobage

Boate. A mais nova boate gay do Rio. Tem dois andares, com um bar em cima para o papo amigo. Um computador fica conectado à Internet no andar de cima.
Av. Bartolomeu Mitre, 613 — Leblon

The Must

Bar e Boate. O mais novo lugar do que se convencionou chamar de baixo gay. Lá, o povo fica na rua tomando cerveja à vontade e a paquera rola solta. Por volta das duas da manhã, começa a formar fila na frente do bar. Tem dois andares, com um bar na parte de baixo, pista e varanda na parte de cima. Tem um dark room para os mais ousados, ao lado do case do DJ, com doorman e tudo.
R. Visconde Silva, 14 — Botafogo — (021) 286-1991

Le Boy

Bar e Boate. A boate funciona de segunda a segunda. Às quintas e domingos tem o show do top drag Rose Bom Bom. No verão, lota com todas as barbies e modernos da cidade. Ao lado tem o anexo, que lá pelas 3h viram um gigantesco dark room.
R. Raul Pompéia, 94 — Copacabana — (021) 521-0367

Incontru's

Boate. A drag Lorna Washington faz show por lá. Funciona de segunda a segunda. Só tem a pista e um andar de cima de onde se vê tudo que acontece na boate. Esta parte de cima também funciona como dark room informal.
Pç. Serzedelo Corrêa, 15 — Copacabana — (021) 257-6498

Rainbow
O primeiro quiosque gay à beira da praia no Rio. É comandado pelas drags-empresárias Rubirosa e Xanda. Elas abrem espaço para outras drags apresentarem seus números. O povo vai lá no início da noite e volta depois que sai da boate. É fácil de reconhecer. Tem uma rainbow flag imensa, e fica em frente ao hotel mais charmoso da cidade, o Copacabana Palace.
Av. Atlântica, em frente ao Copacabana Palace

1.140

Boate. Uma das únicas opções do subúrbio do Rio. Tem três ambientes. Em cima, há um terraço, onde o povo vai ter aquele papo amigo. O som é um pouco de tudo. Desde samba, mpb até italo house.
R. Capitão Meneses, 1140 — Jacarepaguá — tel: (021) 390-7690

Bastilha

Bar e Restaurante. O ambiente é mixed. O menu é de cozinha francesa, e lá pela madrugada os donos tiram as mesas e transformam o espaço em pista de dança informal. Perfeito para ir com o namorado ou paquerar sem a tensão das boates.
R. das Palmeiras, 66 — Botafogo — (021) 266-4438

Boêmio

Restaurante e Boate. Durante o dia funciona como restaurante natural. À noite, a drag escatológica Laura de Vison toma conta do lugar, que vira totalmente gay. Funciona da mesma maneira há anos, e continua lotando. Talvez pelos ligados e pedaços de cérebro que a drag ingere nos seus shows.
R. Santa Luzia, 760 — Centro — (021) 240-7259

SALVADOR

Club Mix Ozono

Boate. Tem dois andares, e na parte de cima há uns sofás para o papo amigo. Um bar na entrada e outro no meio da pista. Também tem uma sala de vídeo para filmes mais ousados. O dj toca house e techno.
R. Augusto França, 55 — Lg 2 de Julho — tel: (071) 321-5373

Artes e Manhas

Bar. A decoração investiu nos rostos famosos da Hollywood dos anos dourados. De Ava Gardner a Marlon Brando. É onde as pessoas vão antes das boates. Como o lugar é pequeno, recomenda-se chegar cedo para não ficar em pé esperando mesa.
R. Carlos Gomes, 809

Praia dos Artistas

Boate. Fica na Boca do Rio. O lugar oficial do verão na cidade. As barracas amigas são a Aruba e a Barraca do Charles. Vizinhas, a primeira serve uns caldos que dizem ser afrodisíacos. A segunda coloca som alto no fim de tarde, e serve petiscos. Fica lotada de turistas gays em busca de rapazes latinos.
Boca do Rio

Ateliê de Maria Adair

Bar. Dona Maria Adair é uma artista plástica fervida. O lugar é decorado com obras da artista. Bar preferido dos artistas plásticos e dos turistas mais cabeça. Tem uma área externa que dá para a rua. Fica lotado às sextas e sábados.
Café Atelier — Largo do Pelourinho

SÃO PAULO

Mad Queen

Boate. Um das boates mais badaladas de São Paulo. Tem três bares, terraço e a pista de baixo lota às sextas e domingos. As top drags Silvetty Montilla e Cinthia Gregory divertem o povo.
Al. dos Arapuanés, 1.364 — Moema — (011) 240-0088

Gent's

Boate. Ampla e lotada aos sábados.
Av. Ibirapuera, 1.911 — Moema — (011) 571-1516

Just

Boate. Tem três andares. Um espaço no andar de baixo tem umas mesinhas e uma piscina para as pessoas ficarem à volta. Todos os andares têm pista e bar.
Av. Tietê, 580 — Jardins

A Lôca

O lugar é totalmente underground. Parece um castelo medieval abandonado, e é cheio de castelos escuros. Tem um bar no andar de cima onde exibem bar com som independente da pista. Às sextas tem um alter hours que começa às 5h.
R. Frei Caneca, 916

Massivo

Boate. O público é mixed, e as noites de sexta e sábado são as mais gays e concorridas. São os dias do DJ Barbie Marcelo Tallandré, que deixa o povo nervoso. Funciona às terças, quintas e sábados, a partir das 23h.
Al. Ilu, 1.548 — Jardins — (011) 883-7505

Blue Space

Boate. Instalada em um casarão, possui espaços amplos e shows muito divertidos. Aos domingos está sempre lotada de bibas a fim de algo mais. Abre nas sextas e sábados às 22h, e aos domingos às 18h.
R. Brigadeiro Galvão, 723 — Campos Elísios — (011) 66-1616

The Cube

Bar. Continua sendo o lugar mais procurado dos modernos em São Paulo. Às sextas tem a noite Hot Stuff onde as pessoas não têm hora para sair. O dia das meninas é quarta-feira. No resto da semana, o bar funciona de terça a sábado.
R. da Consolação, 2967 — Jardins — (011) 881-9238

Paparazzi

Bar. Continua lotando de segunda a segunda. Tem uma parte no lado de fora, e rola um telão.
Av. Consolação, 3046 — Jardins — tel: (011) 881-6665

Pitomba

Bar. Lota na parte de dentro, mas principalmente na calçada onde o povo fica tomando chop e paquerando muito.
Rua da Consolação, 3161 — Jardins. (011) 852-4058

Burger & Beer

Bar e restaurante. Tipo lanchonete de filme dos anos sessenta. Frequentado por gente de moda e clubbers à noite.
R. da Consolação, 2376 — Consolação — (011) 214-1079

Tunnel

Bar e boate. O teto de vidro da entrada é um dos charmes da casa. Além da pista, a boate conta com um bar e uma adega. Abre de sexta e sábado às 23h e domingo às 19h.
R. dos Ingleses, 355 — Bela Vista — (011) 285-0246

Z Club

Boate. Para meninas e para quem gosta de MPB. De quinta a domingo a partir das 22h.
Al. Jau, 48 — Jardins — (011) 283-0033

Quatro por Acaso

Bar e restaurante. Mais uma opção para meninas. Ambiente acolhedor. Quinta a partir de 21h, sexta e sábado abre às 22h.
Av. Santo Amaro, 5394 — Santo Amaro — (011) 241-4907

Nostro Mundo

Boate. Com um ambiente rústico, a casa é uma das mais antigas de São Paulo. O forte são os shows das drags. De quarta a sábado, a partir das 23h. Nos domingos tem matiné, a partir das 17h.
R. da Consolação, 2554 — Consolação — (011) 257-4481

Nation

Boate. Com perfil e público totalmente underground, parece uma mistura dos velhos Madame Satã com Sra. Krawitz. Andrea Gram toca lá aos domingos.
Pç. Roosevelt, 124 — Centro — (011) 256-2773

Sky

Bar. Outra boa opção para as meninas. Com dois andares, música ao vivo, disco e shows de transformistas. De quinta a sábado, a partir das 23h. Domingos, a partir das 19h.
R. Santo Antonio, 570 — Bela Vista

Glitter

Bar. O novo lugar dos modernos de São Paulo. O bar é pequeno, bem decorado e tem uma pequena pista de dança onde os DJs mais importantes da cidade tocam.
R. Francisco Leilão, 490 — Pinheiros

UBERLÂNDIA

Frisson

Boate. Dois bares, pista com telão. A boate tem estacionamento privativo. Shows de go go boys.
Av. João Pessoa 423 — Centro (034) 235 9703

Roteiro por Ronald Villardo. Colaboraram Cabbé Araújo e Wellington Bueno. Para incluir seu espaço ou sugerir um roteiro envie suas informações por fax para (021) 235-0743, ou por carta para Caixa Postal 11661 — Rio de Janeiro/RJ — CEP 22022-970, ou por e-mail para suigeneris@ax. ibase.org.br

O MUST DE IPANEMA

SAUNA SECA E
A VAPOR
SALA DE TV E
VÍDEO
BAR
MUSCULAÇÃO
MASSAGEM
DUCHA

ABERTO
DIARIAMENTE
DE 15:00 ÀS
3:00 H



SAUNA
STEAM BATH
TV ROOM AND
VIDEO
SNACK BAR
FITNESS ROOM
MASSAGE
SHOWERS

OPENED
DAYLY
FROM 3 PM
UP TO 3 AM

RUA REDENTOR, 64 - IPANEMA/RIO- tel 267-1138
ENTRE JOANA ANGÉLICA E MARIA QUITÉRIA
ACEITAMOS CARTÕES
STUDIO64@NETRIO.COM.BR

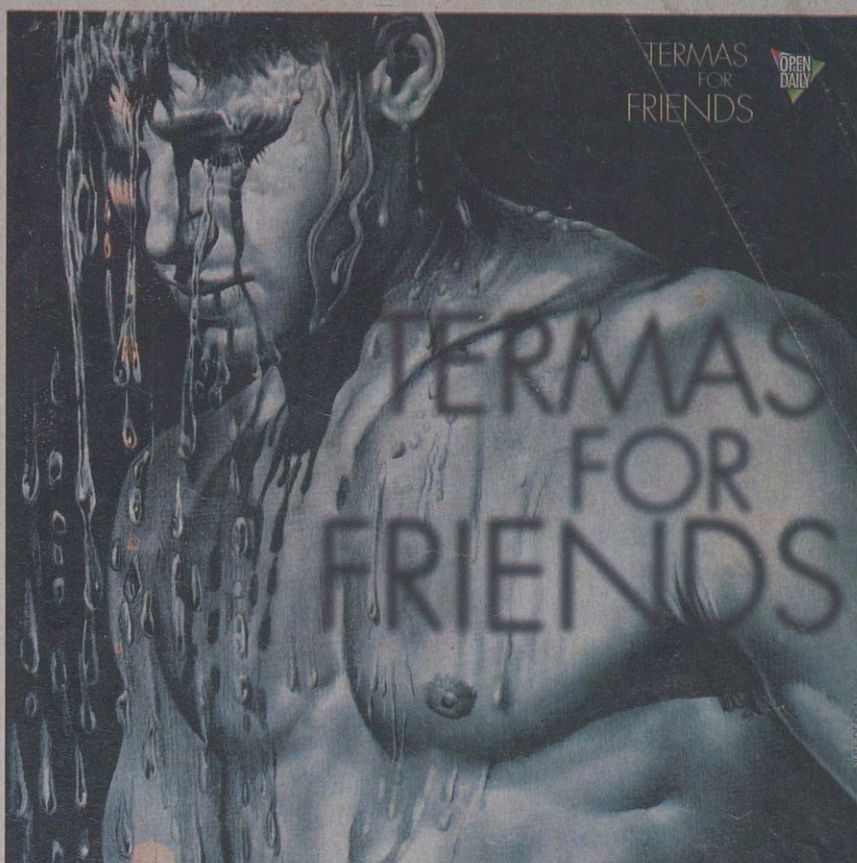
EM PORTO ALEGRE, CONHEÇA:

ARPOADOR

SAUNA

- SAUNA SECA / VAPOR
- AMBIENTE SELECIONADO E HIGIÊNICO
- RELAX INDIVIDUAL / COLETIVO
- VÍDEO
- BAR
- SOM AMBIENTE

DIARIAMENTE, INCLUSIVE DOMINGOS E FERIADOS
RUA PROF. IVO CORSEUIL 210
BAIRRO PETRÓPOLIS, P. ALEGRE, R.S.
FONE: (051) 338-4306



TERMAS
FOR
FRIENDS

OPEN
DAILY

R. Morgado Matheus 365 Vila Mariana São Paulo SP
Aberta a partir das 14 horas Tel: (011) 570.1887/571.5606 Fax: (011) 570.9468

tudo
que você
sempre quis...



BOBAGE

1 PISTA + **2** ANDARES

cyber café • vídeo laser • ar condicionado

www.bobage.com.br

AV. BARTOLOMEU MITRE, 613
DE 4ª À SÁBADO
A PARTIR DE 22H.
DOMINGOS
A PARTIR DE 20H.
(021) 259-7087

Gays têm as leis do país para denunciar violações

SEXUALIDADE, JUSTIÇA E CIDADANIA



Sheila Bierrenbach

No meio deste ano, o jornal *O Globo* publicou uma opinião assinada por alguém que se auto-intitula "analista-didata", contendo pérolas que imediatamente provocaram reações indignadas.

Do escrito *Breve Anatomia da Homossexualidade* extraem-se os seguintes trechos: "A homossexualidade tem na face interna de seus disfarces a etiqueta da psicose, quer dizer, de algo mais grave que a neurose comum de que somos todos feitos"... "Todos os homossexuais, masculinos e femininos, são portadores de um núcleo psicótico que os entristece. Mas em vez de se tratarem, dizem-se contentes, alegres"... "Na verdade, escondida por debaixo de sua alegria pueril há uma tristeza

de quem acha que o que não tem remédio, remediado está. Só que isso não é verdade. Há tratamento para os homossexuais na psicanálise desde que o queiram."

A publicação, tão preconceituosa quanto pretenciosa, expõe, com clareza, os problemas por que passam os homossexuais brasileiros. Na verdade, retirado o manto diáfano da fantasia, somos um país extremamente preconceituoso. Neste sentido, compulsados alguns verbetes do *Aurélio* encontramos: "cigano: indivíduo trapaceiro, trampolineiro, velhaco". "Judeu: amigo falso, traidor, indivíduo mal trajado, mau, avaro". "Turco: turco de prestação". "Negro: maldito, sinistro". No espaço destinado à "mulher" seguem-se, em 95% dos casos, predicados que a tornam meretriz. "Mulher pública",

por exemplo. "Homem público", no entanto, é o indivíduo que se consagra à vida pública, ou que a ela está ligado.

A leitura de nosso mais popular dicionário sinaliza que a igualdade de todos e a proibição de distinção de qualquer natureza são puramente formais. Tentamos mascarar nossos preconceitos, sem sucesso. As minorias são notoriamente marcadas e, dentre estas, os homossexuais são, indubitavelmente, os mais odiados. Neste sentido, conforme *Boletim do Grupo Gay da Bahia*, um homossexual é barbaramente morto, a cada três dias.

Setenta e três municípios brasileiros, dois estados e o Distrito Federal dispõem de leis que vedam qualquer discriminação sexual. Até hoje, ninguém foi processado. A existência de esquadões que "justiçam" homosse-

xuais é notória. Os gays sofrem violações de toda natureza, humilhações, execuções e torturas, não procurando a polícia por fundados receios do que sofrerão nas delegacias.

Impõe-se questionar como devem proceder os homossexuais.

Imperioso partir da Constituição da República que dita no seu artigo 5º: "Todos são iguais perante a lei", reforçando "sem distinção de qualquer natureza".

Tal mandamento constitucional garante o direito à orientação sexual, hetero, bi ou homossexual, enquanto expressão dos direitos inerentes à pessoa humana.

Ponto que tem merecido acaloradas discussões diz respeito ao crime de pederastia, previsto no artigo 235 do Código Penal Militar. O verdadeiro nome do crime é "pederastia ou outro ato de libidinagem", vindo assim descrito: "Praticar ou permitir o militar que com ele se pratique ato libidinoso homossexual ou não, em lugar sujeito à administração militar".

Como se percebe, a lei não discrimina o homossexual. No entanto, uma análise dos processos envolvendo militares incursos nas penas deste artigo demonstra que o destinatário da norma é, indiscutivelmente, o homossexual.

Pois bem, no limiar de um novo milênio, resta pacificado que o Direito Penal não tem legitimidade para intervir no direito à liberdade e autodeterminação no campo sexual, desde que se trate de contato entre adultos, sem coação e na intimidade.

Os gays devem denunciar as violações. Para isso, têm a seu favor a Constituição e as leis do país. Sobram profissionais de direito habilitados. A falta de recurso de alguns não constitui obstáculo à realização da justiça. Para estes, estão abertas as portas das Defensorias Públicas e dos escritórios — modelo das diversas faculdades de direito do país. ■

Sheila Bierrenbach é advogada, doutora em direito penal pela PUC-SP e professora de direito penal da UERJ e da UFRJ.